

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**RETRATOS DA VIDA: DANÇA E LAZER COMO
INSTRUMENTOS DE INSERÇÃO SOCIAL PARA A
JUVENTUDE**

KARINA CRISTOFOLETTI SARTO

PIRACICABA

2007

RETRATOS DA VIDA: DANÇA E LAZER COMO INSTRUMENTOS DE INSERÇÃO SOCIAL PARA A JUVENTUDE

KARINA CRISTOFOLETTI SARTO

Orientador: Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós-Graduação em Educação Física da UNIMEP como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

PIRACICABA

2007

KARINA CRISTOFOLETTI SARTO

**RETRATOS DA VIDA: DANÇA E LAZER COMO
INSTRUMENTOS DE INSERÇÃO SOCIAL PARA A
JUVENTUDE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós-Graduação em Educação Física da UNIMEP como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino

Prof. Dr. Edmur Antonio Sttopa

Prof^ª. Dra. Roberta Cortez Gaio

Piracicaba, ___ de _____ de 2007.

RESUMO

Este trabalho é uma combinação entre pesquisa bibliográfica e de campo, e tem por objetivo verificar se a modalidade dança, vista na interface entre os conteúdos artísticos, sociais e físico-esportivos do lazer, pode contribuir para a inserção social de jovens da periferia da grande cidade. A pesquisa bibliográfica foi efetuada a partir de levantamento inicial feito no Sistema de Bibliotecas da UNIMEP. A pesquisa de campo constituiu-se em estudo de caso, junto ao Grupo Dança Comunidade, criado em junho de 2003, por Ivaldo Bertazzo, na cidade de São Paulo, escolhido por critérios de representatividade e acessibilidade, reunindo jovens de sete ONGs. As técnicas de obtenção de dados utilizadas foram o questionário, observação participante e história oral. Alguns jovens no decorrer da pesquisa mostraram que conseguiram autonomia financeira, outros perceberam que por meio da dança a sua vida mudou, foram reconhecidos na comunidade em que vivem, o projeto a que participam proporcionou o conhecimento de outras culturas, eles superaram obstáculos para chegar a uma nova situação social, e mudaram sua visão de mundo. O resultado da pesquisa demonstrou que a dança como possibilidade de lazer contribuiu de alguma forma para a inserção desses jovens na sociedade. Com ela pudemos averiguar que projetos realizados por ONGs, de caráter inovador, envolvendo jovens da periferia das grandes cidades, mostraram que existe, sim, a possibilidade da juventude ter o direito à cultura e ao lazer e se inserir através deles, na sociedade de que faz parte, podendo, assim, modificar seus hábitos, costumes e ter voz ativa nos seus grupos sociais e fora deles, preservando a diversidade cultural.

Palavras Chaves: corpo, dança, lazer, inserção social e juventude.

ABSTRACT

This work is a combination of bibliographical and field researches, whose goal is to verify if the dance modality, seen on the interface among the artistic, social and physical and sportive contents of leisure, is able to contribute for the young people's social insertion from the suburbs of the big city. The bibliographical research was made from the initial survey done at the Library System of UNIMEP. The field research was made through the case study with the Group Dança Comunidade, born on June 2003 by Ivaldo Bertazzo in São Paulo chosen by criteria of representation and accessibility, reuniting young people from 7 NGOs (Non-governmental Organization). The techniques of data gathering used were questionnaires, participant observation and history of life. Some of the young people showed they got financial freedom during the research, others realized that through the dance their lives changed, they were recognized in the community they live in, the project which they participated gave them the knowledge of other cultures, they went through hard times to get a better social position and they changed the way they see the world. The research result demonstrated that the dance as a possibility of leisure contributed somehow in the insertion of these young people into society. By the research we were able to inquire that the projects made by the NGOs, with innovative character, involving the young people from the suburbs of the big cities, showed that there is a possibility of the young ones to have the right of having access to culture and leisure and be part of the community they live in through them, being able to change their habits, customs and have leadership inside and out of their social groups, preserving their cultural diversity.

Key words: body, dance, leisure, social insertion, youth

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo esforço e aos jovens do Dança Comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Amigo e Orientador Prof^o. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, pela sua dedicação e pela paciência neste período;

Agradeço a Banca Examinadora pela leitura carinhosa e pelas contribuições;

Agradeço a Prof^a Dr. Tânia Mara pela sua delicadeza no processo final;

Aos amigos de curso pelas trocas em sala de aula, congressos e pelos encontros;

Ao Ivaldo Bertazzo por me proporcionar pesquisar o grupo de jovens do Dança Comunidade;

Aos jovens do Dança Comunidade em geral e em especial aos que aceitaram o meu convite para participação deste, pois sem eles nada disso teria sido possível;

Aos amigos Vitor, Carol, Sandra sempre me ajudando nos momentos difíceis;

Ao Aldo que sempre contribuiu para a realização das imagens dos meus trabalhos;

A amiga Wallkiria pela grande contribuição nas traduções;

E a Deus por me dar força para concluir mais esta etapa.

SUMÁRIO

Introdução	08
1. As manifestações corporais através das danças, vivenciadas no âmbito do lazer, e a inserção social para a juventude	13
1.1. O corpo e suas manifestações	13
1.2. Dança e lazer: uma possibilidade?	21
1.3. Os jovens, suas ideologias e a busca pela inserção social	30
2. Caminhos Metodológicos	42
2.1. O universo da pesquisa	42
2.2. Percorrendo o caminho metodológico	43
2.3. Retratos da vida	48
3. Considerações finais	60
4. Referências bibliográficas	66
5. Anexo I	74
6. Anexo II	76

CORPO

(Carlos Drummond de Andrade)

Meu corpo não é meu corpo
É ilusão de outro ser
Sabe a arte de esconder-me
E é de tal modo sagaz
Que a mim ele oculta
Meu corpo, não é meu agente,
Meu envelope selado,
Meu revolver de assustar,
Tornou-se meu carcereiro,
Me sabe mais que me sei
Meu corpo apaga a lembrança
Que eu tinha de minha mente
Inocula-me seu patos,
Me ataca, fere e condena
Por crimes não cometidos
O seu artil mais diabólico
Está em fazer-se doente
Joga-me o peso dos males
Que ele tece a cada instante
E me passa em revulsão
Meu corpo inventou a dor
A fim de torna-la interna,
Integrante do meu ID,
Ofuscadora da luz
Que aí tentava espalhar-se
Outras vezes de diverte
Sem que eu saiba ou que deseje,
E nesse prazer maligno,
Que suas células impregna,
Do meu mutismo escarnece
Meu corpo ordena que eu saia
Em busca do que não quero,
E me nega, ao se afirmar
Como senhor do meu EU
Convertido em cão servil
Meu prazer mais refinado,
Não sou eu quem vai senti-lo
É ele, para mim, rapace,
E dá mastigados restos
À minha fome absoluta
Se tento dele afastar-me,
Por abstração ignora-lo,
Volta a mim, com todo o peso,
De sua carne poluída,
Seu tédio, seu desconforto
Quero romper com meu corpo,
Quero enfrentá-lo, acusá-lo
Por abolir minha essência
Mas ele sequer me escuta
E vai pelo rumo oposto
Já premido por seu pulso
De inquebrantável rigor,
Não sou mais quem dantes era:
Com volúpia dirigida,
Saio a bailar com meu corpo

Relatar minha história de vida talvez seja algo constrangedor. Nesse momento passa todo um filme em minha cabeça e faz com que as lembranças nos levem de volta ao tempo passado e relembrem fatos, coisas alegres e tristes no decorrer desse percurso vivido.

Quando criança deliciava-me com as aulas de balé, parece que estou vendo a sala de aula, essa lembrança ainda é muito forte dentro de mim. Acredito que a princípio essa prática se deu por conta de um sonho da minha mãe de menina, que ela não pôde realizar e depositou essa expectativa em mim. Mas como toda criança “elétrica” enjoei das aulas mecanizadas e deixei a dança de “lado”. Estudava em um colégio de freiras e sempre que tinha datas comemorativas, lá estava eu, ora me apresentando, ora ensaiando as meninas mais novas para apresentações.

Mais tarde decidi que queria fazer aulas de piano (como se o ensino desse, também não fosse mecanizado), e me dediquei a isso por oito anos, sendo que, cinco à música clássica e três à música popular, mas percebi que não era isso que queria para minha vida. Hoje continuo tocando piano, mas para me “desestressar”

Então, adolescente retomei as aulas de balé e nesse período minha mãe realizou seu sonho: fez aulas de balé juntamente com uma turma de iniciantes, por um ano. Passado um tempo resolvi deixar novamente o balé e me aventurar por outros estilos de dança e comecei a fazer dança de salão, e nesta sim eu me via totalmente envolvida, não que no balé não fosse, mas era uma sensação diferente da que tinha vivenciado anteriormente.

E na seqüência, terminando o curso de dança de salão, procurei por outro estilo e me deparei com uma cultura totalmente diferente: a dança do ventre. Esta dança de cultura milenar, veio sim contribuir para que eu tivesse muitos olhares diferentes sobre coisas e pessoas. E nessa busca eu queria devorar mais e mais tudo que envolvia essa arte.

No ano de 1994 decidi prestar o vestibular para Faculdade de Dança de Salvador; estive lá, mas por falta de coragem deixei esse sonho para trás. Passaram-se quatro anos e veio então a decisão de fazer o curso de Educação Física, a aprovação e não me arrependo da decisão tomada. Hoje sei que estou na profissão certa, pois na Educação Física pude e posso trilhar caminhos na área da dança.

Mas, na Educação Física conheci o lazer e então nesse período me esqueci um pouco da dança. Comecei a fazer cursos e capacitações para trabalhar com animação sociocultural em hotéis, clubes, etc. Terminada a graduação, passaram-

se seis meses e comecei a fazer um MBA na Fundação Getúlio Vargas em Turismo, Hotelaria e Entretenimento, pois estava decidida: queria trabalhar no ramo hoteleiro.

Estava terminando essa especialização quando em 2003, surgiu a oportunidade de trabalhar com lazer em escolas aos finais de semana, e fui contratada pela UNESCO, como educadora profissional em uma das sessenta escolas de Piracicaba, em que fiquei por três anos e meio coordenando e desenvolvendo um trabalho juntamente com universitários e com voluntários da comunidade local.

Decidi então, fazer o Mestrado em Educação Física na área da Pedagogia do Movimento, Corporeidade e Lazer na perspectiva da escola, mas no decorrer do processo acabei me decepcionando com a proposta do Estado e resolvi mudar o projeto de mestrado.

Foi nesse período como educadora que redescobri a dança, e iniciei uma oficina de dança do ventre para a comunidade, e refiz meu projeto de mestrado pensando a dança como possibilidade de lazer.

E aqui estou. Passaram-se dois anos, aliás, rápido demais. Num primeiro momento, o projeto idealizado por nós tinha como proposta fazer um estudo comparativo de ONGs da cidade de Campinas, que trabalhassem com jovens e tivessem em sua programação a dança, já que em Piracicaba isso não existia. Nesse período entrando em contato com essas ONGs tivemos grandes problemas, já que muitas não queriam participar desse trabalho.

Decidimos então focar a pesquisa num estudo de caso. Assim, a pesquisa intitulada **Retratos da Vida: dança e lazer como instrumentos da inserção social para a juventude** partiu do questionamento se os jovens sentir-se-iam incluídos na sociedade atual através da dança. Diante desse questionamento surgiu a problemática da pesquisa: se a modalidade dança dentro dos conteúdos do lazer contribuí ou não para o processo de inserção social da juventude.

Dessa forma, os objetivos deste estudo são:

- Verificar como esses jovens viam a dança, antes da inserção em grupo;
- Verificar como esses jovens vêem a dança atualmente;
- E se a dança propiciou a inserção deles na sociedade atual.

Pensando nas contribuições deste trabalho para a Educação Física - que é uma área ampla de atividades, daremos uma maior ênfase ao lazer e a dança, na

qual a interpretamos como forma prazerosa de atividade física, pensando no seu caráter lúdico que esta traz consigo e nas possibilidades da mesma dentro dos conteúdos físicos, artísticos e sociais do lazer, enfatizando assim a possibilidade da inserção social e promovendo a integração dos jovens na sociedade.

São raros os trabalhos na área, tanto da Educação Física, quanto do lazer, que estabelecem a relação com a dança, e menos ainda com a juventude e com a inserção social, e nesse sentido, a pesquisa pode contribuir devido a sua originalidade.

No primeiro capítulo deste trabalho realizamos uma revisão bibliográfica, procurando fundamentá-lo teoricamente descrevendo, num primeiro momento o conceito de corpo, desde a sua visão fragmentária até as suas manifestações no decorrer da história entendendo que o corpo é uma entidade visível e por isso tem um importante papel na comunicação entre as pessoas e nos encontros da vida social (FERREIRA, 2005). Depois procuramos entrelaçar essa conceituação com a dança, já que ela é uma forma de linguagem corporal.

A dança é um meio de existir, representada em forma de jogo, de celebração, de participação e está presa a magia e a religião, fazendo parte dos momentos mais solenes da existência humana: o trabalho, a festa, o amor, a vida, a morte, a paz e a guerra Garaudy (1980).

Na seqüência apresentamos aspectos da dança como lazer e nos deparamos com essa possibilidade, através dos conteúdos culturais do lazer, nas suas características, nos níveis, no gênero, no seu duplo aspecto educativo e procuramos valorizar elementos como prazer, afetividade, criatividade e escolha pessoal. E por fim, passamos a discutir sobre a juventude fazendo um breve relato da sua história, revelando como esses jovens se expressavam e se expressam numa sociedade que apresenta inúmeras desigualdades, mas também possibilidades de inserção social .

No segundo capítulo percorremos o caminho metodológico da pesquisa de campo, onde optamos pela denominada metodologia da história oral com a técnica de depoimentos pessoais as quais permitem em situação de entrevista a coleta de dados revelando assim um período da história de vida dos sujeitos entrevistados, e num segundo momento descrevemos o universo da nossa pesquisa e interpretamos os relatos orais e depoimentos dos jovens entrevistados.

E nas considerações finais, refletimos sobre como os jovens viam/vêm a dança e se esta proporcionou a inserção deles na sociedade que vivemos.

Ao apresentarmos a dissertação, nos colocamos abertos ao debate e às contribuições de toda comunidade acadêmica.

AS MANIFESTAÇÕES CORPORAIS ATRAVÉS DAS DANÇAS, VIVENCIADAS NO ÂMBITO DO LAZER, E A INSERÇÃO SOCIAL PARA A JUVENTUDE

O nosso trabalho se inicia a partir de uma discussão sobre os significados do corpo, dança, lazer e como estes podem contribuir ou não para a inserção de jovens na sociedade atual.

Num primeiro momento descrevemos o corpo visto, ora como corpo-máquina, ora como corpo-objeto, ora como corpo-sujeito, ora como corpo-bagagem. O corpo aqui será tratado como corpo-linguagem, em que por meio da dança, que é uma arte fundada sobre a ciência do movimento, podemos expressar vários sentimentos e afetividades através dos gestos.

Esses corpos dançantes trazem consigo as marcas de suas culturas, e temporariamente conseguem transcender o poder das palavras. A dança e o lazer vem para demonstrar que ambos tem a possibilidade de criar atalhos para a alegria, o prazer, a satisfação que procuramos para tornar a vida mais leve e desenvolver indivíduos construtores ativos de suas culturas.

E por fim, contextualizamos a juventude. É nessa época que nos descobrimos, e construímos nossa identidade. Sintetizamos as histórias que marcaram a juventude desde outros tempos, e mostramos que os jovens sempre foram tidos como problema e o que eles querem é: demonstrar seus desejos em uma sociedade desigual onde nem todos tem o direito à cultura, ao lazer, a alimentação, a saúde, ao respeito e a dignidade. E é nesse período que eles cometem alguns erros, portanto cabe a nós inserirmos esse grupo na sociedade em que vivemos, desenvolvendo com o imaginário deles, pois, quando jovens acreditamos que tudo é possível.

1.1. O corpo e suas manifestações

Escrever sobre corpo é refletir sobre os seres humanos. Somos corpos e para tanto, faz-se necessário definir as concepções de corpo e movimento humano, para podermos refletir sobre esse ser que sente, pensa e age.

A compreensão do corpo foi estruturada basicamente sobre os conceitos filosóficos dualistas, ou seja, como corpo objeto, reduzido apenas aos aspectos fisiológicos e mecânicos, sendo privado de significados e expressões, dividindo assim o ser humano que sempre foi uno. Depois veio o pensamento cartesiano acentuando então essa visão, utilizando os termos mente/corpo, reduzindo assim o corpo de forma previsível, como um corpo-máquina e por isso o papel da Educação Física ficou restrito aos treinamentos mecânicos e disciplinadores, perdendo assim a sua forma de expressão (DAMASIO, 1996; CAPRA, 1997; CAPRA, 1999).

Essa visão fragmentária de mente/corpo leva-nos a aspectos negativos na educação e conseqüentemente na nossa sociedade. As pessoas não podem ser consideradas simplesmente como mente e seu corpo ser secundarizado em benefício dela, e é obvio que não devemos relegar a mente em benefício do corpo.

Corpo e mente encontram-se em interação e não fazem sentido fora desse contexto. Mente e corpo, não podem ser instrumentos manejadores. Precisamos romper definitivamente com esse dualismo e buscarmos um ser uno. Com a superação dos valores dicotômicos Capra (1999), propõe uma teoria sistêmica onde tudo está ligado a tudo, todas as partes são interligadas dando a idéia de uma rede no qual Morin (1999), com a teoria da complexidade vem para complementar vendo o ser humano como um todo, pois compreende que elementos diferentes como físico, o emocional e o social são inseparáveis.

Fraga (2000) diz que o corpo foi resultado de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e que este foi marcado muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural.

Mas será que essas teorias ficaram no passado? Vivemos numa sociedade altamente mecanizada, onde estamos acostumados a fazer tudo sempre de forma igual. Precisamos reacender esse desejo em nós de que temos e somos um corpo, que se manifesta através dos movimentos, expressões, gestos, falas, olhares entre outros e por meio deste, conseguimos criar, trocar dialogar, pois adaptamo-nos as diversas situações de vida.

Alves (1993, p.155) nos descreve que o mundo humano começa com o corpo e que:

No principio era o corpo... Tudo o que o homem criou – seus instrumentos, sua sociedade, seus valores, aspirações, esperanças, memórias, mitos, linguagem, religião, ideologias, ciências e qualquer outra coisa que possamos catalogar como proveniente do homem – foi engendrado em meio a sua luta para sobreviver. Todas

as invenções humanas foram criadas pelo corpo e em benefício deste corpo.

Nesse aspecto o autor está tratando de modo geral, que as criações humanas partiram do corpo e em benefício deste. E ainda, ele está tratando de cultura, e a subentende como tudo que não é natural. O desejo do homem de se adaptar e ser feliz na natureza o impulsiona aos feitos culturais como a música, a dança e até mesmo a religião.

Portanto, falar de pessoas é falar do que temos de mais íntimo: o corpo, no qual podemos ter inúmeros conceitos. Assim, memória e história se misturam nos corpos, e este talvez seja, “o mais belo traço da memória da vida” (SANTA’ANNA, 2001, p.03).

Dessa maneira o entendemos como um:

Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas ao mesmo tempo escondê-los (SANT’ANNA, 2001, p.03).

Pensando sobre essas características, não devemos esquecer-nos que o “indivíduo” que habita esse corpo é um ser repleto de interesses, com uma carga não obstante de desejos e desafios. Neste sentido, concordamos com Pierre Weil (1986) que o “corpo fala”; através de seus gestos e movimentos, aliás, às vezes, até mais do que com palavras.

Cada indivíduo-corpo traz consigo uma bagagem única que construiu ao longo de sua vida. É através destes corpos é que revelamos trechos da história a que estes corpos pertencem (SOARES, 2001).

Como objeto de pesquisa podemos estudar o corpo de várias maneiras entendendo que ele é ao mesmo tempo, a linguagem e seu tradutor, onde ficam inscritas as marcas da vida diferentes a cada momento vivido (BÓGEA, 2004), e o ser humano através dessas experiências vivenciadas por seus gestos ou não, consegue definir tudo: arquitetura, urbanismo, respeito, cooperação entre outros, pois tudo é corpo e por meio dele realizamos movimentos, gestos e expressões onde podemos construir uma visão de mundo.

Concordamos com Rosa (2004/A) quando nos diz que:

O que vem a ser corpo senão o suporte de grandes manifestações de expressão do ser humano. O corpo, além de sua estrutura física, é uma poderosa e complexa instituição política e cultural.

Neste contexto, o corpo é visto como um instrumento, um “suporte”, ou seja, uma estrutura que usamos a fim de atingir determinados objetivos, utilizando-o como um simples anfitrião e o que verdadeiramente importa são as grandes manifestações corporais do ser humano.

O corpo é a nossa primeira linguagem. Ele tem uma linguagem mais autêntica do que a fala e ainda nos comunicamos mesmo quando não falamos (FELTRIN, 2004) e mais, ele é conhecimento, que é revelado nas experiências sentidas, imaginadas e vividas, e através dessas podemos também educar de modo singular: não somente com palavras, mas, principalmente com gestos.

Temos ainda a contribuição de vários autores no que diz respeito à linguagem corporal, reconhecendo-a como um instrumento para nos expressarmos e nos comunicarmos. É muito útil no processo ensino-aprendizagem, ou seja, ela pode ser aprendida através da visibilidade e da prática. E o que o corpo pode na dança?

Entendemos que esse corpo consegue exprimir através da dança essa linguagem, já que ela é uma arte fundada sobre a ciência do movimento, que pode exprimir pensamentos, e sentimentos através da expressão, beleza e harmonia (SOARES, 1998).

Não pretendemos aqui, fazer um levantamento histórico da dança, mas de acordo com Portinari (1989, p.11):

De todas as artes, a dança é a única que dispensa materiais e ferramentas, dependendo só do corpo. Por isso, dizem-na a mais antiga, aquela que o ser humano carrega dentro de si desde tempos imemoriais. Antes de polir a pedra, construir abrigo, produzir utensílios, instrumentos e armas, o homem batia os pés e as mãos ritmicamente para se aquecer e se comunicar. Assim, das cavernas à era do computador, a dança fez e continua fazendo história.

Percebemos então que se a arte não fosse tão importante, desde os tempos mais remotos, talvez tivesse deixado de existir. E devido a isso, concordando com Portinari (1989) verificamos que, a dança é uma manifestação humana e através

dela podemos vivenciar nossos movimentos, já que se trata de um conhecimento vivencial e criativo, no qual os movimentos brincam, brilham, dão cor e vida ao espaço real e imaginário aos seres humanos.

Qual a nossa matéria prima? O corpo. E esse faz parte de um ser complexo, que tem desejos e necessidades. Nessa perspectiva esse corpo acaba se expressando de acordo com a sua cultura, na qual devemos respeitar a diversidade e pluralidade de cada uma.

E nesse sentido a dança é um campo de aprendizagem privilegiado já que ela foi criada e dançada pelo corpo. É uma forma de arte e de consciência corporal, no qual usufruímos dela, de seus movimentos e dos diversos ritmos. Pensando a dança como viés arte, podemos dizer que esta busca expressar algo, ou seja, um desejo, uma necessidade já que é o meio mais imediato de expressão, portanto, mais acessível as diferentes classes sociais e as diferentes idades. Talvez por isso, ela seja tão popular e vista como manifestação artística e como expressão de liberdade.

A dança enquanto educação física tem como objeto de estudo o movimento humano, e busca contribuir para o desenvolvimento de quem a pratica uma melhor qualidade de vida, já que ela enfatiza várias áreas como: anatomia, fisiologia, psicologia, cinesiologia e a própria história da Educação Física, pois ela conhece, desenvolve e otimiza o movimento do próprio corpo, integra e respeita as atividades em grupo e melhora assim as qualidades físicas básicas.

Através da dança na educação física podemos estimular a criatividade dando um enfoque maior para a educação psicomotora (RANGEL, 2002), estimulando assim quem a pratica com sensações de bem estar, auto-superação, autoconfiança, segurança entre outras, podendo ser realizada com pessoas de qualquer faixa etária e com diferentes finalidades como: desportiva, estética, recreativa, artística ou educacional. Pensamos que a dança na perspectiva da educação física não deixa de ser arte, e no que se refere ao campo da arte ela também é educação física, já que é movimento.

Reforçando nossa fala, Rosa (2004/B) relata que a dança só terá uma aprendizagem significativa aonde quer que seja, no momento em que valorizarmos os corpos dançantes em corpos sujeitos, pois estes trazem as marcas de sua cultura, contando, fazendo e refazendo história.

Pensar na sensibilidade do ser humano, enquanto ser histórico-cultural, significa pensar em qual acesso e em qual cultura este se encontra inserido, entendendo cultura em seu sentido mais amplo:

[...] num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve. (MACEDO, 1979, p. 35).

Assim, estes corpos demonstram muitas vezes através de seus movimentos os significados pulsantes em sua alma, em seu íntimo, buscando a transformação e a transcendência por meio desses corpos/dançantes. Nos apropriamos agora da canção *Animã* de Milton Nascimento na qual ele nos revela que:

“Lapidar minha procura toda trama
 Lapidar o que o coração com toda inspiração
 Achou de nomear gritando... alma
 Recriar cada momento belo já vivido e mais,
 Atravessar fronteiras do amanhecer,
 E ao entardecer olhar com calma e então
 Alma vai além de tudo que o nosso mundo ousa perceber
 Casa cheia de coragem, vida tira a mancha que há no meu ser
 Te quero ver, te quero ser
 Alma
 Viajar nessa procura toda de me lapidar nesse momento agora
 De me recriar, de me gratificar de custo alma, eu sei
 Casa aberta onde mora o mestre, o mago da luz, onde se encontra
 o templo
 Que inventa a cor animará o amor onde se esquece a paz
 Alma vai além de tudo que o nosso mundo ousa perceber
 Casa cheia de coragem, vida todo afeto que há no meu ser
 Te quero ver, te quero ser
 Alma¹

A canção nos revela a inquietude que há dentro de nós, no nosso corpo, e o que nos impulsiona a expressar-nos, a ousarmos, a criar e recriar identidades, a fim de que os nossos desejos abracem o mundo e enfim diluam-se para sempre.

¹ Disponível no CD e LP *Anima* de Milton Nascimento lançado em 1982 pela gravadora Ariola. Música nº 03.

Envolvimento, criação, buscar o novo são sensações que a dança nos proporciona, quer seja no momento que estamos dançando, quer seja quando criamos uma coreografia, ou ainda quando estamos assistindo a um espetáculo/apresentação.

Devemos ir além de nós mesmos, como nos sugere a canção e com isso acreditamos que com a dança “podemos estar totalmente engajados: corpo, espírito e coração” (GARAUDY, 1980, p.09), ou seja, podemos tocar e ser tocados, pois a dança é repleta de diversidade e pluralidade permitindo que o indivíduo seja ele próprio (BARRETO, 2004).

Não podemos nos esquecer que o corpo também é um meio de comunicação, é mídia. E Peruzziolo (2004) revela que o trabalho da mídia é inserir a figuração do corpo nas suas modalidades do dizer, organizar não um discurso com o corpo, mas articula a posse de um poder de construção da linguagem, que desenvolve um discurso sobre ele. Mídia, portanto, diz respeito à imagem e... Imagem é o veículo que o corpo se utiliza para mostrar o corpo na dança, e através dos movimentos criamos discursos que baseiam-se na “perfeição” dos gestos que revelam a verdadeira identidade dos que vivenciam a dança.

E de acordo com os autores acima citados vemos que através das danças podemos incorporar os movimentos até que estes gerem identidade. Featherstone (1995) revela que relacionamos identidade com as construções sociais. Nesse sentido, procuramos vivenciar diversos estilos de dança, ou seja, praticamos aqueles com o qual nos identificamos mais.

Com isso ao dançarmos transcendemos o poder das palavras e da mímica, pois podemos exprimir com toda intensidade nossos sentimentos, emoções e podemos possibilitar a este corpo uma transcendência temporária de sua cotidianidade, não como fuga, mas como experiência sensitiva e perceptiva de um auto-reconhecimento (ROSA, 2004/B).

De acordo com Portinari (1989, p.133):

Tomando por base a liberdade expressiva do corpo, a dança moderna reflete o contexto histórico que a gerou: a de um mundo governado por máquinas, no qual o ser humano se debate em busca de novas relações consigo mesmo e com a sociedade.

O ser humano foi treinado, adestrado para obedecer, concordar, seguir caminhos determinados pouco restando de sua espontaneidade, criatividade,

criticidade, ousadia, sensibilidade e esperança. Mas apesar de tudo isso, podemos expressar nossa liberdade e liberar nossa imaginação também pela dança.

Bertazzo (2004, p.42) aduz:

A experiência do corpo, aliada as sensações de criação do objeto e de bem estar ou de prazer, modificou e ampliou as exigências e desejos humanos. Embora o corpo humano tenha a mesma anatomia há milênios, a partir da experiência do uso do instrumento em situação de relativo conforto e segurança, a evolução foi vertiginosa. Os elaborados sistemas de ensino, criados no século passado e em nossos dias, encontram-se diante da necessidade de associar o entendimento do potencial humano ao entendimento dos limites do corpo. Isso obrigaria as pessoas a reconhecer a necessidade de uma constante experimentação da Motricidade Humana.

Essa experimentação pode ocorrer, de forma lúdica, através da dança, e quem a pratica pode encontrar prazer e se descobrir, através de movimentos ou de experiências nunca vividas, já que agimos no mundo através do corpo, especificamente pelos movimentos.

E Lima (2000, p.100) reforça nossa fala:

Se é pelo movimento que o homem se descobre e descobre sua relação com o cosmo, então é imprescindível que a educação seja motriz (motora) [...] É pela motricidade e pelo corpo que a pessoa expressa o que sente e pensa e, buscando mais transcende; pela mesma via, a pessoa percebe não apenas o mundo que a cerca, mas o próprio mundo interior.

Concordando com os autores a dança está diretamente ligada ao corpo e sua linguagem são os movimentos, criando assim um vocabulário próprio de gestos significativos.

A dança aqui é considerada como o agente transformador, que potencializa a descoberta do mundo e de si mesmo. Pensando sobre essas características, não devemos nos esquecer da “figura” que habita esse organismo; um ser repleto de interesses, mas também com uma carga de desejos e desafios.

Portanto nos cabe ressaltar que toda educação é uma educação de corpo, na qual este passou por vários momentos históricos e sempre foi palco de grandes manifestações e a dança é uma delas. Através da dança o corpo exprime uma

linguagem própria e desenvolve um espaço para o imaginário. Nessa ótica ressaltaremos agora um pouco mais sobre a possibilidade da dança como lazer.

1.2. Dança e Lazer: uma possibilidade?

Difícil descrever a dança, já que a melhor forma é vivenciando-a. De certo modo, todos sabemos dançar, cada um do seu jeito, mas sabemos.

Na educação elaboramos a experiência da dança sobre formas básicas universais de movimento. (LABAN, 1990, p.108). As pessoas se revelam através das formas de dança, demonstram sua maneira de pensar e agir consigo mesma e com os que estão a sua volta.

A dança, assim como o lazer, assume a responsabilidade de criar atalhos para a alegria, para a satisfação, a fim de atribuir significados à vida do ser humano, já que, através dela, podemos despertar a nossa imaginação. Quando fazemos algo que gostamos, por prazer, deixamos nos envolver pela música para podermos expressar sensações que foram sendo criadas ao nos envolvermos com essa atividade.

Barreto (2004, p.79) revela que:

A dança traz consigo, quase sempre, um sentimento de rebeldia e, conseqüentemente, estimula invenções e propostas de coisas novas. Estas características que ela revela são manifestações das pessoas diante da vida. Dançar como forma de lazer, celebrar ou fazer arte pode representar formas de tornar a vida mais leve e repleta de lazer.

Percebemos nesse sentido então, que a dança é a arte do movimento e que através dela desempenhamos vários papéis sociais, independente de qual sociedade ou cultura estivermos inseridos. Ressaltando a nossa visão de arte Bueno (2002, p.68) relata que “a arte não se restringe ao fazer, ou só a expressão, mas envolve também o conhecer e a invenção”.

Estudos antropológicos remotos mostram que o homem utilizou a Dança como linguagem corporal, simbolizando alegrias, tristezas, vida e morte para celebrar o amor, a guerra e a paz (NANNI, 2001).

A dança sempre teve importância nas sociedades como expressão artística, seja como culto aos deuses ou um mero entretenimento. Ao longo de sua trajetória histórica o homem reverenciou os deuses através da dança. E em tempos mais remotos ela foi difundida em ritos religiosos, pois tinha um caráter místico (CAVASIN, 2003; NANNI, 2001).

Por volta do século XIV a dança começou a tomar novas formas e passou a fazer parte da educação dos nobres. Surgiram então os estilos de dança que distinguiu os nobres dos camponeses pelas roupas e sapatos. Essa dança atualmente é conhecida como balé (CAVASIN, 2003).

Os séculos XV e XVI trouxeram algumas mudanças que se arrastaram através dos anos. Nessa época a dança tinha um sentido social, e passou a ser dançada pela nobreza em festas e grandes espetáculos teatrais como entretenimento e recreação (CAVASIN, 2003).

Depois passou a ser dançada também pela corte e as camadas populares, no qual muitas vezes foi o ganha pão de muitos artistas ambulantes, que faziam suas apresentações em feiras ou praças públicas (MENDES, 1987) na qual ficaram conhecidas como danças populares.

Na Grécia a beleza dos corpos e a perfeição dos movimentos norteavam os estilos e a dança estava inserida no plano educacional e utilizaram-na para a educação de guerreiros como forma de preparação para as lutas e afirmavam que os melhores dançarinos eram os melhores guerreiros (CAVASIN, 2003).

Com o Renascimento ocorreram muitas modificações com a dança. Surgiram as danças teatrais com o objetivo de educar o povo por meio da religião e a partir disso passou-se a utilizar elementos macabros e com isso a igreja interveio reprimindo assim todas as formas de danças (CAVASIN, 2003).

Tanto na China quanto na Índia, durante a Idade Média, a dança se apresentava de várias formas. Quando eles adoravam as divindades eles utilizavam máscaras e trajes coloridos. Dançavam durante o ano lunar, para louvar os deuses e pelas colheitas (CAVASIN, 2003).

A dança passou por um estilo modernista e com isso os professores necessitavam de aperfeiçoamentos específicos, essa tendência baseou-se nos filósofos Rousseau, Marx e Darem que focavam a expressão corporal. Mais tarde a dança consolidou-se nos salões, dançada em pares e por muitas pessoas (CAVASIN, 2003) a qual até hoje ela permanece como dança de salão.

Vemos que a dança sempre teve um caráter lúdico tanto para nobres quanto para plebeus, e muitos se beneficiaram financeiramente dela e hoje isso não é diferente. Hoje, os bailes de terceira idade também continuam acontecendo e a dança de salão que era praticada na maioria das vezes por pessoas mais velhas esta sendo procurada por outras faixas etárias também, não com o intuito de superação somente, mas pelo convívio social. Vale ressaltar que hoje existem vários estilos de danças, para as mais diversas faixas etárias. Hoje uma das danças populares mais conhecidas é o hip hop que acontece no mundo todo.

Hoje, mais do que nunca podemos verificar que a dança deixou de ser praticada somente por classes privilegiadas, onde o conceito de dança era o *bale*, e passou a ser bastante procurada por classes menos favorecidas, com outros estilos menos convencionais, ou seja, a inventividade cultural dessa população e a sua interação com a cultura popular não podem ser negadas de forma alguma. (CORNELL, 1995).

Movimentar-se com ritmo, gestos diferentes dos movimentos utilitários do dia-a-dia, estar em sintonia com a música, com outras pessoas, e com os próprios sentimentos, tudo isso é experiência da dança. Uma experiência, aliás, agradável e repleta de desafios não apenas corporais, pois através dela damos asas a nossa imaginação e a nossa liberdade de expressão, já que os “movimentos brincam, brilham, dão cor e vida ao espaço real e imaginário” (ZOTOVICI, 2003).

Nas práticas de lazer buscamos atividades que nos proporcionem formas agradáveis de excitação, expressão e realização pessoal, pois através dessa vivência temos uma fuga temporária da nossa rotina e das obrigações.

O lazer, como o entendemos hoje, surgiu na sociedade urbano-industrial (Marcellino, 2000) e foi ganhando terreno nesse período. Considerando então as características atribuídas ao lazer, talvez a mais importante, seria a liberdade de usufruto do tempo da maneira que desejamos, não nos preocupando com os aspectos obrigatórios das atividades, pois a opção é um privilégio que obtemos para ocuparmos nosso tempo, é um atributo que nos isenta de conotações que devem ser cumpridas.

O lazer será entendido aqui:

[
...] como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A

disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 1987, p.31).

Nessa ótica, não podemos nos esquecer da importância do lazer na vida moderna, ou seja, como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural (MARCELLINO, 2001).

MARCELLINO (1987), aponta duas importantes características que devem ser consideradas simultaneamente na manifestação humana o: lazer atitude é a relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade, assim qualquer situação poderá se tornar uma oportunidade para a prática do lazer, até mesmo o trabalho e o lazer tempo, considera as atividades desenvolvidas no “tempo livre” não só das obrigações de trabalho, mas de outras obrigações como as: sociais, familiares, religiosas, entre outras destacando a qualidade das ocupações desenvolvidas.

Não podemos isolar o tempo da atitude, pois, isso provocaria grandes equívocos. Se pensarmos no lazer como atitude apenas, como um estilo de vida qualquer atividade seria lazer, até mesmo o trabalho desde que atendesse a algumas características como escolha individual, nível de prazer e satisfação elevados e sabemos que para a maioria da população o trabalho não pode ser considerado dessa forma. E se pensarmos no lazer tempo somente, ocorreria alguns equívocos, já que o desemprego poderia ser considerado lazer no qual o indivíduo está isento de obrigações o que não é verdade, ele está com um tempo ocioso e não com um tempo de lazer.

Podemos dizer que o lazer, também possui um duplo aspecto educativo, ou seja, a primeira que o lazer é um veículo privilegiado de educação, e a segunda que para as práticas de lazer faz-se necessário o aprendizado, o estímulo e a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, para mais elaborados, procurando superar o conformismo, pela criticidade e criatividade (MARCELLINO, 2000).

Tratando o lazer como veículo da educação, faz-se necessário considerar as suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, tanto os objetivos de consumo, como o relaxamento e o prazer proporcionados pela prática ou contemplação, quanto os objetivos instrumentais no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem a par o

desenvolvimento pessoal e o social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao auto-aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e desenvolvimento de sentimento e solidariedade.

Neste sentido o lazer e seus conteúdos podem contribuir para a inserção de jovens da periferia. Campello (2005, p.17) diz:

Hoje, a auto-estima e a confiança num futuro melhor são marcantes nesses jovens, e apontam para a importância que atividades culturais de maior duração e alcance podem ter processos de integração social.

Concordando com a autora vemos que se jovens de baixa renda, tiveram a oportunidade de vivências prazerosas, se desenvolvendo tanto socialmente quanto economicamente e eles compreenderam melhor a realidade – que eles podem e devem se motivarem a buscarem seus objetivos de vida – alcançando assim a sua inserção social.

E numa educação para o lazer, faz-se necessário um processo educativo de incentivo á imaginação criadora, ou seja, que procure não criar necessidade, mas satisfazer necessidades sociais (MARCELLINO, 1987). A dança como lazer pode propiciar isso aos seus participantes, já que, quem a pratica está interagindo com outras pessoas, pode se divertir e aprender.

E, é nessa perspectiva, de desenvolvimento pessoal e social que o lazer pode propiciar às pessoas, além do descanso físico e mental, e o divertimento, a superação da monotonia verificada nas tarefas obrigatórias, através da vivência dos diversos conteúdos de lazer² (DUMAZEDIER, 1980).

Os conteúdos físico-esportivos, em que prevalecem os movimentos, no qual se subentende a vontade de exercitar-se fisicamente, o aprimoramento da coordenação motora, o equilíbrio dinâmico, a flexibilidade, a amplitude articular, a resistência localizada, a agilidade e a elasticidade muscular e a dança permite isso. Podemos desenvolver valores físicos dos movimentos corporais motores como: saltos, corridas e entre outros e psicomotores quando há movimentos de

² De acordo com Camargo (2003) baseado na classificação do sociólogo Joffre Dumazedier e no princípio do interesse cultural central de cada atividade de lazer, ele as classifica em físicas, manuais, intelectuais, artísticas, sociais e turísticas. Nesse trabalho serão utilizados apenas as físicas, artísticas e sociais.

coordenação entre braços, pernas, cabeça e tronco, desenvolvendo assim a seus praticantes a consciência corporal.

Os conteúdos artísticos são os quais o indivíduo trabalha o sonhar acordado, o faz-de-conta, a elaboração espontânea da fantasia, o estético, a criatividade, a expressão em que ele exercita a imaginação. Este conteúdo é visto como arte; e a intuição pode ser desenvolvida por meio das atividades construtivas, como a dança (READ, 2001), já que nas coreografias os corpos desenham traços no ar envolvendo técnica (objetividade) e emoção (subjetividade) no qual seu conteúdo é estético e busca-se beleza e encantamento.

Os conteúdos sociais do lazer, que é o modo do ser humano expressar suas aquisições culturais, o contato com pessoas, relacionamentos, a comunicação e a integração social - que contribuiremos para a transformação do indivíduo em pessoa e de pessoas em cidadãos.

Temos os conteúdos intelectuais onde o que se busca é o contato com o real, as informações e explicações racionais, em que eles dividem-se em interesses típicos do lazer – que são as informações sobre arte, esporte etc – e interesses ligados às esferas da vida marcados pela obrigação – que são as informações profissionais e religiosas. Estes ainda possuem aspectos ambíguos, podendo constituir-se em preparação para assumir ou melhorar o desempenho nas diversas áreas de obrigações, podemos citar como exemplo desta categoria: toda informação assistemática baseada em leituras, participações em cursos livres etc., a ênfase é dada ao conhecimento vivido, experimentado.

Os interesses manuais é a capacidade de manipulação quer para transformar objetos ou materiais - como o artesanato e a bricolage – ou quer seja para lidar com as coisas da natureza – como jardinagem e o cuidado com animais (MARCELLINO, 2000). E por fim, temos o interesse turístico, que é à busca da mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida. Esse conteúdo, talvez, seja o que mais provoque ansiedade nos seus praticantes pois, conhecer novos lugares, novas formas de vida e, num curto período de tempo mudar o seu dia-a-dia, utilizando-se da famosa férias ou fim de semana, as viagens podem acontecer em diversos locais tidos como “turísticos” para a prática contemplativa ou até mesmo a trabalho, em grandes centros urbanos (CAMARGO, 1992).

Dançar corresponde a uma prática contínua e prazerosa de exercício físico, de melhorias na circulação sanguínea e por conseqüência, na saúde dos praticantes, bem como mudanças estéticas e na capacidade de expressão dos

indivíduos. Quando falamos em expressão, notamos, através da dança, o exercício da arte, onde há quebra de paradigmas e a imaginação prepondera, assim, utilizando-se desse artifício no qual o jovem poderá criar, através do movimento, seu “mundo”, respeitando assim sua experiência de vida e a sua cultura.

E, por fim, em se tratando dos aspectos sociais, o jovem ao realizar os movimentos em conjunto, expressa todos os seus sentimentos existindo, assim, uma troca, uma inter-relação de experiências, o que amplia os horizontes socioculturais desses jovens.

Nesse trabalho associamos a dança aos três primeiros conteúdos culturais, pois, ela unifica os processos físicos, artísticos e sociais promovendo a sua autoconsciência, o autodesenvolvimento e sua auto-satisfação, pois um conteúdo está relacionado ao outro.

O lazer apresenta ainda as questões relacionadas ao gênero e aos níveis. A questão do gênero está relacionada com a prática, assistência ou espetáculo, onde envolve o lazer no que diz respeito à prática e o consumo. Estudiosos alertam sobre o risco do consumismo e ainda lamentam a perda de oportunidades para o desenvolvimento prático das atividades culturais, sendo que a condição social para o consumo é mais favorável do que a criação cultural (MARCELLINO, 2000).

É preciso entender que a distribuição da prática e do consumo está ligada a juízos de valor, pois nem toda assistência/consumo está somente no campo da passividade e que nem toda prática está somente no campo da atividade. As questões do gênero estão interligadas as questões dos níveis, sendo que eles são classificados em: conformistas, críticos ou criativos. Esses valores sim, é que demonstram se o indivíduo está realizando uma atividade ativa ou passiva, ou seja, um indivíduo ativo tem como característica a seletividade, a sensibilidade, a compreensão, a apreciação e a explicação onde ele possa interpretar e recriar seu objeto de consumo (MARCELLINO, 2000; DUMAZEDIER, 1980).

Portanto, nem toda prática significa atividade participativa e nem todo consumo corresponde à passividade. É preciso desenvolver os valores criativos do lazer, além do que, vale ressaltar aqui que um espetáculo de dança para quem está dançando é trabalho e para quem assiste é lazer (MARCELLINO, 2006).

Consideramos ainda, o lazer em sua “especificidade concreta”, visto em sua manifestação na sociedade atual como reivindicação social, isto é, como questão de cidadania e participação cultural. Entendemos, ainda, por participação cultural as atividades não conformistas, mas críticas e criativas de sujeitos historicamente

situados, e como uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista uma nova ordem social e cultural (MARCELLINO, 2000).

Huizinga (2004) afirmou a possibilidade de identificação da cultura de um povo pelas suas manifestações lúdicas.³ É justamente na transcendência da realidade, que o homem, através da dança, assume sua plenitude humana na vivência de sua instância lúdica.

Schwartz (2000, p.99) utilizando-se de Huizinga criou a possibilidade de abrir espaço para o “Homo Expressivus” que:

Valorizava os elementos do prazer, da afetividade e da emoção, da criatividade, especialmente embutidos nas dimensões estética e lúdica no sentido de estimular a formação dos indivíduos construtores ativos de suas culturas, ao invés de meros espectadores ativos.

Concordando com a autora, é preciso valorizar o ser humano como pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, seus sentimentos, sua crítica e sua criatividade, a fim de torná-los cidadãos ativos que construam suas idéias e coloquem - nas em prática para usufruí-las num futuro próximo.

Justino (2002, p.76) faz um apanhado geral da dança:

Cada cultura tem seu conceito de arte, e no interior dessa cultura, ele é verdadeiro e absoluto. Quando comparado às outras culturas, torna-se verdadeiro e transitório. Toda definição de arte está, pois, ligada ao tempo vivido por determinado homem, herdeiro e criador de cultura. Arte é uma constelação de momentos: imitação, expressão, conhecimento, transgressão, devaneio, prazer. Mas de todas essas funções, a mais importante talvez seja a mais simples: a lúdica. Arte é essencialmente prazer.

Brenner, Dayrell e Carrano (2005) vem para reforçar:

³ Esse autor entende que a realização do lúdico se dá no jogo, que tem sua essência no divertimento, e suas principais características são: atividade livre, “não séria”, e exterior a vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver a prática de maneira intensa. Não tem qualquer interesse material e não produz lucro, é praticada dentro dos limites espaciais e temporais próprios, com uma certa ordem e regras, promovendo assim a formação de grupos sociais com tendências a rodearem-se de segredo e sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meios de disfarces ou outros meios semelhantes.

Na prática do lazer os indivíduos buscam realizar atividades que proporcionem formas agradáveis de excitação, expressão e realização individual. As atividades de lazer criam uma certa consciência de liberdade ao permitir uma fuga temporária a rotina cotidiana de trabalho e obrigações sociais.

Ao discutirmos as afirmações abaixo de Camargo (2003), deparamo-nos com as diferentes propriedades do lazer, as quais incluem a escolha pessoal, a gratuidade, o prazer e a liberação.

Entendemos por *escolha pessoal* a maneira que o indivíduo determina para exercitar suas ações ou participações através do benefício da criatividade. Em se tratando de *gratuidade*, é válido enfatizarmos que “é um tempo onde se pode exercitar mais o fazer por fazer, sem que necessariamente haja um ganho financeiro em vista ou um preço sério a pagar”.(CAMARGO, 2003, p.11/12).

Quando falamos em *prazer*, o mesmo autor afirma, que é na escolha do lazer que o ser humano procura o prazer, e por fim, sobre o fator *liberação* é colocado que o ser humano busca através do lazer compensações para os esforços que a sociedade impõe, sempre livre das obrigações.

Pensando na dança como manifestação humana no mundo, ela é uma das maneiras de vivenciar as propriedades do lazer citadas acima.

Portanto a dança organiza grupos de pessoas, em sua própria e mais singular natureza. Ela corta o mundo em busca de informações de base para uma prática rigorosa. E a identidade brasileira do movimento torna-se um grande tema subjacente aos outros, revelando o quanto o corpo está ligado à questão da cidadania. (BÓGEA, 2004).

Por isso é no tempo de lazer que se procura vivenciar algo novo por escolha, satisfação e prazer; e também por caracterizar-se como espaço de encontro e convívio, apesar de se observar à preponderância do “lazer mercadoria”, atualmente em nossa sociedade, dominada pelos padrões de produtividade e de lucro.

Marcellino (2001) explica, que os valores do lazer sempre estiveram na vida do ser humano, variando o significado, de acordo com os momentos históricos. Desde o advento do modo de produção atual, o lazer se apresenta com significados próprios. Atualmente, o autor percebe a exacerbação de duas correntes antagônicas: uma que enxerga o lazer como mercadoria, um mero entretenimento a ser consumido, ajudando a suportar e a conviver com uma sociedade cada vez mais

injusta e de insatisfação crescente, e outra que vê o lazer gerado historicamente na sociedade, dele emergindo, na sua vivência, no plano cultural, alguns valores questionadores da própria ordem estabelecida.

Julgando possível o trabalho no plano cultural, preparando mudanças na situação da estrutura social e da infra-estrutura, em termos de valores, é possível também postularmos o desenvolvimento de ações pedagógicas, no âmbito da animação sociocultural⁴, no campo do lazer, tendo a dança como canal privilegiado, visando a inserção social do jovem.

Dessa perspectiva, abordamos primeiro os aspectos que levam os jovens a se sentirem “excluídos” da sociedade em que vivem.

1.3. Os jovens, suas ideologias e a busca pela inserção social

A juventude antes de tudo, não é apenas um período entre a infância e a idade adulta, ela é uma construção sociocultural.

Verificamos ainda que juventude é “[...] uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada por grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ele atribuídas” (GROPPO, 2000, p.08).

Juventude é o tempo de descobrir. Jovens possuíram e possuem um estilo próprio, sempre desafiaram a sociedade e para Pais (1996), eles acumulam características e experiências de outras categorias de idade.

Mas, nos apropriamos da definição da Dayrell (2003) que:

Compreende a juventude como a condição social e um tipo de representação de atores sociais, que constroem a partir de seu cotidiano, diferentes modos de ser jovem, influenciados pelo meio social onde vivem e pelas trocas proporcionadas por esses espaços.

⁴ Entendemos por animação sociocultural assim como Melo de Carvalho (1977, p.147/148) diz que a animação tem como objetivo essencial mobilizar as consciências, dando um sentido e uma justificativa à existência dos indivíduos. Esse novo conceito procura traduzir uma nova concepção da ação a realizar com o objetivo de permitir a afirmação do indivíduo perante o mundo que a rodeia, única forma de promoção pessoal e coletiva. Finalmente, a animação recobre uma formação a realizar essencialmente durante o tempo livre da criança, do jovem ou do adulto, sem que, contudo, se deixe de pensar que ela possa ser realizada numa instituição, ou adstrita a uma função não compreendendo o tempo livre. Contudo, será um tipo de ação que terá de respeitar as características essenciais das atividades de tempo livre: adesão livre e espontânea do indivíduo, liberdade de escolha do comportamento a adotar, respeito pelas características e aceitação dos seus pontos de vista.

A partir dessa definição, faz-se necessário, retornarmos um pouco à história, para sabermos como os jovens adquiriram ou herdaram sua identidade.

MACHADO (2000), diz que foi por volta dos séculos XVI e XVII que essa idade tornou-se objeto de atenção especial.

ARIÉS (1981) nos descreve que o primeiro adolescente moderno foi Siegfried de Wagner, para quem a música demonstrou a mistura da pureza, da força física, do naturismo, da espontaneidade e da alegria de viver, que faria do século XX o século da adolescência. Essa fase é caracterizada pela força que está na pessoa, em ajudar aos outros e a si mesma.

Morin (1969) em seu livro *Cultura de Massas no século XX* fala de jovens que fizeram a diferença em seu tempo. Saint Just, Robespierre, foram heróis quase adolescentes, das primeiras grandes revoluções dos tempos modernos: depois, foram, sempre as jovens gerações que estiveram à frente dos movimentos revolucionários.

Concordamos com Foracchi (1972, p.33) quando ela diz que:

Há, na juventude, um significado que a transcende. Ela se afirma como uma etapa de arrogante sacrifício, sendo a resposta da própria sociedade à incapacidade adulta de construir uma vida mais plena e mais rica. As gerações mais velhas estão comprometidas com causas já condenadas e falidas. Chegou o momento dos jovens entrarem para a história.

Verificamos então, que os jovens sempre foram “rebeldes” tanto no passado como hoje em dia. A rebeldia nada mais é que, uma maneira deles se inserirem na sociedade. Eles fizeram e continuam fazendo história. No passado baseavam-se em outras culturas, hoje criam suas próprias culturas. Podemos ver isso em músicas, filmes e danças.

A década de 50 é tida como o marco do surgimento de uma cultura adolescente-juvenil. A música tornou-se fundamental para entender esse grupo, e em várias partes do mundo é a principal fonte de lazer (GUMES, 2003).

A ligação inicial foi com o rock’n’roll nos anos 50. Elvis Presley com sua voz rouca e sensual, seus rebolados, seu modo de vestir colocou em cena uma nova estética: o corpo é a mensagem. Essa movimentação corporal representa para o

jovem a afirmação de sua identidade. Essa identidade aparece através das roupas, vocabulário e a ocupação de espaços nas cidades onde eles criam suas próprias regras, libertando-se dos padrões estabelecidos pelos adultos.

Devido a isso passaram a perceber que jovens e adultos viviam em mundo diferentes, e a cada década, que passa novas identidades são criadas e recriadas pelos jovens.

Logo após surge a chamada Geração *Beat*⁵, na qual os jovens levavam uma vida alternativa para substituir um padrão de sociedade que não os satisfaziam. Acabaram criando outros modos de expressão com movimentos e a sensualidade projetada no *rock'n'roll*, a rebeldia da delinquência juvenil, e uma insatisfação com o sistema “adulto” (GUMES, 2003).

Gumes (2003) nos revela que, como consequência da geração *beat*, surgiu a Contracultura, nos anos 60, que foi um dos mais importantes movimentos do século XX, com uma nova estruturação, independente do padrão cultural pré-estabelecido. Com isso os jovens iam as ruas mostrando suas inquietudes contra guerras e a favor das minorias (negros, mulheres e homossexuais).

E, com o início da globalização eletrônica, o jovem vira protagonista da história, sendo que aqueles participantes da Contracultura ficaram conhecidos como a primeira tribo urbana: os hippies; e foram tidos como heróis e modelos para serem seguidos por toda a sociedade (GUMES, 2003).

A Modernidade⁶ surgiu e criou um ambiente para os jovens se mostrarem, diante de uma época de mudanças e revoluções, mais conhecida como “*tempos modernos*”.

Groppo (2003, p.30) nos revela que:

[...] ao observar os valores imputados à juventude, percebemos que esses valores coincidem com muitas qualidades atribuídas ao moderno: grande interesse pela novidade, extravagância, irreverência, espontaneidade, ousadia, rebeldia, exclusividade, diferença.

⁵ A geração Beat rejeitava os valores burgueses e reagia com prosa e poesia à sociedade vigente.

⁶ Featherstone (1995, p.20) afirma que “a modernidade surgiu com o Renascimento e foi definida em relação à Antiguidade, como no debate entre os Antigos e Modernos. Do ponto de vista da teoria sociológica alemã do final do século XIX e do começo do século XX, do qual derivamos grande parte de nosso sentido atual do termo a modernidade contrapõe-se a ordem tradicional, implicando a progressiva racionalização e diferenciação econômica e administrativa do mundo social (Weber, Tonnies, Simmel) – processos que resultaram na formação do Estado Moderno capitalista-industrial e que muitas vezes foram vistos sob uma perspectiva marcadamente antimoderna”.

Em meados dos anos 70 na Inglaterra surge o Movimento *Punk*. O país sofria uma grande recessão, época marcada pelo desemprego, os garotos dos subúrbios sentiam-se excluídos do sistema. Eles afirmavam que o *punk* não era moda e sim realidade.

Os anos 80 e 90 foram marcados pela busca da diferenciação e formação de novos estilos de vida: *new age*, *yuppies*, *new hippie*, *rappers*, *darks*, *góticos*, *grungers*, *clubbers*, *ravers*. Todos marcados pela diferenciação na roupa, vocabulário, na música e no ambiente que os jovens circulam (GUMES, 2003).

Um dos movimentos que surgiu nos anos 80 e permanece até hoje foi o *hip hop*, que esboça a identidade dos jovens de periferia de grandes centros urbanos e esse movimento conseguiu organizar-se de forma revolucionária com força política e intelectual.

Moreira e Queiroz (2004) colocam:

[...] as desigualdades se traduzem num ritual constante de negação, de interditos, denunciando a não efetividade de uma sociedade que se diz democrática, igualitária, mas que não tem feito outra coisa do que impedir amplos segmentos sociais do acesso á cidadania.

Concordando com as autoras, vemos que esses processos afetam principalmente a faixa etária dos jovens, pois eles crescem enfrentando vários tipos de dificuldades e com isso não desenvolvem sua autonomia e responsabilidade.

O *hip hop* é a identidade de uma juventude e esta manifestação transformou a forma de viver de muitos jovens através da música, das artes plásticas e da dança.

Nos anos 90, surge a “Onda Jovem” pois os jovens são a maioria no planeta. O Brasil tem por volta de 58 milhões de jovens entre 12 a 30 anos, e isto os torna protagonistas dos problemas como violência e o desemprego (GUMES, 2003).

Surge, por fim, o movimento antiglobalização que foi o marco para uma série de protestos contra a exclusão social gerada pela globalização econômica e mobilizações no cenário da política mundial. Esse movimento absorveu os movimentos juvenis das últimas três décadas como Contracultura, *Punk*, *Hip Hop*. Várias visões de mundo são manifestações antiglobalização ligadas pelo ideal dos jovens em um mundo melhor (GUMES, 2003).

Podemos dizer ainda que somos um “povo” privilegiado, pois vivenciamos muitas “culturas” ou seja, fomos influenciados desde o rock’n roll, punk, pop, e pelos movimentos hippies, new age, clubbers e outros que foram citados anteriormente.

Nesse sentido ainda, concordamos com Pais (1996, p.23) quando ele relata que a juventude é:

Tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se de diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertences de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais etc. Isto é, nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o ser constituído por jovens em diferentes situações sociais.

Seguindo a linha de raciocínio desse autor a juventude sempre foi encarada como instável e associada a determinados “problemas sociais”; portanto cabe aos jovens mostrar que eles não são o “problema” e acabarem de vez com a fama de irresponsáveis ou desinteressados já que, essas imagens foram atribuídas aos jovens de forma negativa, a partir de um modelo pré-determinado e não como condição social. Mas será o que os jovens se vêem dessa forma?

Acreditamos que não, pois eles encontram muitas dificuldades com a sua inserção profissional e com a participação social, já que não possuímos uma sociedade igualitária, impedindo assim a possibilidade de acesso à cidadania.

Rosa (2004/A) afirma que:

A experiência do corpo como linguagem e códigos específicos retirados da periferia revela princípios próprios na compreensão da juventude em questão, que produz uma nova forma de comunicação e daí a expressão cultural “vozes dos excluídos”.

Baseada nas vivências atuais da juventude e percebendo que eles sentem-se excluídos, vemos que a música **Comida** do grupo Titãs revela, ainda, essa fome de viver, essa fome de cultura que o jovem tem.

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte,
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer
Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e não pela metade
Desejo
Necessidade e vontade
Necessidade e desejo⁷

Do nosso ponto de vista essa canção expõe bem o que a juventude deseja para si mesmo: querem ter o direito de ter direito. Temos sede e fome de oportunidade para vivenciarmos momentos de diversão e arte em todas as instâncias, para termos um pouco mais de prazer em todos os sentidos, já que nossa sociedade é tão desigual.

Desejo, necessidade, vontade, fazem parte do cotidiano dos jovens. Vemos através da canção que precisamos de um pouco de tudo, sem escalas de prioridades, para sermos felizes e que devemos procurar viver intensamente de todas as formas.

⁷ Disponível no CD Acústico MTV Titãs, lançado em 1997 pela gravadora Warner – W E A. Música número 01.

Os jovens procuram uma forma de exhibir-se em sociedade, pois, querem dizer algo, manifestar um desejo íntimo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente⁸ acentua a responsabilidade sobre o desenvolvimento da criança e do jovem, indicando que:

É dever da família, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária.

Como previsto em lei, é dever, mas não ocorre para toda a população envolvida nesse período, ocorrendo apenas para um grupo pequeno. Talvez isso ocorra porque vivemos em uma sociedade estruturalmente injusta.

Desde as comunidades "mais primitivas" até as sociedades industriais do mundo contemporâneo a desigualdade social esteve presente entre os seres humanos (PASTORE). Atualmente vivemos em uma sociedade regida pelo sistema capitalista, que continua apresentando inúmeras desigualdades sócio-econômicas. Assim, a maior parte da população brasileira é marginalizada tanto social como economicamente.

Nossa sociedade modificou-se muito rapidamente nesses últimos anos, tornando-se cada vez mais diferenciada, complexa e heterogênea, fazendo e desfazendo identidades tradicionais e criando e recriando tantas outras.

Bertazzo (2004) afirma que através dos movimentos pode-se construir a identidade do jovem por meio dos gestos e apoiando-se neste, eles são capazes de desenvolver-se e estabelecer-se na sociedade.

Ressaltamos ainda que é na juventude que se vive à idade das grandes descobertas, da construção da própria identidade, das tentativas, do sentimento de liberdade, das primeiras aventuras, de alguns erros e muitos acertos (FELTRIM, 2004).E neste sentido vemos um significativo aumento dos interesses dos jovens por práticas culturais visando a não violência e a sua inserção social na sociedade.

Para Dayrell (2004):

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em

⁸ Estatuto da Criança e do Adolescente, art. 4º.

todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional.

Nessa perspectiva, a inserção social vem sendo defendida como uma bandeira a ser assumida pelo poder público, e pela sociedade civil organizada. Vale lembrar que o movimento de inserção social iniciou-se na segunda metade dos anos oitenta nos países mais desenvolvidos e nos anos noventa nos países em desenvolvimento (SASSAKI, 1999, p.17).

Aqui a inserção deve ser entendida como:

[...] a oportunidade que as pessoas têm de participar plenamente nas atividades educacionais, de emprego, de consumo, de recreação, comunitárias e domésticas, que são específicas do cotidiano social (HEGARTY, 2004, p.81).

Dessa forma, acreditamos que este conceito de inserção é o que melhor se adapta ao nosso trabalho, pois entendemos assim como Hegarty (2004) que todas as pessoas devem ter a oportunidade de participar de atividades que ocorrem no seu cotidiano.

A prática da inserção se dá então pela: aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa, convivência dentro da diversidade humana e a aprendizagem através da cooperação (FRANA, 2005). De modo geral, para a escrevermos sobre a inserção tivemos uma série de dificuldades, pois encontramos muitos autores – ou se não a grande maioria – falando de inserção apenas para pessoas portadoras de deficiências.

Do nosso ponto de vista inserção seria para **todos**, deficientes ou não. Vivemos em um país onde falar de inclusão seria ilusão, pois a sociedade em si já é excludente em todos os sentidos – principalmente em se tratando de pessoas (jovens) de baixa renda, carentes de recursos, mas ricos em idéias e ideais.

Martins (1997) coloca que a exclusão não existe e que possui uma trajetória longa nas categorias pobreza e marginalidade social. O mesmo autor relata que:

A palavra exclusão indica uma dificuldade, mais que uma certeza – revela uma incerteza no conhecimento que se pode ter a respeito daquilo que constitui o objeto da nossa preocupação – a preocupação com os pobres, os marginalizados, os excluídos, os que estão procurando identidade e um lugar aceitável na sociedade.

Portanto a palavra exclusão nos fala, possivelmente de um lado, da necessidade prática de uma compreensão nova daquilo que, não faz muito, todos chamávamos de pobreza (p.28).

Concordamos com Martins (1997) quando o mesmo fala que a noção de exclusão no senso comum é: sinônimo de pobreza, a exclusão social é mais que renda, é um problema que nasce com a sociedade capitalista. Como nos diz SPOSATI (2004) é uma decisão perversa e histórica de uns pela separação de outros.

A desigualdade está aí para que todos vejam. Mas como já colocamos no tópico anterior, através da dança no lazer, há possibilidades de um trabalho pedagógico buscando a inserção dos jovens na sociedade.

Camargo (1998) afirma que tanto crianças como adolescentes de rua encontram nos jogos e atividades artísticas a única forma às vezes de comunicação com os trabalhos sociais (assistentes sociais e animadores), é a melhor alternativa para uma inserção mais "sadia" na sociedade.

Vemos muitas vezes que os jovens crescem enfrentando dificuldades de toda ordem, desde as carências no atendimento as necessidades básicas, como acesso à escola, a saúde, ao emprego e ao lazer (MOREIRA E QUEIROZ, 2004). Com isso podemos notar que, de um modo geral, esses jovens sofrem e de acordo com Alves (1993, p.166):

O sofrimento dispara a imaginação, faz nascer aspirações e expectativas. Definitivamente, modela o comportamento humano. Ao contrário dos animais, que apenas reagem aos estímulos do meio, o homem atua a partir de uma paixão pelo ausente, uma paixão por aquilo que falta. O homem busca criar valores. Sua intenção é tornar real aquilo que somente existe em sua imaginação.

Por isso queremos investigar como através da arte, em uma de suas manifestações - a dança, vinculada aos interesses artísticos, sociais e físico-esportivos do lazer, podem ser estabelecidas relações socioculturais para que esses jovens possam transformar sua visão de mundo e iniciar um processo de inserção social.

Por isso, é tão importante desenvolver o imaginário do jovem, pois sabemos também que seu universo é criativo independente do meio em que vive (BERTAZZO, 2004).

Examinando as possibilidades da relação cidadania e hip-hop, como manifestação de lazer, na periferia da grande cidade, Stoppa (2005, p.32) nos coloca que:

A relação entre juventude e hip hop com a questão do lazer, da mesma forma, é bastante próxima, pelas oportunidades que essa vivência proporciona como resposta às diferentes situações de exclusão social com a falta de opções que se verifica para essa parcela da população do cotidiano. Essa situação é ocasionada, entre outras situações pela precariedade das políticas sociais, colaborando com a limitação dos espaços e oportunidades de vivências de lazer.

Essa população sofre com as poucas oportunidades devido às condições propiciadas pela sociedade atual, que se caracteriza pelas diferenças. Deparamo-nos a todo o tempo com esses jovens tentando vivenciar algum tipo de “inserção”, num país tão rico e ao mesmo tempo tão pobre. Temos jovens que são grandes criadores da arte de um modo geral, mas que são muito pobres em oportunidades.

Brandão (1986/B, p.03) ainda nos diz que “arte popular é cultura, tudo o que o homem inventa e faz é cultura”. Somos seres de significado e de cultura, pois o tempo todo estamos nos reinventando através dela.

Rosa (2004) relata:

Pode-se dizer que nesses domínios da cultura o que se observa como força de expressão é a manifestação do corpo de um indivíduo, de um grupo ou mesmo da população, sob variadas linguagens. Esses corpos são engajados e estão produzindo discursos dessas comunidades periféricas.

De acordo com o autor, vemos que os jovens estão em constante construção, do mundo e de si mesmos, e vemos isso através de sua linguagem, vestuários, músicas, danças, através dos quais criam seu espaço e buscam o seu lugar na cultura e na sociedade.

Dayrell (2004) complementa afirmando que:

Produção Cultural para os jovens são sinais de novos espaços, de novos tempos e de novas formas de sua produção/formação como atores sociais. Descobri que o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar sua identidade juvenil.

Concordando com Dayrell, vemos a busca incessante dos jovens por outros tempos, onde eles se tornam verdadeiros atores em busca daquilo em que acreditam, pois, através da cultura – aqui mais expressamente a dança – eles conseguem exprimir as suas identidades tanto pessoais quanto de grupo.

A partir disso podemos dizer que o jovem está presente como elemento perturbador, pois ao mesmo tempo em que ele alimenta a “indústria cultural” também se reinventa através dela (GUMES, 2003).

Desta forma, devemos pensar em “brechas” num sentido da elaboração de um discurso ideológico diferente (SEVERINO, 1986) para realizar um trabalho verdadeiramente comprometido com o objetivo de minimizar a exclusão de “grande parte dos homens de realizarem a plenitude de sua existência” (TINOCO,1998,p.353) e acreditamos que através da cultura possamos criar alternativas para pensar a humanização que Santin (1994) aponta como ponto de partida no próprio homem, a partir da ludicidade e pelo resgate do sensível da juventude atual.

Aproprio-me agora da fala de Graycer, Lescher e Aventuratto (2004, p.106) quando diz que:

O jovem é como Alice nos país das maravilhas esticando-se e encolhendo-se, passando através dos espelhos, um movimento frenético na busca de si mesmo, a sua real medida. Adolescer é ousar experimentar – esse sublime jogo da construção dos próprios limites. O jogo com a lei e sua transgressão faz parte do processo, tanto quanto as espinhas na cara ou as paixões em estado bruto.

Talvez seja isso que deixamos para trás – esse ousar, experimentar – que está presente quando somos jovens. Quando jovens acreditávamos que tudo era possível, pois corríamos atrás dos nossos sonhos, ideais. Hoje não é diferente, devemos fazer com que nossos jovens aprendam a desenvolver seus valores (BRANDÃO, 1986/B).

Por isso os jovens assumem inúmeros estilos de vida, a experiência do corpo como linguagem e códigos que são retirados diariamente da periferia revelam que esses jovens produzem uma nova forma de comunicação, buscando com isso

romper paradigmas para a construção de “mundos melhores” na sua visão de mundo.

Nessa perspectiva chegamos a algumas conclusões que: por meio da dança os jovens conseguem exprimir seus desejos e conflitos; que eles dançam de forma lúdica e prazerosa; que desenvolvem a sua criatividade; que, de modo geral os jovens sempre foram rebeldes e através dos vários marcos na história continuam a fazer a diferença, e que eles vivem na idade das grandes descobertas; que eles são elementos “perturbadores”, pois se alimentam da indústria cultural, e também se reinventam através dela, criam seus próprios estilos de vida e utilizam seus corpos como linguagens para a construção de um sentimento de “pertencimento”; e finalmente, que participando de atividades sócio-culturais, através da arte ligada a atividades físico-esportivas – no nosso caso a dança -, os jovens têm a possibilidade, de se inserirem na sociedade superando o conformismo, pela criticidade e criatividade.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste segundo capítulo enfocamos a pesquisa de campo, abordando o universo da pesquisa, o caminho metodológico que percorremos, registrando as vozes que ouvimos do grupo, para podermos traçar os ricos retratos de vida que encontramos.

2.1. O universo da pesquisa

Para a aplicação da técnica escolhida – depoimentos orais as quais permitem em situação de entrevista a aquisição de coleta de dados - definimos como o universo da pesquisa o grupo Dança Comunidade, criado por Ivaldo Bertazzo, desde junho de 2003, na cidade de São Paulo. O grupo atualmente tem trinta e sete jovens da periferia paulistana, com idade de catorze a vinte e dois anos, como meta de seu trabalho as fronteiras entre a arte e o trabalho social.

A equipe de produção do Ivaldo Bertazzo procurou por algumas ONGs, levando informações e o convite para a participação de arte educadores e alunos que estivessem envolvidos com a dança ou com a música. A formação do grupo portanto, se deu através de testes, com as seguintes ONGs: Associação Novolhar (Favela Pantanal), Ação Comunitária Tiradentes (Cidade Tiradentes), Projeto Samaritano São Francisco de Assis (Ermelino Matarazzo), Centro de Educação Popular da Comunidade Nossa Senhora Aparecida (Ermelino Matarazzo), Associação Sarambeque (Jardim Monte Azul), Arrastão Movimento de Promoção Humana (Campo Limpo) e Fundação Gol de Letra (Vila Albertina).

Para que o Projeto se consolidasse realmente ele contou com a parceria do SESC de São Paulo e com as sete Organizações Não Governamentais (ONGs) da periferia paulistana citadas acima e como patrocinador a Petrobrás e co-patrocínio o Instituto Votorantin.

A equipe de profissionais que fazem parte do Projeto é formada por: Assistente Social, Assistente Pedagógica, Psicólogo, Professora de Fisioterapia, Professora de Linguística, Professora da História da Dança, Professor de Percussão, Professor de Canto e Multidisciplinariedade, e as atividades oferecidas a

esses jovens são: 1) desenvolvimento expressivo: aulas de reeducação do movimento, percussão (teoria e prática), fisioterapia (teórica e prática), linguagem coreográfica e origami; 2) desenvolvimento da identidade: dinâmica de grupo com profissionais da área médica e social e aulas de expressão verbal. Para o sucesso do projeto foi fornecida a infra-estrutura necessária, sendo elas: alimentação balanceada e transporte.

As aulas/ensaios aconteciam na própria Escola de Reeducação do Movimento, ou no local das apresentações SESC (na sua grande maioria), e isso acontecia de quarta-feira a domingo e o horário estabelecido era das 16:00h às 20:00h e o dia de folga do grupo são as segundas-feiras. Dependendo do local da apresentação os ensaios também acontecem às terças-feiras.

Considerando esses dados, no próximo tópico apresentamos através da metodologia da história oral com a técnica de depoimento oral as quais permitiram em situação de entrevista a aquisição da coleta de dados investigar se esses jovens sentem-se incluídos na sociedade em que vivem e como eles vivem/vêm a dança.

2.2. Percorrendo o caminho metodológico

O presente estudo teve como objetivo verificar em que medida a prática da modalidade dança situada nas interfaces físico-esportivas, artísticas e sociais do lazer, contribuiu ou não para a inserção de jovens da periferia da cidade de São Paulo. Optamos por dois caminhos metodológicos: a pesquisa bibliográfica e o depoimento de um período da história de vida desses sujeitos.

Num primeiro momento foi realizado um levantamento de livros e artigos com as palavras chave : corpo, dança, lazer, inserção social e juventude, nos sistemas de bibliotecas da UNIMEP e UNICAMP. A partir do levantamento e seleção das obras foram feitas: análise textual, crítica e interpretativa (SEVERINO, 2002).

Feito isso nós realizamos a técnica de observação participante (Gil, 1999) junto ao Projeto Dança Comunidade que foi escolhido justamente por já desenvolver um trabalho com jovens de periferia. Vale ressaltar que existem duas formas de observação participante, sendo elas:

- Natural, que é quando o observador pertence á mesma comunidade ou grupo a ser investigado;

- Artificial, que é quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar a investigação. Nesse caso, o observador depara-se com mais problemas, ou seja, ele tem que decidir se revelará ou não a sua identidade ao grupo, caso ele não revele os objetivos da pesquisa, precisa estar atento se a sua atividade disfarçada prejudicou algum membro do grupo (GIL, 1999, p.113).

No nosso caso nos integramos ao grupo com o objetivo de realizar a investigação e optamos pela forma artificial, sendo que a nossa identidade foi revelada pelos responsáveis pelo Projeto Dança Comunidade.

A nossa primeira inserção ocorreu em Campinas/SP, na CPFL, no mês de abril em uma palestra com o Prof. Ivaldo Bertazzo, no qual ele falou sobre a técnica da Reeducação do Movimento e alguns jovens do Projeto fizeram algumas demonstrações sobre a técnica. A técnica de Reeducação do Movimento foi criada pelo Ivaldo Bertazzo em 1975, e o objetivo principal da escola é atingir a “identidade e autonomia do movimento” mostrando ao aluno o seu aparelho corporal, dando a ele uma maior consciência e autonomia dos movimentos (BÓGEA, 2004).

São aplicadas na técnica exercícios de fisioterapia e exemplos das danças de várias culturas, que ele reúne em busca de uma adaptação para o homem urbano. São três linhas que relacionam-se diretamente com a técnica: a dança indiana, que vem com as aplicações relacionadas ao eixo, com a direção do corpo no espaço e com os elementos de comunicação que cada parte do corpo pode transmitir (BÓGEA, 2004).

Em um outro momento, nós participamos de um Workshop realizado na cidade de Piracicaba/SP, no SESC, onde quem ministrou o workshop foram alguns jovens e este teve a duração de duas horas. O workshop consistiu na técnica da Reeducação do Movimento, e foram passados alguns passos sobre a mesma.

Neste dia tivemos a fala do Ivaldo antes que se iniciasse o workshop, e sempre que ocorria esse workshop era um grupo de jovens os responsáveis para ministrar as aulas, sendo que os demais ficavam junto com os participantes para corrigir a postura e passos que estivessem sendo executados de forma incorreta e, nesse contexto pudemos notar os jovens que se sobressaíam sobre os demais.

Assistimos dois ensaios do espetáculo Milágrimas nas cidades de: Piracicaba/SP e Santo André/SP, ambos no SESC. O ensaio que assistimos em Piracicaba/SP teve a presença do Ivaldo e das “ensaiadoras”, e os jovens fazem um aquecimento acompanhado pelas “ensaiadoras” por uma hora e depois ensaiam

alguns pontos do espetáculo e fazem a marcação de palco. Em Piracicaba assistimos ainda ao espetáculo que é marcado pela cultura brasileira e africana no qual eles cantam, mostram momentos de alegria e tristeza no palco revelando assim situações que podemos ver/vivenciar no dia-a-dia.

No ensaio que ocorreu em Santo André/SP, os jovens fizeram o aquecimento com passos de balé com a professora de balé e realizaram o ensaio sozinhos, pois a “ensaiadora” teve problemas e não pode comparecer. Neste dia, notei ainda mais a autonomia desses jovens, já que eles tiveram que realizar tudo sozinhos. O grupo foi organizado por dois jovens onde eles é que designavam os passos a serem ensaiados, lembrando que eles realizaram o ensaio do Milágrimas e depois do Samwaad.

Através da observação participante pudemos notar a autonomia de alguns jovens que se sobressaiam aos demais. Os critérios para a seleção dos jovens participantes dessa pesquisa foram:

- A autonomia desses jovens perante o grupo;
- O grau de desenvoltura nas danças;
- Não foi levado em consideração a questão do gênero por mais que seja importante na sociedade atual, uma vez que não foi fundamental para a nossa análise.

Depois entregamos um questionário (vide anexo) para que cada jovem respondesse para um contato posterior através de e-mail/telefone, para convidá-los a participar de uma entrevista, explicando do que se tratava e os jovens selecionados aceitaram prontamente realizar a entrevista. Foram selecionados dezoito jovens e agendadas as entrevistas, mas ocorreu um problema no primeiro dia que estavam marcadas cinco das dezoito entrevistas, no qual não foi possível realizar o contato com esses jovens, pois eles tinham chego de viagem e neste dia foram receber um premio, portanto, tiveram que realizar um ensaio no local da premiação. As entrevistas foram marcadas na semana em que os jovens estavam de folga por três dias mas devido a esse imprevisto.

Foi através da observação participante que nós pudemos escolher os jovens que foram selecionados para a entrevista, com a técnica de depoimento oral. O maior desafio dessa metodologia é de ser capaz de “fazer uma leitura” além daquilo que foi dito nas entrevistas, ou seja, ser capaz de interpretar a idéia de cada sujeito,

sem perder a perspectiva do todo, do grupo no qual estes indivíduos estão inseridos (GAIO, 2006).

As entrevistas foram transcritas da forma como elas se apresentavam, nas fitas cassete, como consta em anexo, bem como as impressões sobre o encontro com os entrevistados gerados pela experiência vivida. As entrevistas, em número de doze, foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, sendo que o local de todas as entrevistas foi a Escola da Reeducação do Movimento – Ivaldo Bertazzo, local que eles solicitaram para o encontro e onde a pesquisadora foi muito bem recebida pelos jovens, pela secretária e pelo próprio Ivaldo Bertazzo, e o horário das entrevistas foi definido pelos jovens entrevistados.

Todos os jovens que concordaram em participar da entrevista responderam as perguntas e relataram um período de sua vida com alegria e às vezes com tristeza. O único empecilho foi conter os alunos da escola de Reeducação do Movimento que entre uma aula e outra ficavam no espaço onde estava sendo realizada a entrevista, às vezes causando um certo incômodo na entrevistadora devido às conversas paralelas no mesmo local.

Os entrevistados foram identificados por sujeitos e numerados com a ordem das entrevistas realizadas. Vale ressaltar que os relatos orais foram transcritos nas suas formas originais, sem correção de erros gramaticais ou vícios de linguagem, com o intuito de manter o rigor das entrevistas registradas. Mantemos o sigilo necessário em torno da identidade dos entrevistados.

O sujeito número 13 foi descartado, pois em sua entrevista ocorreu um erro do gravador e não foram gravadas todas as questões feitas pela entrevistadora, gravando apenas o final, e devido a isto, optamos em deixá-la de fora e por isso não consta em anexo. E o sujeito número 07, foi uma entrevista complicada, pois o grupo tinha uma reunião e ele estava sendo entrevistado um pouco antes da mesma e uma das “ensaiadoras” insistiu para que ele fosse para a reunião com os demais, e por isso suas respostas foram curtas e muitas vezes sem lógica.

Foi esclarecido a todos os entrevistados a razão da entrevista e a entrevistadora só deu por finalizada quando o sujeito encerrasse o seu discurso. As entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas foram aplicadas em um único momento, seguindo a técnica de investigação, permitindo a entrevistadora um maior contato com as histórias de vida de cada jovem escolhido e atingindo o objetivo da investigação.

E no que se refere à metodologia da história oral, optamos por ela, já que acreditamos ser a mais adequada ao objetivo desse trabalho, uma vez que, se revela um momento de forte ligação com o passado, pela memória dos acontecimentos vividos, desempenhando a função da lembrança, conforme Bosi (1987, p. 332/333) e revela que:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende da sua interação.

O mais interessante da memória coletiva é o indivíduo que a recorda, e é ele o memorizador das camadas do passado onde para ele, somente para ele, foram significativas essas lembranças dentro de uma história em comum.

Nesse caso a história oral, vem contribuir para que os jovens relembrem fatos ocorridos no passado. Cruikshank (1998, p.151) nesse sentido nos coloca que:

“História oral” é uma expressão mais especializada, que em geral se refere a um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular.

Para Cassab (2007) as fontes orais podem apresentar-se como histórias orais de vida, relatos orais de vida e depoimentos orais de vida, sendo que dos dois primeiros são situações em que o próprio narrador referencia sua experiência e vida e no outro ele conta fatos ou informações que ele presenciou.

Consideramos a técnica de história de vida, mesmo que seja por um determinado período, pois, de acordo com Queiroz (1988, p. 20):

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua

profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. Porém, o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar idéia do que foi sua vida e do que ele mesmo é.

Desta perspectiva, através do relato da história de vida, conseguimos que os sujeitos entrevistados relatassem livremente sobre as suas vidas, e que dessem relatos/depoimentos sobre as questões que lhe foram colocadas e intervimos no decorrer de certas respostas, pois surgiram novas pistas que possibilitaram complementar o questionário aplicado (BONAZZI, 1998).

As entrevistas ocorreram como uma simples conversação e o nosso objetivo era a coleta de dados para termos uma visão geral de como os jovens pensavam sobre o assunto tratado onde focalizamos nossas questões (GIL, 1999).

Após a coleta de todo material e feitas as transcrições das entrevistas, passamos a analisar e interpretar os resultados. Feito isso, a tarefa que segue é de muita responsabilidade, pois devemos associar os dados coletados através da pesquisa bibliográfica com os dados coletados na pesquisa de campo. Analisar profundamente as fontes escritas com as fontes orais, buscar divergências e convergências entre ambas e chegar ao momento da interpretação dos depoimentos pessoais dos doze sujeitos é o propósito dessa investigação.

E logo em seguida realizamos uma análise mais profunda sobre todas as questões abordadas dando maior ênfase no que se refere à dança e a inserção social.

2.3. Retratos da vida

A partir de agora a história escrita – com as falas dos autores - se aproximará das histórias orais – com as falas dos sujeitos - na qual eles demonstraram alegrias, tristezas, frustrações, expondo as suas idéias e vidas. É nesse momento que um período da história de vida desses jovens será analisada e interpretada.

As análises feitas anteriormente, foram realizadas para dar um embasamento maior e identificar as idéias e ações desses sujeitos perante a sociedade, a sua família e a vida.

Iniciamos a nossa conversa com os jovens optando em saber por que eles se interessaram em participar de uma ONG. No decorrer das entrevistas com esses sujeitos eles abordaram os cursos e oficinas oferecidas por essas Organizações e tivemos muitas surpresas, pois em algumas delas há a preocupação em subdividir atividades para crianças e atividades para jovens. Nessas ONGs, acontecem as mais variadas oficinas nos campos da ARTE/CULTURA, qualificação para o trabalho em primeiro lugar e depois esporte e saúde em segundo.

Demos mais ênfase para as **atividades culturais** porque nosso objetivo está dentro desse aspecto.

É interessante os motivos que levaram esses sujeitos a procurar por essas ONGs e em suas falas eles relatam:

Sujeito 01- *Na verdade desde criança eu achava a arte muito interessante, fazia aulas de teatro, gostava muito do teatro.*

Sujeito 03- *Eu me interessei por causa do conteúdo que ela tinha. Eu entrei na Ação Comunitária Tiradentes para buscar um pouco mais de cultura, de conhecimento.*

Sujeito 05- *Por causa do teatro.*

Sujeito 07- *Porque eles tinham recursos de cultura que muitas vilas pobres não tem.*

Sujeito 08- *Porque era um projeto que ia além dos meus planos na carreira da arte e da cultura.*

Sujeito 12- *E antes de fundarem a Fundação, eles já tinham a idéia que seria algo envolvido com a cultura, com o aprendizado, com a educação. Então, logo me interessei.*

Alguns sujeitos iniciaram-se como alunos na ONG e hoje fazem trabalho voluntário nas mesmas, sendo eles:

Sujeito 02 – *Nos últimos anos eu trabalhei com dança e hoje em dia eu desenvolvo a técnica do Ivaldo, da Reeducação do Movimento.*

Sujeito 09 – *Dou aulas de Dança de Rua como voluntário.*

E outros ainda foram procurados pelas ONGs como é o caso dos sujeito 04 e sujeito 10. O sujeito 04 desenvolvia a atividade de dança afro e o sujeito 10 era mediador de leitura.

E nesse contexto Camargo (1998, p.19) vem para contribuir com as falas dos sujeitos:

O brincar também é terapêutico no trato com as populações marginais. Crianças e adolescentes de rua (grifo meu) encontram nos jogos e atividades artísticas a única forma, às vezes, de comunicação com os trabalhos sociais (assistentes sociais, animadores) é a melhor alternativa para uma inserção mais sadia na sociedade.

Embora o **sujeito 06** seja o único que não iniciou em nenhuma atividade artística, ele depois de um tempo acabou se interessando por um determinado interesse cultural, que a levou a novos conhecimentos, até ele chegar ao grupo. Nos depoimentos dos sujeitos apareceram vários tipos de interesses de cultura/arte e talvez seja isso o que eles procurem. Bertazzo (2004, p.31) descreve como tratar esses sujeitos:

É importante desenvolver o imaginário do adolescente. Sabemos que seu universo criativo, independentemente de sua origem em um meio mais privilegiado ou não, é hoje em dia bastante pobre. Basta citar a baixa qualidade das atrações de televisão a que ele está exposto diariamente. O adolescente que não desenvolve a imaginação, que não exercita seu lado criativo, torna-se um adulto de limitada capacidade de atuação. Mas esse quadro pode ser rapidamente transformado, e as medidas tomadas para estimular sua criatividade acabam atuando com particular eficiência na eliminação ou no abrandamento da influencia dos clichês, tabus e estigmas conservadores que a coletividade impõe a mentes menos independentes.

Foi isso que esses sujeitos foram buscar nessas ONGs, oportunidade para o aprendizado, desenvolver a sua imaginação, adquirir mais conhecimento das coisas em diferentes áreas, perspectiva de um futuro melhor, vontade de conseguir e eles conseguiram pois, alçaram um vôo muito mais alto do que podiam imaginar e mostraram do que são capazes para todos, inclusive para as suas famílias.

Família. Para muitos, mãe, que se passa por pai. Para alguns, ponto de equilíbrio enquanto que para outros, tristeza. Através dos depoimentos desses sujeitos pudemos perceber o quão importante é essa relação para uns mais do que para outros. A família é o pilar de sustentação desses jovens, o incentivo pela parte

dos pais, o apoio, acreditar no potencial do filho/jovem, e a dúvida fizeram parte do percurso percorrido por esses jovens.

Nesse caso seria importante que os pais apoiassem seus filhos, já que eles estavam pisando em um “terreno desconhecido”. Vemos nos depoimentos a seguir: Sujeito 03- que sua família estranhou a sua escolha pela arte.

Sujeito 07- no começo não contou ao pai, somente a mãe.

Sujeito 08- não deu muita importância no começo.

Sujeito 12- não sabia no começo, só ficou sabendo na 1ª apresentação.

E talvez o mais triste tenha sido a do **sujeito 06** que a família nunca apoiou e só fez criticar. O restante dos sujeitos entrevistados sempre tiveram o apoio de suas famílias.

Para esses sujeitos a instituição família talvez seja mais abrangente. Família, uma grande família sem laços de sangue, é o que temos com o surgimento do grupo e é assim que muitos deles sentem. A dança trouxe muitas alegrias, conhecimentos e oportunidades nunca esperadas por eles, viajaram o mundo com o espetáculo *Samwaad – Ruas de Encontros* - no que acabou por proporcionar a **inserção social** deles perante a sociedade.

Em seus relatos alguns deixaram isso transparecer mais que outros, pois foi a dança que tornou isso possível. Nesse contexto FERREIRA (2005, p.35) diz que “a dança é um exercício de cidadania”. Eles passaram a dar valor para as coisas que eles conquistaram principalmente por que não são todos que tem essa oportunidade.

Ana Mae Barbosa (1994, p.06) vem contribuir com o nosso trabalho:

Precisamos levar a arte, que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado, a se expandir, tornando-se patrimônio cultural da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população.

Esses jovens através da manifestação artística dança, fizeram e fazem arte, e é isso o que esses jovens desejam, que todos tenham direito, que todos possam e queiram agarrar uma oportunidade, como a que eles tiveram, já que vivemos numa sociedade desigual. Nas falas dos sujeitos 01, 02, 03, 04, 07, 09 e 12 eles demonstraram isso claramente onde eles passaram a enxergar que através da dança as coisas podiam mudar, ter um outro rumo. Em alguns casos eles são reconhecidos nos bairros onde moram por conta da oportunidade que a ONG

ofereceu a eles. Nesse sentido o papel das ONGs foi de fundamental importância em que eles tiveram que conhecer as preferências dos jovens e as dificuldades encontradas para criar atalhos para a busca da inserção deles na sociedade (PINHO, 2005).

Os outros sujeitos 05, 06, 10 e 11 também se vêem inseridos e o único que não deixou transparecer isso na entrevista foi o sujeito 08, mas de certa forma acreditamos que se sinta inserido como os outros, pois eles eram envolvidos num círculo de injustiças, catástrofes, por educação e lazer limitados, esses jovens apesar de poucos estímulos para o desenvolvimento da sua imaginação e criatividade sobreviveram e construíram através da auto-estima a apresentação de sua arte e o processo de inserção social.

Como um dos objetivos da nossa investigação queríamos saber como eles viam a dança no início do Projeto e as respostas foram essas:

Sujeito 01- *Você dança em casa, dança no baile, você está dançando, mas em nenhum momento você pensa no que está dançando. Eu fazia por **divertimento**, eu ia me encontrar com meus amigos e eu vou dançar. É a mesma coisa quando você vai para um baile encontrar seus amigos para dançar.*

Sujeito 07 – *Só por **curtição**.*

Sujeito 08- *Eu a via como um mundo diferente, não explorado por mim ainda.*

Sujeito 11- *No modo de me expressar.*

Sujeito 12- *Como arte, mas quando eu comecei, vou ser sincero, foi por causa das meninas. Mas depois, eu fui vendo que era uma forma de expressão, uma forma de se comunicar.*

Já os **sujeitos 03 e 05** a viam como um **prazer**. Podemos notar que os sujeitos 01,03, 05 e 07 fazem lazer sem saber que estão fazendo, porque talvez eles só vejam como lazer o que é veiculado pela mídia (MARCELLINO, 2001). E os sujeitos 08, 11 e 12 viam a dança como ela é descrita nos livros, na maneira de se expressar.

E os sujeitos que descreveram a dança como possibilidade de lazer foram:

Sujeito 02 –*Como hobby. Hobby pra mim é: você tem seu dia, você sai de manhã,vai pra escola, depois da escola você pra ong e a noite você sai pra dançar com seus amigos.*

Sujeito 04- *Como hobby. Hobby pra mim é fazer aquilo que você gosta muito.*

Sujeito 09- *Como um prazer, hobby. Hobby pra mim é diversão, fim de semana. Sai de segunda a sexta-feira do trabalho e esfriar a sua cabeça, esquecer os problemas, isso pra mim é hobby.*

Sujeito 10- *Hobby. E hobby pra mim é curtidão.*

Todas essas respostas estão vinculadas diretamente ao lazer. Já dizia o estudioso Joffre Dumazedier (1980, p.31) que o lazer é:

(...) um conjunto de obrigações as quais o individuo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se ou ainda desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Diversão, prazer, fazer o que gosta são significados atribuídos ao lazer. É assim que os sujeitos descreveram o modo como viam a dança no seu início; o único fato que não ocorreu foi à utilização desta palavrinha de cinco letras, mas eles em seus sub-conscientes a viam como forma de lazer.

O único sujeito que não soube responder foi o **sujeito 06**, no qual a entrevistadora questionou qual era a relação que ela tinha com a dança – como ela a via? “O que eu gostava mesmo, o que estava em mim era a dança afro e algumas danças folclóricas”. Depois ela descreve um pouco sobre a técnica do Ivaldo e que achava bom e foi onde ela foi se achando, querendo seguir isso na sua vida, dar aulas de danças.

Verificamos que o **sujeito 06** não tinha nenhuma relação mais forte com a dança, pois quando iniciou na ONG, começou com cursos de qualificação para o trabalho e somente depois se interessou pela capoeira e depois de um ano e meio ela iniciou numa Banda de percussão. E esse mesmo sujeito também, não teve o apoio da sua família nessa trajetória.

Passando para outro ponto de discussão pedi para que eles relatassem o que achavam da dança hoje. E foi assim que os depoimentos foram se revelando:

Sujeito 02- *A dança é mágica, te faz expressar muitas coisas que você está sentindo. Hoje nós somos bailarinos profissionais, temos nosso DRT e a carteira assinada.*

Sujeito 03- *Eu vejo assim: se você não tem papel e caneta pra escrever ou não consegue escrever aquilo que você sente é no palco com o seu movimento que você consegue expressar, e como trabalho.*

Sujeito 05- *Eu vejo como uma obrigação às vezes porque é um trabalho normal né.*

Sujeito 11- *Eu vejo como uma coisa boa, que eu gosto muito, pois ela me deu muitos olhares diferentes das coisas.*

Sujeito 12- *Como profissão, que você tem responsabilidades como qualquer outra.*

Esses sujeitos só a vêem como algo profissional, que proporcionaram muitas coisas para eles, onde eles podem ajudar as suas famílias com o dinheiro que recebem no Projeto. Já os outros sujeitos:

Sujeito 01- *Eu a vejo como meu refugio, como profissão em primeiro lugar, depois como arte que atinge muitas pessoas e como algo que me dá prazer.*

Sujeito 04- *Hoje eu a vejo como um prazer e vejo como uma profissão, pois tirei o DRT e tenho a carteira assinada.*

Sujeito 06- *Além de ser uma profissão ela também é um lugar onde eu me divirto muito.*

Sujeito 07- *Eu a vejo como uma manifestação cultural, dança agora é futuro.*

Sujeito 08- *Como profissão, também a vejo como um esporte e às vezes como momentos de lazer.*

Sujeito 09- *Eu a vejo como uma obrigação pra quem quer seguir nessa área, mas dança pra mim também está relativo a hobby que é esquecer um pouco o que você é e o que você faz.*

Sujeito 10- *Hoje eu vejo como uma coisa mais profissional, mas mesmo assim é um hobby, porque eu curto muito, eu me divirto muito. Eu vejo como um prazer.*

Apesar de vários sujeitos verem a dança atualmente como profissão, eles não deixaram de achar nela algo prazeroso, gostoso de fazer, curtir. Interessante isso, pois mesmo eles tendo o DRT como muitos colocaram e até nos próprios relatos orais, isso ficou claro, muitos deles conseguem enxergá-la nas duas perspectivas: ora como trabalho, ora como lazer. E nós acreditávamos que eles diriam que eram apenas profissionais atualmente, sem pensar nesse outro lado.

Para fecharmos esse ciclo, nos relatos de história de vida desses sujeitos pudemos perceber que de uma maneira simples, eles enquanto sujeitos se sentem inseridos na sociedade em que vivem. E para tanto vamos dar maior destaque a

essa temática buscando destacar se a **dança proporcionou** isso a eles de alguma forma. Faremos um breve relato da sua história de vida antes da dança até os dias atuais, onde os pontos relevantes das falas desses sujeitos serão retomados no próximo capítulo – nas nossas considerações finais.

O sujeito 01 tem 21 anos, diz que antes da dança era muito relaxada, não se preocupava com nada, não se via com um futuro, não sabia o que queria e estudava por obrigação. Nunca se dedicou a nada, não se via fazendo nada e nem crescendo. Vivia naquele mundinho, naquele bairro, com as dificuldades de sempre e não acreditava que podia enfrentar essas dificuldades e crescer com elas. E depois que começou a dançar ela encontrou o seu refúgio, viu que as coisas podiam mudar, ter um outro rumo que é desconhecido. Por isso diz que hoje pode mudar a sua história. Ela é estudante universitária na Universidade São Camilo, cursa Fisioterapia e é bolsista cem por cento. Depois que começou a dançar percebeu que na vida tem coisas que a gente escreve. O sujeito 01 detesta fazer algo que não gosta e se entristece de ver pessoas fazendo coisas que não gostam. Sente-se muito satisfeita em estar no projeto. Diz que no começo era uma diversão, ia se encontrar com os amigos, dançar e a única diferença era a ajuda de custo no final onde gastava com as maiores besteiras. Atualmente tem a sua “independência”, ajuda em casa comprando as suas coisas de uso pessoal e em algumas situações não pode colaborar por falta de condições. O maior orgulho que o sujeito 1 e o sujeito 5 tem, foi de poder colocar o piso em sua casa e ajudar na reforma. Esse sujeito atualmente gasta sua remuneração com gastos na faculdade como xerox, transporte, livros, comida e atualmente não ajuda em casa.

O sujeito 02 – tem 21 anos, diz que quando tinha dez anos seus pais se separaram e ele foi morar junto com o pai, pois ele o tinha como um espelho, e quando isso ocorreu ele viu que ele queria ser como a mãe. O sujeito 02 começou a trabalhar com doze anos por necessidade e quem cuidava dele e dos outros irmãos era a irmã mais velha, pois sua mãe trabalhava fora e só vinha de 15 em 15 dias. A irmã também trabalhava fora e quem lavava roupa e fazia as outras coisas era esse sujeito e um dos seus irmãos. Com catorze anos entrou pra ONG, por querer conhecer várias coisas e este sujeito foi estimulado pela mãe para que conhecesse várias coisas pra que um dia tivesse uma oportunidade. Com quinze anos, entrou no grupo de percussão da ONG e foi nesse período que tudo começou a mudar, pois teve a oportunidade de conhecer vários lugares. O cachê recebido era revertido pra própria ONG, na compra de materiais para os participantes dos projetos. Depois

dentro da ONG começou a fazer curso de papel mache e foi convidado por uma das participantes para trabalhar em sua loja como Office-boy, mas viu que não era isso que queria para a sua vida. Com isso, só ia nas apresentações do grupo Arrasta Lata porque trabalhava de segunda a sábado e resolveu sair desse emprego e voltar para a ONG como professor de vídeo, pois ele já tinha a formação desse curso e deu aulas durante dois anos para duas turmas. E foi aí que o Ivaldo convidou a ONG para participar da seleção e ele era responsável por doze pessoas para fazer o teste. Desses doze ficaram somente dois, ele e mais um, mas depois de três semanas o outro saiu, porque viu que não era isso que ele queria. Hoje ele consegue ajudar a sua família e já está morando sozinho e foi a dança que proporcionou isso a esse sujeito. Diz que se sente reconhecido apesar do grupo receber várias críticas, pois trabalham, viajam, fazem sucesso como uma companhia de dança e são poucos os lugares que dão valor para o jovem dessa forma como eles tem. Tem como objetivo de vida ser professor de dança, um dia coreógrafo e um dia ter um projeto como esse que ele participa.

O sujeito 03- tem 18 anos, e diz que veio da Bahia para São Paulo, pois seu pai já estava aqui procurando emprego. Sua mãe teve que deixar o emprego que tinha na Bahia e veio para São Paulo também. Quando chegaram em São Paulo, não tinham onde ficar e se alojaram na casa de uma tia meio que amontoados. E a partir disso ele começou a participar da ONG e de seus projetos e com isso veio o projeto Dança Comunidade onde o Ivaldo começou fazendo os testes e esse sujeito passou. Dentro do projeto ele aprendeu a técnica da reeducação do movimento, aí teve o espetáculo Smwaad, e o Milágrimas. Aí teve as viagens e tudo isso foi muito importante para o sujeito 03, porque aconteceu uma revolução, ele não esperava que fosse acontecer tudo isso. Dentro do projeto amadureceu muito e cresceu como pessoa também.

O sujeito 04 – tem 21 anos e diz que sempre quis dançar. Quando começou na ONG esse sujeito era a menor do grupo. Participava de um grupo de vinte pessoas, onde o mais velho tinha trinta e cinco anos e esse sujeito onze. O sujeito 04 participava da dança afro pelo Centro Cultural Monte Azul, em que eles deram uma capacitação solidária, um curso. E depois que esse sujeito aprendeu a dança afro achava que isso era a sua vida, porque aprendeu muitas coisas entre elas: capoeira, teatro, curso de figurino, mas até hoje acredita que a dança afro é a sua vida, esse sujeito acha que é a sua cara, e não se vê com cara de bailarina. Quando entraram no grupo, ele já existia e teve que fazer uma seleção entre os que já estavam e os

novos integrantes. E quando ele conheceu o Ivaldo foi uma busca muito grande. Sua família sempre apoiou muito as suas decisões principalmente no início, já que tinha uma filha e quando entrou no projeto, ela tinha apenas três meses e foi sua mãe que cuidou da menina para ela poder ir para o projeto e para as viagens. Nesse espetáculo, dança o maculele – e foi esse sujeito que montou esta coreografia. Foi monitor dentro da escola do Ivaldo durante três meses e quer unir a reeducação do movimento com a dança afro. Sente-se preocupado pois, o contrato que tem com o projeto termina em outubro, e porque antes tinha uma vida e agora tem outra e se sair do projeto sabe que terá outras portas para entrar, mas não sabe para onde ir. Pretende fazer faculdade de Educação Física, Dança ou Fisioterapia.

O sujeito 05- tem 22 anos e se diz muito ativa. Antes mesmo de entrar na ONG, sempre foi interessada em aprender cursos e quando entrou na ONG começou a se interessar mais e acreditar mais na sua capacidade. Começou a traçar um objetivo para a sua vida que era a dança e era isso que esse sujeito queria. Estando dentro do projeto teve maior clareza de que é isso mesmo que vai seguir e pretende fazer faculdade de Fisioterapia. Esse sujeito ajuda em casa financeiramente e sente-se merecedor por estar no projeto. Pensou em desistir por causa de dificuldade de convívio em grupo, de achar que não está evoluindo e por covardia porque como é um projeto e todo projeto tem um fim queria sair antes que o projeto acabasse. Hoje não pensa mais assim, acredita que todos tem conhecimento.

O sujeito 06- tem 20 anos e diz que o que marcou mesmo antes de entrar para a dança foi a ONG. Diz que precisava muito do apoio dos pais e não tinha de ninguém, somente de um tio que no meio desse processo acabou falecendo e ele era o único que acreditava que ela fazia alguma coisa e depois disso quem passou a dar uma força foi seu professor de capoeira, e foi com ele que esse sujeito foi para o lado da dança afro, das danças folclóricas, do maculele. E foi daí que ele viu realmente que queria dançar. No começo não se interessava pela reeducação do movimento e só depois de um tempo passou a se interessar pela técnica e pelas coreografias. Hoje em dia sente-se feliz porque reconhece que teve um crescimento e passou por muitas barreiras para chegar onde está. Sente-se feliz quando o pessoal que assiste aos espetáculos elogiam o trabalho deles e diz ser isso muito maior do que qualquer dinheiro, e que a trajetória de ter conquistado tudo isso e não ter desistido já é para esse sujeito a melhor coisa, pois pensou em desistir porque

sentia falta do que fazia e porque exigia muito tempo deles. Tem como objetivo hoje em dia ser professor de dança.

O sujeito 07 – tem 19 anos e diz que foi na base do aprendizado, luta, força de vontade e não só o fazer por fazer e não correr atrás de mais nada. Sente-se privilegiado por estar no grupo, porque não é qualquer um que tem a oportunidade de aprender várias coisas tendo um salário.

O sujeito 08 – tem 21 anos e diz que foi muito moleca, adorava jogar bola - seu esporte preferido – participava de campeonatos. Esse sujeito morava em Brasília e quando chegou em São Paulo, começou a jogar society. Fora jogar bola, esse sujeito gostava muito de estudar. A sua rotina era sair da escola e ir jogar bola. Foi daí que começou a fazer alguns cursos na ONG e tudo mudou, adquiriu mais responsabilidade e dentro do projeto também. Sente-se privilegiado por estar no grupo, pois isso é resultado do seu esforço.

O sujeito 09 – tem 21 anos e diz que com dez anos começou a jogar bola, queria ser jogador profissional. A sua família o apoiava muito e seu tio o levava para os clubes até que com dezesseis anos não deu mais por falta de condições financeiras, pois sua família era do interior de Minas e veio para São Paulo. Aqui em São Paulo os clubes ficam muito distantes uns dos outros e tinha que pagar condução e a mãe dele não tinha condições. Quando ele estava desistindo a história começou a mudar, porque ele se fechou somente nesse foco e não enxergava outras possibilidades. E a dança entrou na sua vida para ampliar esse campo de visão. Hoje em dia tem consciência de que pode ser um professor/bailarino, pois tem opções. Sente-se privilegiado de estar no projeto porque é uma oportunidade que muitos não tem.

O sujeito 10 – tem 21 anos diz que começou na área artística mais especificadamente no teatro por acidente. Diz que sua vida é cheia de acidentes que deram certo. Começou assistindo ensaios de teatro do grupo que seu cunhado fazia parte, e um dia foi convidado a participar. Depois foi parar na Gol de Letra por conta do professor de teatro e foi convidado para ser mediador de leitura formado pela Fundação ABRINQ e começou a trabalhar dentro de um projeto da ONG. Surgiu o convite para o Dança Comunidade, iniciou-se na dançar, e virou assistente e hoje só está dançando no grupo. Sente-se privilegiado porque diz que evoluiu muito.

O sujeito 11- tem 18 anos e começa a relatar sua vida pela entrada na ONG com onze anos. Esse sujeito participava de um projeto dentro da ONG para crianças

e lá foi tendo todo conhecimento de arte que eles lhe passaram. Depois de quatro anos passou a frequentar outro projeto nessa mesma ONG só que para adolescentes e foi dentro desse projeto que esse sujeito teve a oportunidade de estar no Dança Comunidade. Lá aprendeu a dança contemporânea. E quando entrou no Dança Comunidade foi muito difícil, pois era uma coisa totalmente diferente e com o tempo foi adquirindo conhecimento, força de vontade e percebeu que é isso mesmo que quer para a sua vida. Quer um dia poder passar a idéia do Ivaldo para outras pessoas.

O sujeito 12 – tem 21 anos diz que antes da dança ele tinha mais tempo e tinha uma outra visão de arte. Com o passar do tempo foi enriquecendo esse conhecimento e conseguiu mesclar as duas visões de artes cênicas e artes visuais. Hoje se percebe enriquecido de conhecimento e sabe que pode passar isso para as outras pessoas. O sujeito 12 diz que foi por meio da dança que conheceu várias culturas e afetividades, pois só se localizava dentro da zona norte e foi dentro do Projeto que passou a enxergar que dentro de uma cultura existem várias culturas. Diz que a amizade feita no Dança Comunidade foi um dos principais ensinamentos que aprendeu, pois é difícil lidar em grupo e acredita ser um dos maiores ensinamentos que todo mundo deveria ter. Diz se sentir privilegiado e acha que é um trabalho gratificante porque foi uma conquista que esse sujeito teve, pois teve que abrir mão de várias outras coisas para estar ali, mas mesmo assim não se arrepende.

Depois de conhecermos um pouco mais os sujeitos que participaram do universo da nossa pesquisa, através de suas histórias de vida finalizamos o trabalho, no próximo item, no qual registramos nossas impressões e interpretações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhos do encontro. É assim que podemos deixar registradas as reflexões finais deste trabalho. Encontro esse que se deu com um grupo de jovens da

periferia paulistana que foram abraçados por um sonhador e que conseguiu transformar sonhos em realidade.

Como pudemos ver no capítulo I, o corpo se manifesta através dos movimentos pelo qual ele quer significar. A dança é uma dessas possibilidades e através dos movimentos transcendemos o poder das palavras (GARAUDY, 1980), então ela passa a ser a linguagem dos sentimentos, representada pelo corpo de cada indivíduo. Nesse caso a fala do sujeito 08 vem ao encontro das palavras de Garaudy:

Eu acho que a dança te envolve muito. Te muda totalmente, te faz sentir outra pessoa. A dança é assim, algo surpreendente, que te faz evoluir como ser humano, como cidadão, que te faz crescer cada vez mais como pessoa, como ser no mundo hoje (sujeito 08).

A dança é realmente envolvente, ela cria uma linguagem própria para quem a pratica, fazendo com que o indivíduo tenha consciência de si mesmo e do mundo. A dança no contexto do nosso trabalho serviu como um exercício de cidadania no qual as “vozes” dos corpos serviram para expressar seus desejos, vontades, sentimentos através dos movimentos corporais.

Neste sentido Campello (2005, 0.17) vem contribuir com nossa fala:

Hoje, a auto-estima e a confiança num futuro melhor são marcantes nesses jovens e apontam para a importância que atividades culturais de maior duração e alcance podem ter em processos de integração social.

A dança é vista como forma de conhecimento e está ligada a duas áreas: a Arte e a Educação Física. No nosso caso fizemos uma ligação maior com a Educação Física, já que entendemos que o movimento é o objeto de estudo da Educação Física, apesar de uma área complementar a outra do nosso ponto de vista.

Através da arte estabelecemos relações sociais e culturais, construindo assim nossa visão de mundo, no qual ela possibilita a inserção social dos indivíduos na sociedade.

O universo pesquisado neste trabalho nos mostrou as fronteiras entre a arte e o trabalho social, no qual os caminhos percorridos nos levaram aos mais variados

encontros. Encontro entre “o centro e a periferia, entre o local e o global; o popular e o erudito, a dança e a música, a técnica e a expressividade” (MIRANDA, 2005, p.07/08), e pudemos ver que é através dessa possibilidade, que esses jovens foram se inserindo socialmente, e conquistando seu espaço a cada dia.

Falar sobre inserção social num país como o nosso, parece ser sonho, pois não há empenho para uma sociedade mais igualitária. Mas existem alguns trabalhos sendo realizados, colocando em paralelo algumas iniciativas como são os casos das ONGs, que investem na participação dos jovens oferecendo a eles cursos e oficinas dando a eles uma visão de futuro. O sujeito 02 deixa claro isso na sua fala:

O que mais mudou na minha vida eu acho que é um pouco da perspectiva. Dentro de uma ONG você começa a conhecer vários atalhos para você ter um futuro mais refinado. Um futuro que você conheça vários campos culturais, um futuro que você possa escolher o que você quer fazer. Eu conheço muitos jovens que não tiveram acesso a ONG, então o primeiro trabalho que aparecia eles pegavam, porque estavam precisando. E daí na ONG você tem mais escolha, porque você participa de cursos, você conhece o que é cada profissão, você tem mais liberdade de escolha.

Germinar sementes. Foi este o papel das ONGs para o Dança Comunidade, no qual os trabalhos desenvolvidos com esses jovens ajudaram-nos a conquistarem a sua dignidade, responsabilidade, respeito e a autoconfiança podendo olhar de frente os desafios do futuro.

A fala do sujeito 03 nos mostra isso:

Entrando dentro desse projeto, eu comecei a fazer a reeducação do movimento, veio o espetáculo Samwaad e aí foi o Milágrimas continuando. Aí teve as viagens e isso foi importante, porque foi uma revolução. Eu não tava esperando que acontecesse tudo isso, simplesmente eu tava vivendo.

Rosa (2004/A) vem de encontro com a fala dos jovens:

Pode-se dizer que nesses domínios da cultura o que se observa como força de expressão é a manifestação do corpo de um indivíduo, de um grupo ou mesmo da população, sob variadas linguagens. Esses corpos são engajados e estão produzindo discursos dessas comunidades periféricas.

As falas dos sujeitos nos revelaram o cotidiano em que eles vivem, mesmo que rapidamente. Deixaram o anonimato e hoje são reconhecidos pelo trabalho que desenvolvem através da dança, e hoje a auto-estima é traço marcante no futuro desses jovens. O autor contribuiu com as falas dos sujeitos, já que tudo aconteceu devido às manifestações corporais através da dança que eles vivenciaram.

Pensando a dança no contexto da Educação Física ficou clara essa possibilidade especificamente nos conteúdos físicos-esportivos, artísticos e sociais do lazer. Questionamos os jovens entrevistados como eles viam a dança no início do projeto e as respostas foram surpreendentes. No capítulo II, nas análises feitas sobre respostas das entrevistas nos mostraram isso: que a maioria deles a viam como lazer, apesar de não usar esse termo e sim significados atribuídos à palavra. As respostas foram as mais variadas entre elas: **divertimento, prazer, curtição e hobby**. Eles definiram como hobby: fazer aquilo que gosta, ter seu dia e sair a noite com os amigos para dançar, diversão, fim de semana e esquecer dos problemas.

Schwartz (2000, p.99) criou espaço para o “Homo Expressivus” e revela que:

Valorizava os elementos do prazer, da afetividade e da emoção, da criatividade, especialmente embutidos nas dimensões estética e lúdica no sentido de estimular a formação de indivíduos construtores ativos de suas culturas, ao invés de meros espectadores ativos.

Nas fala do sujeito 02 fica claro como ele via a dança:

Como hobby. Hobby pra mim é: você tem o seu dia, você sai de manhã, vai pra escola, depois da escola você vai pra ONG e a noite sai para dançar com os amigos.

E na fala do sujeito 09:

Como um prazer, hobby. Hobby pra mim é diversão, fim de semana, saí de segunda a sexta do trabalho e esfriar sua cabeça, esquecer dos problemas, isso pra mim é um hobby.

Portanto, a fala dos jovens vem de encontro com as palavras de Schwartz, no sentido de que eles a vêem como algo prazeroso, ou seja, lazer. Nesse sentido as vivências do lazer se caracterizam pela experimentação de novos valores que contribuam para mudanças sociais possibilitando a reivindicação social através da participação cultural num tempo privilegiado (STOPPA, 2005).

Na questão como eles vêem a dança atualmente, a maioria deles respondeu que a vê como **profissão**, mas, nas mesmas respostas apareceram novamente as palavras: **prazer, diversão, como esporte e às vezes como momentos de lazer e hobby**.

Veamos algumas das respostas dadas a essa questão. O sujeito 06 diz que:

Além de ser uma profissão, ela também é um lugar onde eu me divirto muito.

Já o sujeito 08:

Como profissão, também vejo como um esporte e às vezes como momentos de lazer.

E o sujeito 10:

Hoje eu vejo como uma coisa profissional, mas mesmo assim é um hobby, porque eu curto muito, eu me divirto muito. Eu vejo como um prazer.

Brenner, Carrano e Dayrell (2005) vêm para reforçar a falas desses sujeitos, pois eles afirmam nas práticas do lazer devemos buscar as atividades que nos proporcione alguma forma de realização pessoal e excitação, permitindo assim uma fuga temporária da rotina.

E por fim, para que não induzíssemos as respostas esperadas, os deixamos relatarem sua história de vida, onde em algumas respostas de forma indireta pudemos perceber que a dança proporcionou a inserção social deles. Na fala do sujeito 02 ele deixa transparecer isso:

Hoje em dia eu já moro sozinho, eu saí de casa em julho desse ano e a dança me proporcionou isso.

Já a fala do sujeito 03:

Me sinto inserido porque é dar valor para aquilo que você conquistou. Lá onde nós moramos somos muito reconhecidos, porque mostra a oportunidade que tivemos através da ONG de estar aqui.

E por fim a fala do sujeito 12 deixa claro:

Sim, porque foi através da dança que eu conheci outras culturas e afetividades, porque eu só me localizava dentro da Zona Norte, nunca saía para o Centro e foi aqui dentro do Projeto que eu comecei a ver que existiam outros tipos de culturas dentro da mesma.

Alguns jovens em suas respostas mostraram que conseguiram autonomia financeira, outros perceberam que através da dança a sua vida podia mudar, são reconhecidos na comunidade em que vivem, o projeto de que participam proporcionou o conhecimento de outras culturas, eles superaram obstáculos para chegar aonde chegaram, e mudaram sua visão de mundo.

Hegarty (2004, p.81) fala da inserção como a oportunidade que os indivíduos tem de “participar das atividades educacionais, de emprego, de consumo, de lazer, comunitárias e domésticas” que são específicas do cotidiano.

As contribuições que esse trabalho trouxe para a área da Educação Física no nosso ponto de vista foram da dança como possibilidade de lazer e a inserção social para jovens, no qual a dança mexeu com o que temos de mais íntimo o corpo, e ela como possibilidade de lazer trabalhou com o prazer e a inserção social proporcionou novos conhecimentos e oportunidades para jovens da periferia que jamais poderiam se realizar fora do Dança Comunidade.

Nosso trabalho, portanto, verificou se a dança como possibilidade de lazer contribuiu de alguma forma para a inserção desses jovens na sociedade. Com ele pudemos averiguar que projetos realizados por ONGs, de caráter inovador, envolvendo jovens da periferia das grandes cidades, mostram que existe, sim, a possibilidade da juventude ter o direito à cultura e ao lazer e se inserir através deles, na sociedade de que faz parte, podendo assim modificar seus hábitos, costumes e

ter voz ativa nos seus grupos sociais e fora deles, preservando a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, M. et al. **Juventud, violencia y vulnerabilidad social en América Latina: desafios para políticas públicas.** [s.l.]: UNESCO, 2002.
- ALVES, R. **A gestão do futuro.** 2.ed. Campinas: Papyrus, 1993.
- ANDRADE, C. D. **Corpo.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da família.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, A.M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BARRETO, D. **Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola.** Campinas: Autores Associados, 2004.
- BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa participante.** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986/A.
- BRANDÃO C. R. **A educação como cultura.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986/B.
- BRENNER, A.K., DAYRELL, J., CARRANO, P. **Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros.** *In:* ABRAMO, H.W., BRANCO, P.P.M. (org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. 1º ed., São Paulo, Fundação Branco, 2005.
- BERTAZZO, I. **Despertar.** *In:* BERTAZZO, I. Espaço e Corpo: guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004.
- BOGÉA, I. **O alcance do movimento.** *In:* BERTAZZO, I. Espaço e Corpo: guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004.
- BONAZZI, C.T. **Arquivos: propostas metodológicas.** *In:* FERREIRA, M.M.; AMADO, J. Usos e abusos da História Oral. 2º ed., Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOSI, E. **Memória e Sociedade – lembranças de velho**. 2ªed., São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1987.

BUENO, R.P.P. **A arte na diferença: um estudo da relação arte/conhecimento do deficiente mental**. (Tese de Doutorado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2002.

CAMARGO, L. O. L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

CAMPELLO, C. **Periferia, cultura e transito social**. In: Campello, C. (org.) *Tenso equilíbrio na dança da sociedade*. São Paulo: SESC, 2005.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CARVALHO, A. M. **Cultura física e desenvolvimento**. Lisboa: Compendium, 1977.

CASSAB, L.A. **História Oral: miúdas considerações para pesquisar em Serviço Social**. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm>. Acesso em 26/03/2007.

CAVASIN, C.R. **A dança na aprendizagem**. Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev03_01.pdf>. Acesso em 03/07/2006.

CORNELL, R. W. Pobreza e educação. In: GENTILLI, P. (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis:[s.n.], 1995.

CRUIKSHANK, J. **Tradição oral e história oral: revendo algumas questões**. In: FERREIRA, M.M., AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*. 2ªed., Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DAMASIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAYRELL, J. **Cultura e identidades juveniles. Última década**. CIDPA: Viña Del Mar, nº 18, 2003, p.69-91- Disponível em <

http://www.colombiajoven.gov.co/documentos/ultima_decada/18_3.pdf>. Acesso em 30/03/2006.

_____. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/textos/ABA2004.pdf>. Acesso em 27/12/2005.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____. **Valores e conteúdos Culturais do Lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

ECA. **Estatuto da Criança e do adolescente**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em 15/04/2005.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e Pós Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELTRIN, A. E. **Inclusão Social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença**. São Paulo: Paulinas, 2004.

FERREIRA, E.L. **Corpo, movimento, deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação**. Minas Gerais: CBDCCR, 2005.

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FRAGA, A. B. **Corpo, identidade e Bom mocismo : cotidiano de uma adolescência bem – comportada**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

FRANA, E. M. **Viver com arte e cultura**. 2005. Disponível em: <http://www.afetrn.br/dpeq/holos/pdfs/027-031.pdf> . Acesso em 12/02/2006.

GAIO, R. **Para além do corpo deficiente – histórias de vida**. Jundiaí: Fontoura, 2006.

- GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRAJCKER, B., LESCHER, A.D., AVENTURATTO, L. **Contemplando a Saúde**. In: BERTAZZO, I. Espaço e Corpo: guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004.
- GROPPO, L.A. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Moderna. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GUMES, N. V. C. **RG: Jovem – Culturas Juvenis e a Formação das Identidades da Juventude**. UFBA, Trabalho apresentado ao XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, B.H., de 02 a 06/09/2003.
<http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP13_gumes.pdf>
- HEGARTY, S. **O apoio centrado na escola: novas oportunidades e novos desafios**. In: FELTRIN, A. E. Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença. São Paulo: Paulinas, 2004.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. 5.ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.
- JUSTINO, M.J. **Homo Ludens**. In: FERREIRA, E.L. (Org.). Interfaces da Dança para pessoas com deficiência. Campinas: CBDCCR, 2002.
- LABAN, R. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.
- LIMA, L.M.S. **O tao da educação**: a filosofia oriental na escola ocidental. São Paulo: Agora, 2000.
- MACEDO, C. C. **Algumas observações sobre a questão da Cultura do povo**. In: VALLE, E.; J. J. Q. (Org). A cultura do povo. São Paulo: Cortez, 1979.
- MARCELLINO, N.C. **Lazer e Educação**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 1987.
- _____. **Estudos do lazer – uma introdução**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

MARCELLINO, N. C. **Políticas de Lazer. Mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte.** *In:* MARCELLINO, N. C. Lazer e esportes. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Lazer e Educação Física.** *In:* DE MARCO, A. Educação Física: Cultura e Sociedade. Campinas: Papirus, 2006.

MACHADO, V. **Estudantes em assentamentos de terras:** um estudo de aspirações por educação. (Dissertação de Mestrado), Araraquara, 2000.

MARTINS, J. S. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

MELO, V. A.D. **A animação cultural, os estudos do lazer e os estudos culturais.** Belo Horizonte, Diálogos: Licere, n.2, v.7, p. 86-103, 2004.

MENDES, M. G. **A dança.** São Paulo: Ática, 1987.

MIRANDA, D. S. **Arte e trabalho social: caminhos do encontro.** *In:* CAMPELLO, C. (org.). São Paulo: SESC, 2005.

MOREIRA, E. M. ; QUEIROZ, T. C. N. **Ações integradas em busca da cidadania: Juventude e cultura em áreas precarizadas de João Pessoa,** 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrent/direitos/direitos12.pdf>> . Acesso em: 10/05/2005.

MORIN, E. **Cultura de Massas no século no XX:** o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

_____. **Ciência com Consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 99.

NANNI, D. **Dança educação:** princípios, métodos e técnicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

PAIS, J.M. **Cultura Juvenis.** Portugal: Casa da Moeda, 1996.

PASTORE, J. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1979.

PERUZZOLO, A.C. **Mídia e discurso corporal.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt26/26c04.pdf>>. Acesso em 30/06/2006.

PINHO, D.B. **Jovens da periferia da Capital Paulista: Arte, Cooperação e Inclusão Social.** Disponível em: <http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/2005_1/diva_pinho.pdf> Acesso em 27/12/2005.

PORTINARI, M. **História da Dança.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

QUEIROZ, M.I.P.de. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”.** In: SIMSOM, O. de M.V. (Org). Experimentos com história de vida (Itália – Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.

RANGEL, N.B.C. **Dança, Educação, Educação Física: propostas de ensino da dança e o universo da Educação Física.** Jundiaí: Fontoura, 2002.

READ, H. **A Educação pela Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSA, C. M. **Cultura Rap nas conexões das linguagens artísticas.** Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/anpap_2004/textos/chtca/celso_rosa.pdf>, 2004/A Acesso em: 10/05/2005.

ROSA, J. S. **A corporeidade na dança: revelações de corpos dançantes da cidade de Aracaju.** (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004/B.

SCHWARTZ, G. M. **Homo Expressivus – as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer.** In: BRUHNS. H.T. (Org.). Temas sobre lazer. Campinas: Autores Associados, 2000.

SANT'ANNA, D. B. **É possível realizar a história de um corpo?** In: SOARES, C. (Org.). Corpo e história. Campinas: Autores Associados, 2001.

SANTIN, S. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento.** Porto Alegre: EST/ESEF, 1994.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EDU, 1986.
_____. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, A. M. **A natureza da Physis Humana – indicadores para o estudo da corporeidade**. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, C. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. **Corpo, conhecimento e educação – Notas Esparsas**. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SPOSATI, A. **Gestão intragovernamental para o enfrentamento da exclusão social no Brasil**. In: NOLETO, M. J.; WERTHEIN, J. (Orgs.). *Pobreza e desigualdade no Brasil*. 2. ed., Brasília: UNESCO, 2004.

STOPPA, E. A. **Tá ligado mano? O hip-hop como lazer e busca da cidadania**. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

TINOCO, E. J. B. **A solidariedade na educação motora: uma perspectiva para a pedagogia da inclusão**. In: *Anais do I Congresso Latino Americano de Educação Motora*. Foz do Iguaçu: [s.n.], 1998.

WEIL, P. **O corpo fala**. São Paulo: Vozes, 1986.

ZOTOVICI, S. A. **Pés no chão e a dança no coração: um olhar fenomenológico da linguagem do movimento pela dança**. 2003.

http://www.faeso.edu.br/horus/artigos/artigo_sandra.pdf. Acesso em 12/02/2006.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

QUESTIONÁRIO

Nome	Completo:

Idade: _____	Sexo: () F () M
De qual ONG você participava quando entrou no projeto? _____	
Quando você começou a participar dessa ONG? ____/____/____	
Ainda participa, ou não? Sim () Não ()	
Se não participa, quando deixou de participar? ____/____/____	
E-mail: _____.	
Telefone: _____.	

TERMO DE ADESÃO E LIVRE CONSENTIMENTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA

MESTRADO: EDUCAÇÃO FÍSICA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PEDAGOGIA DO MOVIMENTO, CORPOREIDADE E LAZER.

TEMA DA PESQUISA: A dança como manifestação cultural: lazer e inserção social para a juventude.

MESTRANDA: Karina Cristofolletti Sarto

ORIENTADOR: Nelson Carvalho Marcellino

Declaro que estou ciente do projeto de pesquisa: **A dança como manifestação cultural: lazer e inserção social para a juventude**, seus objetivos e finalidades, do qual estou participando, por livre e espontânea vontade, atendendo ao convite da pesquisadora responsável. Declaro também que tenho conhecimento de que poderei me retirar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo a minha pessoa. Declaro ainda, que sei que as informações que eu prestar à pesquisadora permanecerão sob sigilo, tendo minha identidade preservada, e somente serão usadas e divulgadas para finalidades acadêmicas.

São Paulo, _____ de _____ de 2006.

Assinatura

Sujeito 01 - 21 anos – Centro Alternativo Artes e Cidadania (CAAC)

P - Porque você se interessou em participar dessa ONG?

R - Na verdade assim desde criança eu achava o teatro muito interessante, achava a arte muito interessante. Eu fazia aula de teatro. **(teatro?)**. Teatro, mais...teatro fazia aulas de teatro, gostava muito de teatro, me interessava muito em conhecer e fazia peças na escola, mais nada assim profissionalmente. Daí, quando surgiu minha mãe e meu pai, resolveram nos colocar, porque para eles era muito importante, porque nós não tínhamos muitas condições, mais eles já gostavam por

eu gostar. **(Onde você mora?)** Eu moro na zona sul. **(Que bairro?)** Cidade Ademar. Então, eles sempre se interessaram e daí o que aconteceu, eu comecei fazenda capoeira, só que eu não tinha condições de pagar, e daí eu tive que sair. Daí eles ficaram sabendo dessa ONG, que era super longe de casa, ficava na zona leste. Aí minha irmã fazia teatro há algum tempo, daí eles falaram: Vocês não querem ir? Dá para ir no final de semana e já vai fazendo alguma coisa. Daí a gente entrou nessa ONG para fazer teatro e aí a gente entrou em abril, ficou maio, e junho nós fomos pro Ivaldo, porque a gente já ta no Ivaldo já faz seis anos na verdade.

P - Acho que você já deu um breve relato, mas eu queria saber com mais detalhes como era a sua vida antes e depois que você entrou na ONG, apesar de você ter ficado pouco.

R - Na verdade, é um pouco complicado eu te explicar isso, porque faz muito tempo que eu entrei na ONG. Eu tinha 14 anos. **(Hoje você tem...)** 21 anos. Eu comecei a dançar com o Ivaldo com catorze anos, de catorze para quinze. Então assim, eu posso te falar algumas coisas, mas, eu nem lembro direito, para ser bem sincera, que eu posso te falar bobeira.

P - Quais eram os projetos oferecidos pela ONG que você participava?

R - Pela ONG, é, tinha várias oficinas. Tinha oficina de teatro, oficina de canto, tinha...que mais que tinha, é que você me pegou mesmo, porque faz muito tempo. **(Você só podia participar de uma ou mais de uma?)** Não, era a minha escolha, a diferença era a minha disponibilidade. Tinha o curso de teatro que era só de sábado, tinha outros cursos que era de dia de semana, que eu já não podia porque eu estudava, mas a escolha era minha.

P - E como foi a seleção do Ivaldo dentro da ONG para o Dança Comunidade, porque você fazia teatro e você fez a seleção para um grupo de dança.

R - Na verdade foi assim, eu comecei no Projeto Mãe Gentil, com o grupo aqui em São Paulo, que depois se tornou um grupo no Rio e desde então, eu to com o Ivaldo. Então, seria só pra que o grupo que eu comecei o Dança Comunidade. Foi bem complicada a seleção, porque na ONG, a seleção que eles fizeram foi com base no teatro. Então o que eles fizeram: fizeram uma seleção de teatro. **(Vocês acharam então que era teatro?)** Não, a gente sabia que era dança, mas foi feita a

seleção de teatro com base na expressão corporal. É, a gente que não tinha muito conhecimento, a gente que não conhecia o nome do Ivaldo, não conhecia o trabalho dele. Ele tava lá fora, ele é uma pessoa muito importante e muito importante era trabalhar com ele. Então, a gente foi fazer essa seleção, vão fazer uma banca – eles chamavam de banca – com uma peça de cinco minutos, que você podia fazer sozinha, acompanhada, em grupo a escolha era sua. E a gente fez. Daí ele selecionou, acho que tinha uns, nem lembro mais. Acho que uns noventa selecionados. Aí, desses noventa que foi pro Ivaldo aí o Ivaldo começou a fazer a seleção de dança. Aí foi um pouco diferente. **(Como ele fez essa seleção?)** É, foi bem complicado. **(Ele pegou só essa ONG ou ele pegou todas as outras?)** Quando eu entrei foi só essa, no Dança Comunidade foram outras. Aí ele entrou mais nisso, mas na minha época foi só uma. Foi feito numa só. A gente tinha tempo limite, que a gente tinha dois meses para ensaiar. E era dois meses. Então, era uma coisa muito rígida, no sentido do aprendizado, que era uma coisa assim: Oh, a gente vai passar isso pra vocês e quem não pegar ta fora. Eles deram oportunidade pra muita gente voltar de fazer uma seleção no sentido assim: oh falam certos nomes, tal passo, coreografia tal até sábado, porque se não der, não da pra gente segurar. Então, eles deram oportunidade, teve gente que saiu e voltou depois porque, eles deram oportunidade de voltar né. E essa seleção foi mais ou menos essa: ele via o seu trabalho corporal, e via o quem tava conseguindo desenvolver aquilo. E quem desenvolvia ficava entendeu, mas ficou muita gente. Acho que ficou umas sessenta e seis, ficou bastante gente.

P - Qual era a sua relação com a dança, como você a via?

R - Eu já tinha feito jazz durante um ano, mas, eu tinha uns oito anos de idade, gostava muito, sempre gostei muito de dançar; mas muito assim, largada. Nunca pensava muito nisso. Agora, hoje eu vejo uma diferença: por causa do contexto corporal que a gente vive aqui no Projeto. Então, se você dança em casa, dança em baile, você está dançando; mas em nenhum momento você pensa no que está dançando. Só que a diferença para mim é muito grande: é isso, você precisa pensar no que você ta fazendo, então você não trabalha só com o corpo, você ta trabalhando necessariamente com a mente e, é lógico, que não é em qualquer lugar

nem academia a gente vai, não tem esse tipo de aprendizado. Então ele faz, ele comenta muito de academia. Você vai na academia fazer exercícios, mas aí, e sua cabeça ta aonde? Ta no sanduíche que você ta comendo enquanto faz bicicleta, ta na televisão que está na sua frente. Só que em nenhum momento, você para pra pensar o que você está trabalhando, e o Ivaldo trabalha muito isso. E é o que me chama mais a atenção até hoje. Tudo, qualquer movimento que ele faz, você sabe como estar realizando, você sabe como a forma de realizar melhor, sem se machucar, se machuca? machuca, mas é uma coisa rara de acontecer. Engraçado que mesmo quando você faz alguma coisa de errado, você já sabe que você fez, ah já sei, já conheço. Você faz, mas você sabe.

P - O que você acha da dança?

R - Hoje em dia, você diz? **(É)** Eu vejo a dança muito como meu refugio. Como profissão em primeiro lugar, eu me vejo como profissional de dança hoje. **(Porque vocês ganham para fazer isso?)** Não, só por isso, porque tem muita gente que ganha, mas não dança com vontade, dança pra ganhar. Mas eu acho que o profissional ele ganha lógico, mas não deve fazer por fazer, como infelizmente muita gente trabalha no que não gosta porque é necessidade, por necessidade. Eu acho que a gente vira profissional, a partir do momento que a gente aplica nosso conhecimento naquilo, que a gente se dedica aquilo. Eu sou uma pessoa que me dedico muito, que eu entro de cabeça mesmo, pode ser qualquer estilo de dança, é complicado? É, mas eu vejo assim primeiramente, como um porte profissional, muito forte hoje em dia em mim. E eu vejo muito como meu refugio entendeu. **(Refugio em que sentido?)** No sentido de que, pode tiver acontecendo na hora que eu tiver dançando, eu to dançando. E assim, pode ter morrido pai, mãe, quem for, na hora em que eu estou dançando é a dança que me consome, entendeu. Eu estou ali de corpo e alma então, você consegue dançar maravilhosamente bem, por mais mal que você esteja, porque é seu refugio aquilo. Cada um tem um refugio de um modo, e eu vejo a dança um pouco como meu refugio. Então, ela me traz muita coisa boa, porque depois que eu danço eu fico calma, eu penso as coisas com calma, minha tristeza fica mais sábia porque, eu consigo organizar meus pensamentos, porque ela me traz calma, ela me traz relaxamento entende.

P - E o que a sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - Minha família sempre me apoiou muito. Eles sempre me deram um incentivo muito grande. Eu falo que eles sempre foram exagerados, porque eles apoiavam, sempre apoiavam, sempre vem assistir, gostam mesmo. Eu levo bronca da produção porque, eu peço convite pra tudo conter lugar, porque minha família vai. Eu acho super legal. Só que às vezes, - antes eu não entendia, mas hoje eu entendo – mas, meu pai principalmente é muito rígido, então assim, ele ia assistir o espetáculo, ele sabia a hora que eu errava, a hora que eu ria e não era para rir, então ele brigava comigo, coisa que nem o Ivaldo faz, e ele fazia. Mas, eu acho legal, porque em nenhum momento isso era pra me prejudicar, era pra me ajudar, porque ele via que eu tinha capacidade na minha pessoa. Então, ele queria que eu melhorasse, pra minha capacidade melhorar mais ainda. Então, eles me deram muito apoio. Eu passei por muita coisa e a minha família foi sempre um porto seguro, sempre me ajudaram muito. No momento que eu queria desistir, foi eles que me levantaram e falaram: Não, você vai continuar!

P - Você pensou em desistir do Dança Comunidade?

R - Muitas vezes, porque às vezes você não se sente satisfeita. Tem vezes que você acha que você, não que você não é para aquilo, mas no sentido de que você não está dando conta. Então você diz: O que é que eu to fazendo aqui? Você se pergunta, você sempre se pergunta pra você, o que é que eu to fazendo aqui? E às vezes, em alguns momentos da vida você fala: meu hoje em dia eu não to prestando pra nada, não to sendo útil, não to realizando do jeito que eu quero, que é o mais importante, então, pra que, que eu to aqui? Então, peraí, não vou dar oportunidade pra outras pessoas, vou ver o que é melhor para mim. Aí a família sempre fala: não, mas peraí, você lutou até agora pra nada? Você lutou esse tempo inteiro sem saber quem você era? Claro que você sabe o que você lutou, você não tem culpa. Agora e luta de novo. Isso na minha família, sempre teve muito, eles sempre me ajudaram muito, pra eu continuar nesses seis anos.

P - Eu gostaria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança, até os dias de hoje.

R - Não tem problema se eu chorar né? **(Não)** Antes da dança eu me via uma menina muito relaxada. Sabe, eu não me preocupava com nada, não tava nem aí com nada. Vou fazer e depois a minha mãe faz as coisas que eu não fiz direito. Sabe aquela história: vou ajudar a mamãe a arrumar a mesa tal, só que eu era muito relaxada, não tinha um futuro. Em nenhum momento, eu me via com futuro. Eu não sabia o que eu queria, não é que eu não sabia: eu não queria nada mesmo, estudava meio que por obrigação, gostava de estudar, mas dava pra estudar. Em nenhum momento, eu me dediquei as coisas, em nenhum momento, eu me via fazendo alguma coisa, eu me via crescendo. Eu vivia sempre naquele mundo, naquele bairro, com aquela história, com aquelas dificuldades. Em nenhum momento, eu acreditava que podia enfrentar as minhas dificuldades e crescer com aquilo. Eu sempre achava: a ta assim, vai ficar assim, eu não vou mudar. Eu acreditava muito nisso, tipo, a pessoa vai falar, não muda. Depois que eu comecei a dançar, eu vi muito a dança no começo, como meu refugio, então eu via que as coisas podiam mudar, podiam ter outro rumo, que a gente não conhecia. Então, comecei a perceber – hoje em dia eu percebo – que a nossa história por mais que ela seja escrita, a gente tem a capacidade de mudar ela – que é assim poxa – que nem eu, to fazendo faculdade de Fisioterapia, vou ser fisioterapeuta. Agora, sou eu que vou decidir na minha história no que é que eu vou me especializar nessa faculdade. É a minha escolha, então, tem coisa na vida que é a gente que escreve. Depois que eu comecei a dançar eu vi isso, porque é uma coisa que o Ivaldo pede muito e que eu acho muito legal, ele fala assim: o passo você tem que fazer do modo que ele faz, só que a dança quem faz é você! Cada corpo é diferente, então me identifica muito com a dança, com a sua vida, quem faz a sua vida é você. Você querendo ou não, você faz escolha por você, mas o modo que você vai realizar isso, é seu, é único. Ninguém faz isso por você, além de você mesmo. E eu liguei isso com a dança, porque eu levei isso muito para a minha vida assim, talvez essa seja a diferença, eu não via importância, eu não dava valor pras coisas. Eu acreditava que eu era tímida e isso era pro resto da minha vida. E hoje em dia não, cada dia eu descubro uma coisa nova em mim, eu acredito, eu me dedico, eu gosto do que eu faço, eu odeio fazer alguma coisa que eu não gosto, se eu começo a ver alguma coisa que eu não gosto eu paro, porque, é uma coisa que magoa, é muito triste ver as pessoas fazendo que não gosta, e tipo, eu to aqui, às vezes eu penso: poxa, que valor que eu to dando, eu tenho que da valor porque eu gosto disso. Problema a gente tem em todo lugar, e eu tenho, qualquer pessoa tem. Se não tiver não tem

graça, pra que, que a gente vive se não tiver problema pra resolver. E, eu vejo muito isso que mudou assim, o valor que eu to dando pras coisas hoje em dia, o modo que eu vejo a vida, o modo como começo a perceber que eu posso controlar as coisas. Nem sempre, porque às vezes, você se descontrola um pouco, mas você pode, você tem capacidade, sentar, pensar com calma e ver o que você quer pra você. Você não precisa deixar o mundo te levar, você pode ir contra a sociedade sim, isso é importante para uma personalidade, não forte, mas pra sua personalidade, que às vezes tem muita diferença nesse sentido.

P - Você se sente privilegiada por estar aqui?

R - Eu não sei dizer se a palavra privilegiada, eu me vejo muito satisfeita. É porque, eu acho que privilégio muita gente tem, e tem muita gente que não aproveita, como tem gente que não acha isso um privilégio. É, que eu acho privilégio uma palavra muito forte. Eu acho que as pessoas podem achar privilégio, mas, quem ta dentro teria que ver de outra forma. Talvez, assim, muito satisfeita. É uma coisa que eu gosto, se eu não gostasse eu não taria, aprendi isso aqui. Isso o Ivaldo sempre fala, se você não esta bem meu, você tem todo o direito de sair. É uma escolha sua e ele admira pessoas que saíram por escolha própria.

P - Na hora que eu perguntei para você, o que você acha da dança, você falou que num primeiro momento você a vê de forma profissional e num segundo, num terceiro, quarto momento?

R - Então, num segundo momento, eu a vejo como um refúgio, aquela história que eu te falei, de eu me refugiar bastante na dança. Num terceiro, eu vejo como uma arte, que atinge muitas pessoas. Pessoas infelizmente, que tem oportunidade e tem gente que não tem oportunidade, mas gostaria de ver um espetáculo de dança. Quando você sai é pra ver se você realmente traz: Nossa foi lindo, foi maravilhoso, mexeu comigo. Isso te da um barato muito legal, da mais vontade de dançar em vez de você sair cansada, você sai com mais vontade de dançar. Nossa você fala: se eu conseguir atingir pessoas, que tem dia infelizmente comum, muito monótono, conseguir atingir elas internamente; nossa eu quero fazer isso com o mundo inteiro. Então, você quer passar isso, você quer vira isso mais que uma só profissão, você quer tornar isso uma vida, entendeu? Então eu vejo isso como minha vida, não somente no Projeto, mas, ta muito mais na dança. Eu quero fazer fisioterapia na

dança, entendeu? Então, já tem todo um mundo focado pra isso, não só por você conhecer mais por aquilo, que te dá prazer, por você ver, que você consegue ajudar uma outra pessoa, só simplesmente dançando. Às vezes, você não faz nada, só faz uma dança ali e a pessoa começa a chorar na tua frente, e te agradece e você diz: Nossa meu, você tá me agradecendo porque? Mais isso é muito legal, porque você consegue modificar uma pessoa, porque conforme você modifica as outras pessoas, você se modifica também, então você se modifica muito. Eu não sei se eu tô respondendo a tua pergunta.

P - E hoje, você faz isso por obrigação ou não?

R - Não, não, não faço. Se fosse por obrigação, eu acho que eu não taria aqui. **(E no começo?)** No começo eu fazia por divertimento, não por obrigação, mais por divertimento. **(O que você quer dizer com divertimento?)** Eu era criança, porque eu tinha catorze anos, e pra mim é criança sim. **(Pré-adolescente)** É, mas era muito criança, tava mais pra criança. Então era assim, era divertimento, eu vou encontrar meus amigos e eu vou dançar. É a mesma coisa quando você vai pra um baile, para encontrar seus amigos pra dançar. A única diferença é que você recebia uma ajuda de custo no final que você acabava gastando com as maiores besteiras do mundo, porque pra você aquilo era puro divertimento.

P - E você, com esse dinheiro que ganha atualmente, você ajuda a sua família?

R - Minha mãe, ela sempre falava pra gente uma frase assim: que a partir do momento que a gente tivesse a nossa independência, das nossas coisas, já ajudaria a família. Então, você compra o seu xampu, você compra o seu absorvente, você se vira. Já teve muitas situações que eu não pude ajudar minha família, por falta de condições. Era uma situação que ninguém podia ajudar. E o orgulho que eu e a minha irmã temos muito, é de ter colocado piso na casa. É uma coisa que você tem pra você, mas igual a minha mãe fala: a partir do momento que todo mês vocês compram as coisas de vocês, eu sei que vocês não estão ajudando a gente, porque vocês não tem obrigação. A gente compra as nossas roupas não é mais a minha mãe. A minha mãe não tem aquela coisa, as minhas filhas estão sem roupa pra ir pra escola, as minhas filhas estão sem calça, como é que eu vou fazer pra comprar,

ela não tem mais essa preocupação. Agora ela se preocupa com as contas, teve uma época que a gente ajudava, só que depois que eu entrei pra faculdade não da mais. **(É você que paga sua faculdade?)** Não, eu sou bolsista, bolsista cem por cento, na Universidade São Camilo com um projeto que eles tem lá de vestibular social. Só que é aquela história, faculdade não é só pagamento de fim de mês. Tem gasto de xerox, transporte, livro, tem comida. Então, eu fiz um trato com meu pai, que foi, que eu não ajudava em casa, mas eu bancaria tudo na faculdade sozinha. Condução, xerox, tinta impressora, eu banco tudo sozinha. Não ajudo, mas banco tudo sozinha, quando dá (risos), tem mês que é mais pesado. **(Daí teu pai tem que te ajudar ou não?)** Eu não gosto muito de pedir ajuda pra ele porque, não que eu me ache folgada, mas tipo eu penso, ele já tem que se virar em casa, a minha mãe é dona de casa **(o que ele faz?)** Ele é vendedor. Então, assim já tem que se virar em casa, então eu vou chegar: pai to sem dinheiro pra isso. Eu tenho que me virar da mais forma possível sabe, fazer redução de gastos e tal, mesmo quando ta mais sem dinheiro. Às vezes, eu peço quando é uma coisa muito importante, quando é trabalho, coisas pra trabalho assim e eu to realmente sem nada, tipo eu não tenho. Daí eu chego falo: pai - normalmente eu peço emprestado – não é nem que eu peço, pai: me empresta, mês que vem eu te dou, porque eu não tenho mais esse mês. Quando ele tem, ele me ajuda e quando ele não tem, a gente se vira. Sei lá, como a gente tem sempre que se virar. Mas é bom, porque é um agradecimento, assim eu acho. Eu não ajudo em casa, mas se eu não tivesse a faculdade eu ajudaria, como a minha irmã faz, ela ajuda.

P - Você gostaria de falar mais alguma coisa que eu não te perguntei e você acha importante?

R - Não.

Sujeito 02 - 21 anos – Arrastão

P - Sujeito 02, você participava da ONG Arrastão? É isso?

R - É isso mesmo.

P - Você continua ainda lá?

R - Continuo, eu faço, eu dou umas oficinas nas segundas-feiras, que é nossa folga aqui no Dança Comunidade. **(Que oficinas?)** Eu trabalho, esse ano eu comecei a trabalhar com a Reeducação do Movimento, que é a técnica do Ivaldo, mas, nos últimos anos passados, eu trabalhava dança com, eu tinha um grupo de percussão com instrumentos reciclados que trabalha com crianças de oito a dezesseis anos. Antigamente, eu era aluno desse grupo também, e, conforme o tempo foi passando

e trabalhando aqui no Ivaldo, vendo a diferença e tudo eu virei um dos professores do grupo.

P - E porque você se interessou em participar dessa ONG?

R - Bom, na verdade assim, a minha irmã já trabalhava lá, como educadora e a minha família, sempre foi uma família musical. Meu pai ensinou todo mundo tocar. A gente sempre teve essa relação com a música, e a minha irmã, viu que tinha algumas coisas lá na ONG, que me despertaria mais vontade ainda de participar dessa área da música. Então, ela fez a inscrição para mim, para que eu possa participar da ONG. E, na verdade, eu não entrei em nada de música. Eu comecei entrando, num espaço lá, um espaço do jovem aonde a gente trabalhava mais a questão do meio ambiente, porque a intenção da ONG também tá mais focada a isso, porque ela fica do lado do córrego. **(Qual córrego?)** Córrego Piaçaba. **(É próximo da sua casa?)** É próximo da minha casa. **(Onde você mora?)** Em Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo. E o foco da ONG, era mais ou menos isso. Então, a gente começou a trabalhar a questão de conscientizar a população nessa questão: de não jogar o lixo no rio e tudo e daí nasceu esse grupo. **(Deu certo?)** Deu super certo, é tá dando certo. Até então, tá dando certo. **(Há quanto tempo existe a ONG Arrastão?)** A Arrastão existe, vai fazer trinta e sete anos e hoje em dia, trabalha com criança desde dois anos até pais, avós e vai embora.

P - E como era antes a sua vida e depois que você começou a participar dessa ONG?

R - Bom, acho o que mais muda no jovem, quando ele, e o que mais mudou na minha vida também, eu acho que é um pouco da perspectiva né? Dentro de uma ONG, você começa a conhecer vários atalhos pra você ter um futuro mais, um futuro mais, como eu posso dizer, um futuro mais, mais refinado, sabe. Um futuro que você conheça vários campos culturais, um futuro que você possa escolher o que você quer fazer. Eu conheço muitos jovens que não tiveram acesso a ONG, então, o primeiro que aparecia, eles pegavam, porque estavam precisando. E daí, na ONG você tem mais escolha, porque você participa de cursos, você conhece o que é cada profissão, você tem mais liberdade de escolha.

P - Quais são os projetos que a ONG oferece?

R - A ONG trabalha depende da idade. Na parte jovem, dos adolescentes, dos jovens, é, hoje em dia a ONG comporta mais ou menos uns seis, sete cursos profissionalizantes. Desde o curso, tem um curso que é o Agente Jovem, que prepara o jovem para montar o projeto, então, ele sai de lá, sabendo fazer um projeto de vida, um projeto próprio de vida. É, tem outro que é de culinária, o jovem que gosta de cozinhar, o jovem que gostaria de trabalhar num restaurante, alguma coisa, ele sai de lá pronto, pelo menos pra fazer um estágio pra trabalhar num restaurante. É, tem, um de vídeo, que também é um curso muito legal, que eu já fui professor dessa sala de vídeo. É, tem, um outro também que é o Empreendedorismo, que o jovem também sai preparado pra ser um jovem empreendedor, e outros que eu não lembro agora. **(O sujeito 01, comentou que participava do teatro e, você, participou do que dentro da sua ONG?)** Da música. **(É, só esse foco no campo da arte que eles enfocam ou eles enfocam outras áreas?)** Hoje, em dia a ONG, foi como eu te falei, a ONG tava muito focada pra questão do meio ambiente, porque, a questão do meio ambiente também, uma questão assim: porque a ONG começou com um grupo de mães. Foram umas voluntárias de classe média lá, em um barracão e começaram a trabalhar com as mães, e as mães faziam o que mais elas sabiam fazer, que era costurar, cozinhar e tirar o dinheiro daquilo. E daí, essas mães começaram a arranjar emprego, e daí, não tinha onde deixar os filhos, e daí, as voluntárias retomavam com os filhos delas, e os filhos foram crescendo e não tinha com aonde deixar os adolescentes, e daí é que foi nascendo essa coisa de trabalhar com jovem e adolescente. Então, há muito tempo, essa ONG continuou nesse campo de cuidar do adolescente, de ter uma atividade a mais pra aquele adolescente, a não ser aquela atividade que tem na escola. Então, foi acrescido nisso. A música, o teatro, a dança ta chegando agora. Eu tenho um campo muito amplo lá dentro, eu já to começando a montar o núcleo de dança, é uma coisa que nunca teve na ONG, a não ser o foco maior de musica/dança/teatro que é o grupo Arrasta Lata, do qual eu já participava. Esse grupo, que ta começando a abrir campos, nós já temos professores de teatro, professores de dança, professores de música. Então, já esta se abrindo, acho que cinco anos atrás que a ONG começou a pensar nesse campo, que é um campo muito legal de se trabalhar.

P - No principio você participou do grupo Arrasta Lata, que envolvia a música e a dança, é isso? E então, qual era a sua relação com a dança, como você a via?

R - É. Minha relação com a dança era meio complicada, era meio, totalmente complicada. **(Porque?)** Porque eu achava que eu não dançava tão bem. **(Que dança era coisa de mulher?)** Não, não, eu nunca tive esse pensamento, e até mesmo a minha família, nunca me deixou pensar dessa forma. Tanto é, que eu achava que eu era a ovelha negra de casa, porque, todos os meus irmãos já tinham aquela, aquele dom de tocar um instrumento desde pequeno, e eu não segui esse método. Vamos dizer assim, meu pai ensinou para todos um instrumento, para não ter briga, cada um sabe um. E ele insistia que eu tocasse piano, e daí não deu certo, não foi, não fluiu. Assim, era uma coisa que se meu pai quer, eu vou, se meus irmãos todos tocam, porque que eu não posso. E daí, eu fui tentando, tentando, mas eu via que não era aquilo. Foi aí, que despertou uma coisa de dançar. Eu comecei a dançar na igreja, com meus amigos e tudo foi fluindo.

P - Como foi a seleção do Ivaldo para o Dança Comunidade dentro da sua ONG?

R - Dentro da minha ONG, antes dessa seleção, um ano antes dessa seleção, eu assisti um espetáculo do Ivaldo que era o Dança das Marés, aqui em São Paulo, eu assisti. **(Que foi o espetáculo com o grupo do Rio de Janeiro?)** Rio de Janeiro. E daí, até então, o Arrasta Lata que era o grupo que eu participo, é, nós levamos todos os instrumentos, fomos todos uniformizados, porque a gente queria fazer uma mini apresentação, depois do espetáculo pra ele, pra que ele talvez futuramente, quisesse trabalhar com a gente. Até então, eu nem conhecia o Ivaldo, não sabia o que que era, quem era o Ivaldo. E daí, chegamos e o Ivaldo não estava lá, enfim, assistimos o espetáculo e achei maravilhoso. E depois de um ano, eu tive a notícia que um tal de Ivaldo, queria fazer um teste com alguns de lá da ONG. Mas até então, não sabia quem era. E daí, foi na cara e na coragem que lá pro SESC Belenzinho, onde estava acontecendo os testes, e dentro disso eu era responsável por doze pessoas que eu levei. Doze adolescentes da ONG, que eu levei pra fazer o teste. E antes disso, já tinha ido a produção do Ivaldo visitar a ONG, pra saber como funciona tudo, mas daí até então, a notícia chegou assim: Você vai ter que fazer um teste de dança pro Ivaldo Bertazzo, pra começar fazer um curso durante dez meses,

nove meses e talvez futuramente, você ter um espetáculo com ele. E daí, fui com esses doze, sem saber o que realmente ia acontecer. Daí, no dia da seleção, já estava acontecendo o projeto, que eu cheguei um pouco depois, já tinha gente trabalhando já, que é muito mais difícil. Daí, desses doze ficaram só dois, eu e mais um menino. **(Que continua hoje no projeto ou não?)** Não, não continua. Depois de três semanas ele viu que não era isso que ele queria. E daí pra mim, foi uma coisa mágica e ao mesmo tempo difícil, porque, por exemplo, a ONG te dá um suporte muito legal. Se você sai aqui do projeto do Ivaldo e volta pra ONG, a ONG te dá um suporte, uma força, nossa que legal, como é que ta indo lá. Mas ao mesmo tempo, você se sente pressionado: poxa, eu tenho que representar a minha ONG. Como sou só eu, integrante da minha ONG, eu já me sentia assim: meu eu não posso sair. Porque você via gente saindo, você via gente que tava desistindo, meu eu não posso sair. Daí que surgiu uma luta muito grande, uma luta bem interior.

P - E o que você acha da dança?

R - O que eu acho da dança, nossa eu acho tanta coisa. Acho que a dança é mágica, acho que a dança é, ela te faz expressar muita coisa que eu, você ta sentindo, é isso, que você consegue expressar muita coisa que tem dentro de você. **(Por exemplo?)** A eu digo, um exemplo muito básico: eu tenho um solo no Milágrimas, que é muito simples assim, pra todo mundo, eu acho que é muito simples também que é uma parte que eu limpo a escada no final da música: eu entro, limpo a escada e saio. E aquilo significa uma coisa muito forte pra mim, uma coisa que trabalha, sabe, durante a minha vida toda. Eu vi a minha mãe trabalhando muito, pra que a gente conquistasse muita coisa, pra que todos pudessem ser meninos educados, meninos que se dessem bem na vida. E aquele momento pra mim, é o momento em que se passa toda essa história na minha cabeça, é o que, não dá nem meio minuto de solo, e passa toda uma história na minha cabeça. Então, eu acho que eu consigo passar para o público, uma estória de trabalho, que tem haver com a minha vida, entendeu. Então eu acho, que na dança, a gente consegue expressar muita coisa pro público, ou talvez não, você está passando uma coisa, a pessoa que está assistindo, ta viajando, ta pensando em outra coisa, que também é relacionado com a vida dele, que também é relacionado com alguma coisa da vida dele, por isso que eu acho que a dança tem muito essa troca, sabe, consegue trocar muita coisa.

P - E o que a sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - Nossa, a minha família me apoiou muito, muito. Hoje, eu digo que eu só to, que eu só continuei, por conta da minha família. **(Você pensou em desistir?)** Várias vezes. **(Porque?)** Porque, acho que a gente observa muito as pessoas que ta do seu lado. Você vê, que tem muita gente conquistando, aprende muito rápido e você demora, e você é marcha lenta e não ta indo, e não ta indo. E daí, você fala: não, não vai dar pra mim. Eu acho que eu vou ficar de canto, então, ou até mesmo pelo cansaço, né. Teve horas que eu falei: meu, eu não vou agüentar acordar amanhã, pelo tempo muito puxado que a gente viveu antes de Samwaad, mas, eu chegava em casa e a minha mãe dava a maior força, cuidava do meu pé machucado, pé todo ralado, pé em carne viva, então, isso te dava incentivo pra continuar no outro dia. Eu acho que a minha família foi à base pra que eu continuasse.

P - Eu queria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias de hoje.

R - Eu acho que bem resumidamente, a minha vida antes da dança é, bom, eu comecei a trabalhar com doze anos. **(Fazendo o que?)** Vendedor de pastel. **(Comia bastante?)** Eu só comia na verdade, por isso é que eu fui mandado embora. Eu acho que o patrão teve muito prejuízo e por isso me mandou embora. E eu comecei a trabalhar com doze, justamente por necessidade, porque, quando eu tinha dez anos, meu pai se separou da minha mãe, e daí, eu era muito grudado com meu pai, assim, eu acho que meu pai era pra mim, um espelho, eu queria ser meu pai. E eu vi, que quando eles se separaram na verdade, eu não queria ser o meu pai, eu queria ser aquele modelo que era a minha mãe, entendeu. Então, foi daí que eu comecei a perceber as coisas, eu via na verdade, como sou o caçula da minha casa, eu não sabia de toda a verdade. **(Vocês são em quantos?)** Nós somos em cinco. Eu tenho uma irmã só, que é a mais velha e depois só vem homem até chegar eu. E na verdade, por ser o mais novo, eu não sabia de todas as histórias, sempre queriam esconder de mim. Então, eu sempre achava que o meu pai, era o melhor pai e a minha mãe era a melhor mãe do mundo, por eu não saber de todas as histórias. E daí, foi conhecendo tudo até então, quando eles separaram, eu fiquei morando com meu pai lá em Minas, eu e o meu irmão que é mais velho do que eu,

só nós dois, e o restante vieram com a minha mãe. E lá, eu vi uma grande diferença, sem a minha mãe era uma grande diferença, é uma grande diferença. Porque, quando fala que pai, é, quando só ta pai, vira pai e mãe é difícil isso acontecer, quando ta mãe, ela consegue virar pai e mãe. O pai é um pouco difícil, o pai é meio irracional, assim, ele é meio não sei, acho que é irracional mesmo a palavra. E daí, acho que ele não agüentou tanto a pressão, e mandou de volta. E daí, vivendo aqui com a minha mãe via que ela trabalhava em casa de família, só vinha pra cá de quinze em quinze dias, chegava no sábado à noite e ia embora no domingo à noite. **(É sua irmã que tomava conta de vocês?)** É a minha irmã que tomava conta. Na verdade, a minha irmã trabalhava o dia todo, então, quem tinha que lavar a roupa, era na verdade eu e o meu irmão, né, que só ia pra escola de manhã e quando voltasse lavava a louça e tudo. Daí o que acontece, terminando meus doze anos mais ou menos, eu comecei a trabalhar nessa banquinha de pastel, pra mim foi uma experiência muito gostosa: pô to trabalhando e só comprava bala quando recebia, bala e doce. E aos meus catorze anos, eu entrei na ONG por essa necessidade de eu conhecer várias coisas, até mesmo no sentido da minha mãe, a minha mãe gostaria muito que eu fosse um menino bem, sabe, que eu conhecesse várias coisas, por São Paulo ter várias oportunidades. E aos catorze anos, eu entrei na ONG, aos quinze nesse grupo de percussão e foi daí que começou a deslanchar tudo, a conhecer lugares, porque esse grupo é, era chamado por vários lugares culturais, faculdades, tocava em praça. Então, era um grupo de conscientização. **(Vocês conseguiam receber alguma coisa, algum dinheiro, por vocês estarem fazendo isso?)** Para os integrantes não, porque até mesmo o dinheiro que era, que era recebido pelo grupo, era mandado pra organização. **(Era pra reverter ali dentro?)** Era pra reverter ali dentro. Tinha duas salas de crianças, que se mantinham pelo dinheiro que a gente recebia nos shows. E, lógico que tinha devolução, assim um uniforme, todas as crianças tinham uniformes, tinham um tênis, toquinha, os uniformes estavam todos comprados, então, já tava tudo certinho, mas não tinha nenhum lucro para os integrantes, até então. E daí, lá dentro mesmo, eu fui fazer um curso de boneco de papel marche, e daí, a mulher que tava fazendo o curso, ela tem uma loja de brinquedo, e ela adorou todo o meu trabalho e me contratou para trabalhar lá, como Office boy, tanto externo quanto interno. E eu fiquei um ano e meio lá, mas também vi que não era aquilo que eu queria. **(Você continuava no projeto Arrasta Lata?)** Ah, poucas vezes né, porque

eu trabalhava de segunda a sábado e só ia nas apresentações que aconteciam à noite, essas coisas. Então, eu fiquei um ano e meio trabalhando nessa loja e desisti na metade, porque eu falei: a meu, não vou ficar aqui pra sempre e perde tudo o que quero pra mim. E acabei voltando pra ONG, como professor de vídeo, que até então, eu já tinha passado pela formação de sala/aula de vídeo. Dei aula pra duas turmas, durante dois anos, e daí, foi até que o Ivaldo me chamou pra seleção. Daí fui selecionado, e a partir disso que começou. **(Quando você foi selecionado?)** Eu entrei no projeto em junho de dois mil e três. Já fazem três anos e meio já. **(E hoje, você consegue ajudar a sua família com o que você ganha?)** Consigo. Tanto é, que hoje em dia eu já moro sozinho. Eu saí da minha casa em julho desse ano. Então, é uma questão de criar uma independência, eu quero começar, eu quero ir atrás do meu apartamento, quero as minhas coisas. **(A dança te proporcionou isso?)** Me proporcionou isso. Hoje eu tenho um currículo bem preenchido, acho que se eu saí daqui hoje, acho que eu consigo um bom emprego. É perto do que eu quero, que é essa questão da escolha, que eu falei pra você, que muitos amigos meus, hoje em dia não escolheram o que tão fazendo, tão fazendo por necessidade. E daí, hoje eu sei, que tenho escolhas talvez, até se eu não conseguir, eu tenho vários atalhos pra ir atrás do que eu quero.

P - Quando você começou a dançar como você via a dança?

R - Como hobby. **(O que é hobby pra você?)** Ah, hobby pra mim, é, você tem o seu dia, você sai de manhã, vai pra escola, depois da escola, você vai pra ONG e à noite você vai dançar com os amigos.

P - Você esta aqui por obrigação?

R - Não, hoje eu estou aqui porque é o que eu quero pra minha vida. É isso. É quase cem por cento assim. E o outro lado, porque assim, eu estou trabalhando, então, é meu trabalho. Eu to aqui porque eu preciso de dinheiro também. Mas, dentro disso a maior parte disso, é o que eu quero pra minha vida – a dança, ser professor, um dia ser coreógrafo, é um dia você ter um projeto, é o que eu quero pra minha vida.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar, que você acha importante estar relatando?

R - Não, acho que a finalidade desse trabalho, o mais interessante é que hoje nós somos bailarinos profissionais e temos o nosso DRT, temos nossa carteira assinada e são poucos lugares que dá valor pro jovem dessa forma. Que trata o jovem como um profissional de verdade, sabe. Até mesmo nós recebemos várias críticas, que nem de longe nós parecemos uma companhia. Mas, trabalhamos como uma companhia, viajamos como uma companhia, horas de trabalho como uma companhia e fazemos sucesso como uma companhia. Então, tudo isso que a gente faz, só é pra mostrar o quanto nós estamos trabalhando para ser realmente profissionais. Estamos sendo reconhecidos.

Sujeito 03 – 18 anos – Ação Comunitária Tiradentes

P - Porque você se interessou em participar da ONG?

R - É, eu me interessei por causa do conteúdo que ela tinha. E, como eu vim da Bahia pra São Paulo, naquele tempo não tinha muita coisa pra eu fazer, então, eu procurei ocupar a minha mente com alguma coisa. Aí eu entrei na ONG Ação Comunitária Tiradentes, pra buscar um pouco de cultura, um pouco de conhecimento.

P - Quais eram os cursos oferecidos pela ONG?

R - Tinha capoeira, balé, quer dizer ainda tem o balé e a capoeira. Tem projeto Agente Jovem e tem o Jovem Cidadão que são cursos extracurriculares.

P - Como era a sua vida antes e depois que você entrou na ONG?

R - Antes eu só participava de escola, tudo que envolvia escola eu tava dentro da escola. Eu buscava alguma coisa, era tudo na escola. E aí, eu entrei dentro da ONG, onde só me acrescentou em buscar conteúdo também, não teve muita diferença.

P - Como foi a seleção o lvaldo dentro da sua ONG para o Dança Comunidade?

R - Bem, ficamos sabendo pela professora de dança: a Tatiana. E, ela disse pra gente, que um coreógrafo queria buscar algumas pessoas pra participar de um projeto de dança. É o Dança Comunidade. Daí, ela falou porque você não faz? Só que eu nunca tinha feito balé, nunca tinha feito dança. Aí, acabei participando do projeto, acabei participando e passei no teste.

P - E qual foi a sua relação no começo com a dança, como você a via?

R - Eu a via como um prazer que as outras pessoas tinham, uma vontade, um desejo de dançar. Mas, eu nunca era interessado, quer dizer, até agora. **(Você não é interessado?)** Antigamente eu não era interessado, depois que eu participei, eu comecei a me interessar pela dança. **(Você achava que era coisa de mulher?)** Não, não achava. Só que pra mim era muito diferente. Num tinha aquela vontade de dançar. Não sei se era falta de conteúdo, como nós temos conteúdo agora, muito conteúdo sobre a dança. É o que nós mais temos agora.

P - Como você vê a dança hoje?

R - Olha, eu vejo assim, não tem, se você não tem papel e caneta pra escrever, ou não consegue escrever aquilo que você sente, é no palco que você consegue, no palco com o seu movimento que você consegue soltar, expressar seus sentimentos. A dança é uma forma de comunicar, é o que está escrito nos livros lógico, mas pra você mostrar o seu movimento, você tem que construir uma história. Dentro do Milágrimas por exemplo, tem uma parte do Abanai, que é à parte do luz negra como a gente chama, que é a coreografia tudo. E isso, pra você mostrar uma história gestual, você tem que mostrar a fisionomia, você tem que ta dentro da historia, você tem que ta participando daquilo. Se não, acho que não rola.

P - O que você acha da dança hoje?

R - Bem, foi aquilo que te falei, é uma forma de expressão, que também é um trabalho. Não é só trabalho, olha, eu acho que a dança faz parte da minha vida por inteiro, porque você tem que se dedicar ao máximo, você tem que buscar o refinamento do movimento, você tem que buscar o controle do movimento e ela é trabalho porque, eu tenho o DRT e a carteira profissional assinada.

P - O que a sua família achou de você participar do Dança Comunidade?

R - Olha, ela estranhou um pouco no começo, porque, eu nunca tive um interesse anterior ao projeto, nunca tive interesse sobre a dança. Então, veio assim do nada. Foi inusitado, então, ela simplesmente falou: vai, se for legal você continua, se não for...

P – Eu queria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias de hoje .

R - Bem, eu vim da Bahia pra São Paulo, chegando aqui, meu pai já estava aqui, ele veio antes, atrás de emprego. Minha mãe, já tinha emprego lá, na Bahia. Aí, simplesmente o meu pai veio pra cá, procurando emprego, a minha mãe fechou o emprego lá e veio pra São Paulo também. Chegando aqui, ficamos na casa da minha tia né, meio montado lá, sei lá como é que foi. Aí, a partir daí, eu comecei a participar da ONG, comecei a participar dos projetos da ONG e veio o projeto do Dança Comunidade que o Ivaldo começou a fazer o teste, tudo. Entrando dentro desse projeto, ele começou a fazer a reeducação do movimento, o espetáculo Samwaad e aí foi o Milágrimas continuando. Aí teve viagens. **(E isso foi importante pra você?)** Foi, foi muito importante. **(Porque?)** Porque foi uma revolução, eu não tava esperando que acontecesse tudo isso, simplesmente eu tava vivendo. Pra mim, pra minha vida pacata, era uma vida normal, era escola, ONG, casa. Ficava conversando com meus amigos, isso é aquela coisa de criança. Só que dentro do projeto, nós amadurecemos, e nós nos desenvolvemos muito bem. Nós crescemos. **(Você está aqui por obrigação?)** Não, eu acho que nunca tive aqui por obrigação, sempre foi por vontade, como era muito conteúdo, era muita novidade. Eu sempre queria estar a par de tudo, entendeu. Sempre teve pessoas que passavam informações pra gente sobre dança, técnica, tudo.

P - Você pensou em desistir?

R - Já pensei em desistir. Quando houve um problema na minha casa, com meu irmão, que alguém tinha que tomar conta dele. Aonde eu moro, não é um lugar tão favorável assim. **(Onde você mora?)** Moro na cidade Tiradentes, Zona Leste. E, eu acho, que é meio difícil morar por lá, aonde eu moro. Não é toda Zona Leste que tem problemas, mas aonde eu moro específico, tem algum problema. Aí, ele não podia ficar sozinho. Naquela época, eu acho que ele tinha uns oito anos. **(A ONG ainda existe?)** A ONG existe, só que nós tínhamos as nossas viagens, então, era assim: meu irmão ficava pela manhã na escola, à tarde na ONG e a noite ele vinha pra casa. Minha mãe trabalha do meio-dia até a meia-noite. **(O que a sua mãe faz?)** Minha mãe é auxiliar de limpeza no Metrô Barra Funda. Aí, esse meio tempo eu e a minha irmã, como ela fazia parte do projeto – a Marleide fazia parte do projeto, é a gente ficava viajando, e ele ficava sozinho até a meia-noite, então, era complicado. **(Em quantos irmãos vocês são?)** Contando comigo, três. Eu, a Marleide e o Mateus, que é o menor de todos. Aí, ele ficava sozinho dentro de casa e tinha que alguém cuidar dele. Meu pai é afastado da gente, ele num assim, nós temos contato com ele, só que assim, é meio difícil por... todo mundo sabe, que uma discussão entre família é muito difícil. Aí, eu estava pensando em sair do projeto, pra tomar conta dele. Daí foi o pessoal, o Ivaldo, o psicólogo, a assistente social, veio falar comigo. Não é bem assim, vamos resolver de outra forma. E a gente foi se adaptando, acho que foi, acho que foi mais uma atitude minha. Nem a minha mãe também tava sabendo sobre essa atitude. **(E você ajuda em casa?)** Ajudo, principalmente assim, na questão de alimentação, de pagar conta. Eu acho assim, é muito importante. **(Você não faz faculdade?)** Não, não faço faculdade. To terminando o terceiro ano. **(Pretende fazer?)** Pretendo fazer. **(O que?)** Ai fica meio difícil. Tem, como a dança está em tudo agora, eu tenho que fazer alguma coisa envolvida com a dança. Eu pretendo continuar com isso, se houver oportunidade pra eu continuar com isso. Então, eu pretendo fazer faculdade de dança, alguma coisa assim. Ou se houver, se eu não puder mais participar sobre isso, porque, o nosso único apoio que nós temos é o Ivaldo, então, se nós cortamos essa ligação com o Ivaldo eu pretendo fazer acho que Arquitetura, Engenharia.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar, que você acha importante estar relatando?

R – Não.

Sujeito 04 – 21 anos – Sarambeque

P - Porque você se interessou em participar dessa ONG?

R - Na verdade, a ONG que foi me buscar, porque a ONG tava querendo uma professora de dança afro. Na época, eu tinha acabado de fazer o curso de capacitação da área de dança afro. E aí, foi por isso. Aí, eu participava do Centro Cultural Monte Azul, que é próximo da minha casa, e aí, a Ana que é diretora da Sarambeque, hoje em dia, ela trabalhava no Centro Cultural. Então, ela que me chamou para participar e aí, na ONG eu era professora de dança afro.

P - E onde você mora?

R - Jardim Monte Azul, próximo a Santo Amaro.

P - **Como era antes a sua vida e depois que você começou a dar aulas na ONG?**

R - Antes da Sarambeque e depois da Sarambeque? **(Isso.)** Antes da Sarambeque, era mais ou menos. Eu gostava porque quando eu entrei na Sarambeque, eu acho que eu tinha catorze anos, e eu já dançava desde os nove no Centro Cultural. **(Onde você aprendeu a dançar?)** No Centro Cultural Monte Azul. Foi, eu comecei a fazer balé, mas não era balé clássico, né. Aí, eu fiz balé contemporâneo com o professor Cido, e até hoje eu danço com ele, quando eu posso. Hoje em dia, pra comparar com o que era antes, hoje em dia eu quase não tenho tempo pra nada e antes eu tinha tempo mais ou menos né. E aí, eu fazia dança afro, já fiz hip hop e fazias outras coisas na ONG.

P - **Quais eram os projetos oferecidos pela ONG?**

R - Não tinha projetos não. **(Oficinas?)** Ah, na ONG tinha aula de violão, de baixo, de percussão, de hip hop, dança de rua e a minha aula, que era dança afro.

P - **No início, qual foi a sua relação com a dança, como você a via?**

R – Eu sempre tive o sonho de dançar né. Mas, eu nunca me achei com cara de bailarina, até hoje, que eu danço profissional, não me acho com cara de bailarina/dançarina; porque é tudo o que eu quis e a minha mãe me deu uma força muito grande. Esse professor, que eu comecei a dar aula, já foi professor da minha mãe e aí eu via como uma profissão, mas não tanto como eu to vendo agora. Agora sim, eu quero encarar, quero fazer uma faculdade, e, é isso que eu quero pra minha vida. Mas, antes eu não botava muita fé, até entrar no Ivaldo. Até entrar no Ivaldo, depois de entrar no Ivaldo que eu comecei a acreditar no meu sonho.

P - **E você pretende fazer faculdade do que?**

R - Ou Fisioterapia, ou Educação Física ou Dança.

P - **Como foi a seleção do Ivaldo para o Dança Comunidade dentro da sua ONG?**

R - Olha, na verdade, quando a gente entrou já existia o grupo. Eu entrei depois de um mês. Era assim, era, foi selecionado uns setenta e aí foi diminuindo, foi diminuindo, foi diminuindo e ele precisa chegar na meta de acho de sessenta pessoas. E aí, como foi diminuindo, ele chamou a minha ONG que foi a penúltima a entrar. E aí, na minha ONG tinha: eu, o professor Anderson, que é o professor de hip hop, a Fabiola, o Carlos, o Zé Mario e a Daiane que é minha irmã. E aí, quando a gente entrou já estava selecionado. Então, pra gente foi mais difícil, porque a gente passou por uma seleção entre eles, entre os que já estavam, então, a gente estava um pouco menos avançado do que eles. E foi isso.

P - E o que você acha da dança?

R - Eu não sei. Pra mim, a dança é tudo. Eu acho que, hoje em dia, quando eu vou assistir uma peça de dança, hoje eu já consigo ver, consigo ler, consigo ver o que a pessoa ta querendo passar. E eu acho, que não é qualquer pessoa que consegue ver isso. Então, a dança pra mim é, pra mim é tudo, é a minha vida, mas não sei se é essa resposta que você queria. **(Você pode falar tudo que quiser, tudo o que tiver vontade.)** Ai não sei, a dança significa muito pra mim, hoje em dia, não sei o que eu faria sem a dança. Todo mundo me pergunta: Se você não fosse bailarina, o que você seria? Eu não sei o que eu seria. Eu já quis ser Aeromoça, mas hoje em dia não quero mais.

P - O que a sua família achou num primeiro momento da sua participação no dança Comunidade?

R - Principalmente minha mãe, ela adorou muito né. Como eu falei, ela sempre me apoiou muito. Agora minha família é legal, porque eles me vê como uma pessoa, uma pessoa é como um exemplo, eles falam: Olha a Dani, a Dani não sei o que, e ainda falam mais de mim. Eu sou mãe, eu tenho uma filha, uma filha de três anos. Quando eu entrei no projeto ela tinha, acho que dois meses ou três meses de nascida. Então, eles me apoiaram muito porque tava bem no começo, tiveram que ficar com a minha filha pra mim ir junto, e aí, hoje em dia eles gostam muito de mim,

acho até que as pessoas que eram mais afastadas de mim hoje são muito próxima de mim por isso, por eu ter lutado, por, acho que eu sou um exemplo pra eles.

P - Você se sente privilegiada por estar aqui no Ivaldo?

R - Com certeza, não tem, com certeza. Não é qualquer pessoa, qualquer adolescente que participa disso não. Mesmo porque, é muito difícil ta aqui, foi difícil o teste, e é difícil continuar no projeto. Pode ver que de sessenta, setenta pessoas, ficaram trinta e sete. Muitas pessoas saíram, não só no teste como eu falei, é difícil continuar aqui, trabalhar.

P - Você pensou em desistir?

R - Acho que nunca, não. Às vezes, a gente fica triste, daí eu fico com saudades da minha filha, quando eu to muito longe, mas nunca. Triste, porque uma vez eu cheguei em casa a minha filha falou que tava sentindo muito falta de mim. E aí, ela tem de tudo, tudo o que eu posso dar eu dava, mas eu sei que nem tudo eu posso dar, é o que ela quer. Que é a minha presença. Mas, eu falei pra ela, que um dia ela vai ter essa recompensa, porque, eu to aqui por ela, eu trabalho por ela também.

P - Eu gostaria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias atuais.

R - Eu sempre quis dançar né. E aí, quando eu comecei numa ONG pequenininha, eu era a menor do grupo. Eu participava de um grupo de vinte pessoas, o mais velho tinha trinta e cinco e eu tinha onze, então, eu era a mascote do grupo. E hoje em dia, eu vejo eles, eu to até maior. E eu participo da dança afro, pelo Centro Cultural Monte Azul, que foi a capacitação solidária lá. Eles deram um curso lá, e aí, depois que eu aprendi dança afro, eu achava que a dança afro era a minha vida, porque eu aprendi muita coisa além da dança afro. Eu fiz capoeira, fiz teatro lá também, eu fiz um curso de figurino, de desenho essas coisas. E aí, até hoje, eu acho que a dança afro é a minha vida. Eu gosto muito da dança afro. Eu acho que é a minha cara, por isso que eu não me acho com cara de bailarina. Nesse espetáculo em si, eu me identifico mais. Eu gosto primeiro, porque no espetáculo eu danço afro também, que é o maculele, que fui eu que montei essas coisas. E quando eu conheci, quando eu vi o Ivaldo, que eu conheci o Ivaldo foi uma busca muito grande, porque eu quero muito hoje em dia, participar do método do Ivaldo: reeducação do

movimento. E além disso dança afro, eu quero fazer uma junção dos dois. É isso que eu quero pra minha vida, e é isso.

P - Você só vê a dança como reeducação do movimento?

R - Não. Reeducação do movimento eu nem acho que é dançar. Reeducação do movimento, é um movimento de várias parte do corpo. **(É uma técnica que vocês aplicam aqui dentro da coreografia?)** É. **(Mas você só vê esse lado da dança ou você vê outros lados, outras possibilidades?)** A não, eu vejo outros, mas ah não sei. Eu não sei como te explicar. Eu gosto de tudo. **(Você ajuda sua família financeiramente?)** Ajudo. A maioria do meu dinheiro vai pra minha filha e pra minha mãe. É muito difícil eu ter dinheiro só pra mim.

P - Fala mais, eu quero saber mais sobre o que você pensa sobre a dança?

R - Eu gosto muito de dançar, às vezes é difícil, às vezes não é, ainda mais com o Ivaldo. Com o Ivaldo é muito difícil, o Ivaldo é porreta. Mas eu gosto muito, mas eu não quero só isso, eu quero continuar. Você sabe que vai acabar aqui né? **(Agora em outubro?)** É. Então, é à parte da minha vida que eu fico mais pensando no que eu vou fazer. **(Será que vai acabar?)** Muitas vezes falaram que ia acabar e não acabou. Eu acho que vai acabar pelo contrato que a gente tem. A gente tem um contrato. **(Mas, às vezes podem renovar)** É pode renovar, é então eu não sei. **(Isso te preocupa?)** Muito. **(Mas, você tem capacidade)** Eu sei, eu me preocupo muito porque é isso que eu te falei, eu tinha uma vida antes e to tendo uma vida agora. Então, se eu sair daqui eu vou ter várias portas para mim entrar, mas eu não sei para onde ir. **(Você participa de algum outro projeto junto com o Ivaldo?)** Não, eu já dei aula de monitor aqui na escola, mas foi durante três meses, foi pouco tempo. Então, e isso me preocupa porque eu não sei, não é medo, mas eu não sei como vai ser em outra companhia, eu não sei como seria em outra companhia. Se eu fosse dar aula eu não sei, como seria dar aula, apesar que eu já dei às vezes poucas aulas, não como professor mesmo eu nunca fui. Mas é isso.

P - E você só vê a dança de maneira profissional?

R - Antigamente, eu pensava que era um hobby dançar. Hoje eu danço por prazer lógico. **(O que é hobby para você?)** É fazer aquilo que você gosta muito, que você sempre faz. Se você ta parado, eu sempre dancei, assim desde pequena. Então

hoje em dia eu faço por prazer mais. **(E aqui no Ivaldo, você está por obrigação?)** Não. **(Você vê a dança como uma obrigação?)** Não, mas eu vejo como uma profissão seria. Eu não brinco, não tem hora de brincar, mas lógico que a gente brinca às vezes, mas não tem essa. Se eu faltar um dia, vai ser prejudicado, se eu não vier ou alguma assim, se eu me machucar, alguma parte do meu corpo vai ser prejudicado, ou eu ou a pessoa que vamos sentir. Por isso, acho mais serio hoje do que antigamente, mas não que seja uma obrigação. **(Antigamente quando você começou?)** Não no Ivaldo, antes do Ivaldo. Desde que eu comecei a dançar, desde o Ivaldo agora mais porque a gente ta, eu to profissional, tirei DRT e registro na carteira, então isso pra mim é mais profissional.

P - Tem alguma coisa que você gostaria de colocar, que você acha importante estar relatando que eu não te perguntei?

R - Não.

Sujeito 05 – 22 anos – Centro Alternativo Artes e Cidadania (CAAC)

P - Porque você se interessou em participar da ONG?

R - Pra fazer curso de teatro. **(Só isso?)** A princípio foi. Eu fiquei sabendo de uma agência de modelos né, daí eu fui até lá, aí perguntou: Qual o interesse? Eu fiquei sabendo através de um amigo sobre uma agência de modelos. Eu mostrei umas fotos minha, que eu sempre tive interesse de fazer teatro. E daí ele pegou, falou dessa agência e eu fui até essa agência. Daí, ela pegou e falou tem uma ONG legal

que ta pegando gente e tudo. Daí eu fui pra lá com o intuito de fazer o teatro. Aí lá eu fui aprendendo outras coisas.

P - Como era antes a sua vida e depois que você começou a participar da ONG?

R - Eu sempre fui atrás de cursos e antes de eu entrar na ONG, eu tava correndo atrás, ainda de cursos assim. **(Seu sonho era ser modelo?)** Na verdade, meu sonho era, eu vejo assim que era ser famosa, de alguma forma no meio artístico. Eu não tinha tanta vontade de ser modelo não, mas falavam muito por conta de eu ser muito magra e me achavam alta. Mas, então, se tivesse trabalho como modelo eu ia. Mas numa lembrança que eu tenho sempre quis dançar desde pequena.

P - Quais eram as oficinas oferecidas pela ONG que você participava?

R - No começo eu participei do teatro, em seguida quando eu entrei no grupo, como a ONG era longe, aí eu tinha que ta mais cedo na ONG pra vir pro projeto. E daí nesse tempo eu fiz aula de dança afro, fiz aula de dança do ventre, eu chegava mais cedo, porque eu ia ter que ir lá mesmo, eu ia mais cedo e o curso que tivesse tendo eu fazia. **(Mas quais oficinas que eles ofereciam, independente se você fizesse ou não?)** Nossa, não lembro muito não. Eu lembro do teatro, do afro, da dança do ventre. Eu lembro mais desses.

P - E no início qual a sua relação com a dança, como você a via?

R - Eu tinha prazer, tinha vontade, curiosidade, eu sempre tive interesse, sempre.

P - Como foi a seleção do Ivaldo para o Dança Comunidade dentro da sua ONG?

R - Na minha ONG foi feito assim: ele fez o convite para o diretor, onde o diretor organizou uma banca né, que a gente chama, onde cada um ia apresentar, se eu não me engano quinze minutos de um pedaço de uma peça ou tirada de um livro, ou criado por si e lá o diretor através disso ia selecionar quem seriam os escolhidos. E daí, mandaria pro Ivaldo e o Ivaldo faria a próxima seleção.

P - E o que você acha da dança?

R - Um prazer. **(Só?)** Não, só não. A dança ela organiza, ela estrutura, ela desestrutura, ela liberta, ela ensina, ela desensina, é tudo assim.

P - O que a sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - Adoraram. Meus pais, sempre eu tive apoio do meu pai, da minha mãe, e a gente tem um irmão né. E o fato das duas estarem juntas, minha mãe sempre cogitou essa idéia, por conta eu e a minha irmã a gente não tem muita afinidade né, e daí pra minha mãe, só o fato de estar trabalhando junta, já era tudo. Porque, durante essa minha procura de cursos, eu sempre fazia sozinha e ela não. Daí foi a primeira vez que ela teve interesse de vir junto. Então, pra minha mãe foi tudo, as duas juntas, saber que era um projeto responsável, adoraram. Meus pais adoraram.

P - Você se sente privilegiada por estar aqui?

R - Merecedora. Eu me sinto merecedora. Privilegiada diante de algumas instâncias, mais acredito que merecedora. **(Quais?)** É, quando eu vejo que durante as viagens né, a gente vê alguns privilégios. Eu nunca trabalhei num grupo profissional, mas a gente ouve falar, como funciona tudo. Então, a gente vê alguns privilégios assim, em relação talvez na alimentação que a gente tem uma melhor, e lá no profissional cada um se vira. Nesse sentido privilegiada, mas no sentido de eu ir até a cidade, essas situações merecedora.

P - Eu queria que você fizesse um relato da sua história de vida - antes da dança até os dias de hoje.

R - Sempre fui muito ativa, antes de eu entrar na ONG eu era muito ativa e sempre muito interessada em cursos. E, eu entrei na ONG, comecei a me interessar mais e mais e acreditar na minha capacidade e ver, comecei a traçar um rumo e um objetivo na minha vida de que era isso que eu queria pra mim, que é a dança. Estando no Dança Comunidade, eu aperfeiçoei mais esse lado e tive certeza da minha faculdade que eu quero fazer Fisioterapia. É isso. **(Porque você não faz**

faculdade?) Por enquanto por falta de condições financeiras, mas ainda eu vou fazer. **(Você ajuda a sua mãe em casa?)** Ajudo. Eu e a minha irmã ajudamos da forma que é combinado lá dentro de casa, mas a gente ajuda. Nós temos um acordo entre a gente lá, e sempre ajudamos desde que a gente começou.

P - Você vê a dança como obrigação?

R - Não. Às vezes, porque é um trabalho normal né. Então, tem dia que você realmente não ta bem, às vezes não é nem o corpo, seu emocional não ta bem. Então, é um trabalho comum, então, tem dia realmente que você não quer ir e daí você vai, só que aí você cria uma história de todo o seu passado e todo o seu presente, que faz você enxergar como foi pra você ta ali. A conquista, as barreiras que você passou, e daí você tira de letra, não é uma obrigação.

P - Você já pensou em desistir?

R - Eu já pensei em desistir por conta que eu tenho muita dificuldade de convívio em grupo. Eu tenho um gênio muito forte e durante os processos no Projeto isso me prejudicava, que eu batia muito de frente com as pessoas, então, aí eu já pensei em desistir por isso. **(É importante você ser assim ou você acha que não? Porque é a sua personalidade.)** Eu acho importante, mas no decorrer do tempo eu fui percebendo que assim, no começo de vida pra conquistar onde eu cheguei, isso valeu muito, mas pra eu me manter eu tive que guardar muito esse meu lado, e aprende que cada pessoa é uma pessoa e às vezes é difícil. Às vezes a pessoa ta irritada e ai você já vem reclamando de uma coisa, e ai ela te trata de uma forma e você já não aceita e vira aquela bagunça. Então, eu já pensei em desistir por conta disso, por conta de achar que eu não to evoluindo. Teve um época que eu achei que tava estacionando. Hoje em dia eu também já pensei nisso, mas daí não pensei em desistir. Eu luto contra e procuro coisas que vão me ajudar a vencer isso, hoje em dia eu não penso em desistir não. Mas já pensei, e pensei por achar que foi mais acredito, que covardia, porque como é um projeto tem um fim né. E eu pensava que quando acabasse como ia ser pra mim, a gente sempre tem esse medo, então, eu já pensei em desistir no sentido de covardia, antes que acabasse, eu saí pra não passar por isso também. Mas hoje em dia não penso assim não. Eu acredito que nós todos somos capazes, a gente tem muito conhecimento. É que como a gente fica muito fechado dentro do grupo, por conta de muito trabalho que a gente tem

que fazer, você não acredita muita na sua capacidade, mas sempre que dão uma oportunidade agente vê. A gente sabe muito mais do que a gente pensa, quando colocam a gente em workshops, quando a gente tem a oportunidade de dar aula ou você da aula em algum lugar da muito medo, mas quando você ta lá, durante passa muito rápido, você vai vendo que sabe muito.

P - Gostaria que você falasse um pouco mais da dança, você falou tão pouco.

R - A dança ela é muito difícil, porque assim que nem eu te falei, tem dia que você não ta bem, tem dia que você está ótima. E é tudo, o tempo inteiro uma faca de dois gumes. Às vezes, você não ta bem e isso faz com que você dance melhor, porque você acaba se concentrando, você fica na sua, ou às vezes, você não ta bem você não passa uma emoção, você não passa uma vida diante do passo que você tem que realizar. E vice-versa, quando você ta bem às vezes você dança muito bem, assim todo mundo te elogia porque, parece que você transmite uma luz a energia é outra.

P - Você só vê a dança de maneira profissional?

R - Não, eu vejo como pessoal também. É ali que às vezes que mostra os meus medos ou os meus prazeres né. Que quando te colocam sozinha pra dançar pra mim é um medo, eu tenho muita dificuldade, mas ao mesmo tempo depois que eu me sinto a vontade é um prazer, é uma conquista. Eu vivo chorando aí pelos cantos, que quando eu não to bem, que eu sinto que eu não to dançando bem. Ai todo mundo: mas você ta bem. Mas para mim não interessa o executar, existe uma vida dentro desse corpo que ta se apresentando, pra mim funciona desse jeito. Então, se eu não to conseguindo dançar com amor, pra mim para tudo e eu preciso achar aonde esta esse erro. Não vejo como só profissional, não. Faz parte, o profissional faz parte, só, consequência, eu vejo como consequência mesmo, não é o principal não. **(Você falou que dança é um prazer, prazer em que sentido?)** No sentido que eu disse é um prazer de liberdade é um momento assim, quando eu to dançando mesmo que tenha cinqüenta no palco, eu sinto que sou só eu ali. É isso.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar que você acha importante?

R- Não.

Sujeito 06 – 20 anos – Nossa Senhora Aparecida

P - Porque você se interessou em participar da ONG?

R- Assim, na verdade eu estudava com um amiga e aí ela me convidou: Ah tem um curso que eu faço de informática. E eu, tinha há muito tempo vontade de fazer aula de informática. Aí, ela me levou pra essa ONG, aí lá além da informática eu comecei a fazer aula de auxiliar de escritório, que também gostei e de capoeira angola. Aí, com o tempo, com um ano e meio eu também entrei pra fazer parte de um grupo

chamado Banda Juventude da Vila, que era um grupo de percussão que tinha nessa ONG também. Mas, foi mais por interesse mesmo da informática.

P - Como era antes a sua vida e depois que você entrou na ONG?

R- Antes eu só ia pra escola, mesmo né. À tarde eu não fazia nada, às vezes só ficava em casa assistindo televisão ou fazia trabalho da escola. Aí, quando eu entrei na ONG, aí eu passei a estudar a tarde e fazer aula nessa ONG de manhã. E então, praticamente mudou assim, os horários do que eu fazia. **(Mas em relação aos cursos que você fez, mudou alguma coisa, eles te proporcionaram alguma coisa?)** Ah, eu digo que lá foi a minha base né. Até pro caminho da dança que eu estou hoje. Porque foi através do interesse pela informática, que eu entrei na capoeira e dentro da capoeira que surgiu a minha vontade de aprender dança afro, danças folclóricas e através dessas danças, que quando o Guto que era um assessor do Ivaldo, um assistente foi nas ONG atrás de gente que já dançavam ou que tinham envolvimento com percussão ou com dança né, que eu peguei e vim fazer o teste no grupo do Ivaldo.

P - Como foi a seleção do Ivaldo na sua ONG para o Dança Comunidade?

R - Então tinha uma ONG chamada Samaritano, que era uma ONG onde um amigo meu, que sempre andou comigo na capoeira angola né, chamado Marcio, que ele fazia parte, que ele fazia aula de break. E lá, nessa ONG Samaritano ele falou quando o Guto chegou lá: Ah tem mais uma ONG Centro Educacional Popular e aí falaram lá com o Gilmar que era um dos professores de dança. Aí ele selecionou alguns alunos, aqueles que já faziam dança com ele algum tempo e trouxe pra fazer o teste.

P - Quais eram as oficinas oferecidas pela ONG que você participava?

R- Tinha informática, auxiliar de escritório, tinha marcenaria, artes plásticas também e assim na parte de dança, mais cultural, tinha capoeira angola, percussão e algumas danças: gafieira, um pouquinho de jazz.

P - Você disse que não participava mais da ONG, mas que você faz parte da coordenação, é isso?

R- Isso. Assim, teve meio que um processo lá eu na ONG. Na verdade, eu comecei na informática e aí em seguida eu fiz um curso no CDI que é Comitê da Democratização da Informática. Aí eu comecei a dar aula de informática lá nessa ONG. Aí eu fiquei dando aula seis meses. Com seis meses que eu tava dando aula foi quando o Ivaldo mandou o Guto lá na ONG. Aí eu sai pra entrar nesse projeto, e aí eu parei de dar aula lá. Aí no ano passado, a coordenação mudou né, então eu passei a ser a tesoureira da ONG, então, primeiro fui aluna, depois professora e agora eu faço parte da coordenação.

P - E no início qual foi a sua relação com a dança, como você a via?

R - Então, o que eu gostava mesmo, o que estava em mim era a dança afro e algumas danças folclóricas. E o Ivaldo trouxe uma outra linguagem – dança indiana, um pouquinho de Reeducação do Movimento, que ajudou bastante. E na relação das coisas do Ivaldo, eu não tinha nenhum conhecimento. Mas, era bom porque eu queria conhecer mais danças entendeu. E aí foi aonde que eu fui me achando, não, é isso mesmo que eu quero. A dança que eu quero seguir na minha vida, dar aula de dança, porque na verdade, quando eu era pequena eu tinha vontade de ser professora de matemática. E aí foi mudando a história.

P - O que você acha da dança?

R - O que eu acho da dança? Eu acho que além de uma simples dança, dançar mesmo, ela modifica o nosso corpo, além de ser uma distração ajuda também a gente a, me fugiu a palavra. A dança hoje em dia pra mim, além de ser uma profissão, ela também é um lugar onde eu me divirto muito e me sinto muito bem.

P - O que sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - Complicado viu, porque na verdade assim, no começo quando eu entrei na ONG mesmo, minha família não me apoiava de nenhum jeito. **(Porque?)** Porque? Sabe vizinho fofoqueiro, falando que eu não ia pra ONG nenhuma, que não existia. Porque na verdade na minha família, ninguém nunca passou por isso. ONG? O que é ONG? Ninguém sabia o que era isso, entendeu. E nem sabiam que tinham lugares

que ofereciam oficinas de graça. Então, meio que não acreditavam que eu tava indo estudar lá. Aí, falavam que eu ia atrás de namorado, que eu ficava com namorado e não era verdade, nem namorado eu tinha. Então, eu sofri muito nessa parte né. Pra eu continuar fazendo mesmo as aulas de informática, continuar na dança, na capoeira então, nem se fala, porque eu saía no final de semana de manhã e só voltava a tarde. Então a minha mãe, meio que não acreditava né, que eu ficava muito tempo sozinha, fora de casa. E daí, quando eu entrei no projeto é que eles viram, quando eles viram mesmo o primeiro espetáculo aí eles acreditaram e falaram: ah sim, isso é uma coisa boa pra Silvana e tudo. Mas antes mesmo não acreditavam e nem acompanharam, na verdade a trajetória foi a pior parte da história entre aspas.

P - Eu queria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias atuais.

R - Então, eu vou começar pela parte que marcou bastante antes de eu entrar mesmo na dança. Na verdade, eu vou falar na ONG né, que eu precisava muito do apoio da minha mãe, dos meus pais e eu não tinha de ninguém. Eu tinha de um único tio meu e ele acabou falecendo no meio da história, e era o único que acreditava assim, que eu fazia alguma coisa. E nesse meio termo assim, quem me deu uma grande força assim mesmo foi o meu professor de capoeira, que eu fiquei andando com ele muito tempo, assim, na capoeira angola e ele me levou pro lado da dança, da dança afro, de danças folclóricas, do maculele que foram as primeiras danças assim mesmo que eu conheci. E foi através disso que eu fui ver: realmente eu quero dançar. E apesar que a história assim das coisas do Ivaldo mesmo eu não “me interessava”, porque na verdade eu não conhecia. Mas, aí depois de um tempo, de um tempo mesmo que eu passei a gostar da reeducação do movimento, das coreografias que o Ivaldo passava. Então hoje em dia, eu fico muito feliz porque eu sei que teve um crescimento, eu sei que eu passei por muitas barreiras né, pra poder chegar aonde eu cheguei. E o que eu fico maravilhosamente bem assim, é quando eu vejo o pessoal batendo palma, aí vem e falam assim: Vocês estão dançando muito bem, que bom! Isso pra mim, já é maior que qualquer dinheiro, que qualquer coisa que possa me dar na vida. Só a trajetória de eu ter conquistado de eu não ter desistido no meio, pra mim é a melhor coisa.

P - Você pensou em desistir?

R - Eu já pensei em desistir do projeto do Ivaldo no começo. **(Porque?)** Porque exigia muito. Na verdade, eu sentia falta do que eu fazia. Que o fato de eu ir pra capoeira que era uma coisa muito forte assim, no que eu fazia, eu tive que deixar a capoeira, as danças folclóricas que eu adoro, a dança afro, eu tive que deixar. E eu também, participava de uma banda, então eu via o pessoal indo apresentar e era uma coisa que eu adorava e eu não podia ir. Então, logo no começo eu pensei em desistir por isso. E eu gostava da parte do Ivaldo, mas só que tomava muito tempo e ainda era no final de semana onde acontecia as melhores coisas assim. Aí eu pensei em desistir. Mas quando, por exemplo, no primeiro ano, demorou um ano e a gente estreou o Samwaad. Aí passou o ano todo, aí falaram: Talvez não vá voltar o projeto, então vocês podem arrumar emprego, tudo. Aí eu falei: se voltar o projeto que vou pegar firme dessa vez. Aí voltou e eu peguei firme, também fui meio que me adaptando.

P - Você se sente privilegiada por estar aqui?

R - Ah, eu me sinto privilegiada, mas eu acho que é uma conquista né. E também que eu penso que de alguma forma Deus me abençoou, por ele ter visto que eu caminhei tanto, que eu procurei, que eu queria estar no meio da dança e que eu tive que passar por várias barreiras. Eu creio que ele me abençoou mesmo.

P - E você vê a dança como uma obrigação?

R - Não, jamais! A dança pra mim é felicidade. É muito bom pra mim dançar mesmo. Eu prefiro estar no meio da dança feliz, dançando, do que só por uma obrigação, por eu ter que ganhar dinheiro. Só o fato de dançar, pra mim já ta ótimo.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar que você acha importante?

R – Não.

Sujeito 07 – 19 anos – Novolhar

P - Porque você se interessou em participar da ONG?

R - Porque ela tinha recursos de cultura que nem muitas vilas pobres tem. Que não tem uma ONG pra ajudar e como eu não fazia nada, só estudava, aí eu me interessei por essa ONG. Lá no começo eu só ia tipo, pro lanche, só pra fazer lanche. E aí eu fui me interessando por algumas aulas, aí eu continuei me interessando pela dança.

P - Onde você mora?

R - São Miguel Paulista, União de Vila Nova.

P - Como era antes a sua vida e depois que você entrou na ONG?

R - É acrescentou mais, como chama, acrescentou bagagem, que eu não sabia quase nada, porque eu gostava mais de rua. Por causa nova pra dançar, aí eu entrei na ONG, fui tendo mais conhecimento de algumas danças que eu não tinha conhecimento e tendo mais aprendizado, mais cidadania. É isso.

P - E quais eram as oficinas oferecidas pela ONG?

R - Cidadania, teatro, jornalismo, psicologia, vídeo, rádio, marcenaria, curso de estampa e dança de rua.

P - Como foi a seleção do Ivaldo pro Dança Comunidade dentro da sua ONG?

R - Foi o Mauro, que tinha uma base de dança e chegou na ONG e falou que tinha um ensaiador, que era o Ivaldo coreógrafo, que ia ter uma seleção, seleção pra alguns jovens. Aí, tinha muitos jovens e ele selecionou alguns jovens pra ir fazer esse teste que foram dez, passaram os dez, todos os dez passaram.

P - No início qual era a sua relação com a dança, como você a via?

R - Só por curtição. Vou só pra curtir, pra fazer modinha. Que todo mundo dançava, ia pro baile. Fazer o que, ia ficar parado no baile? Ia só pra... Aprendia alguma coisinha. Sexta-feira era de salão, ia lá, dançava um pouquinho e já era.

P - E o que você acha da dança hoje?

R - Dança agora é manifestação cultural. Agora todo mundo corre atrás, porque dança agora é futuro. Futuro, todo mundo que dança, agora ta crescendo, ta crescendo! É difícil aqui em São Paulo, aqui em São Paulo é, a área da dança, ela não é muito conhecida, que é difícil de arrumar patrocínio, mas tipo, como faze também, é difícil arrumar. Mas agora correndo atrás, correndo atrás, vai crescendo.

P - O que sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - No começo, eu fazia dança de rua, eu fazia balé. Meu pai, eu não falava nada pro meu pai. Eu ficava só na minha, e um dia apareceu na televisão eu dançando balé. Aí ele olhou pra minha cara: é você! Não acredito. Aí, ele ficou meio assim, mas depois ele foi aceitando, aceitando. Minha mãe sempre deu apoio, daí eu comecei a fazer dança de rua, e eu to aqui, e isso na maior ajuda.

P - Eu queria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias atuais.

R - Foi na base do aprendizado, aprendizado, luta, força de vontade, muita capacidade de aprender, aprender, que não é só vir, fazer dança e não querer correr mais atrás de nada. Tá baseado naquilo que você faz, conhecer várias culturas, várias coisas diferentes. Aí se cresce se sentindo como todo mundo.

P - Você se sente privilegiado por estar aqui?

R - Muito, porque nem todos os que moram na periferia tem a mesma oportunidade de estar aqui, aprendendo várias coisas, tendo um salário como eu tenho.

P - E você vê a dança como obrigação?

R - Não, força de vontade mesmo. Se fosse obrigação eu não estaria aqui, taria recebendo mais por fora.

P - Você pensou em desistir?

R - A sempre tem. Quando sai pegada assim, aí você pensa dia de sábado tem ensaio das sete da manhã as cinco da tarde. Aí o ensaio era tipo no SESC Pompéia e tinha um murinho que dava pra ver lá fora, todo mundo curtindo, o sol, a piscina e a gente ensaiando. Aí dá vontade de pegar as coisas e ir embora, mas segurava e agüentava.

P - E você só vê a dança como curtição?

R - Não, como base de cultura e aprendizado. Pra alguém que espelha em você, porque sempre tem alguém que espelha você.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar que você acha importante?

R – Não.

Sujeito 08 – 21 anos – Centro de Educação Nossa Senhora Aparecida

P - Porque você se interessou em participar dessa ong?

R - Eu me interessei, porque eu vi que era um projeto que ia além dos meus planos na carreira da arte, da cultura e por isso eu corri atrás.

P - E quais eram as oficinas oferecidas pela ONG?

R - Era dança de rua, percussão, auxiliar de escritório, curso de computação também e só, acho que só.

P - Quais cursos você fazia?

R - Eu fazia percussão, fora eu fazia capoeira, fora da ONG. Dentro da ONG eu fazia auxiliar de escritório e computação e dança afro também.

P - E como era antes a sua vida e depois que você começou a participar da ONG?

R - Antes assim, eu não tinha uma clareza do que realmente era cultura, do que é arte. Assim, aquele desenvolvimento, essa magia toda, agora hoje eu já tenho mais conhecimento nessa área e acho que é essa área que eu pretendo seguir pra mim.

P - Você mora onde?

R - Eu moro na Zona Leste, no bairro União da Vila Nova em São Miguel.

P - Como foi a seleção do Ivaldo para o Dança Comunidade dentro da sua ONG?

R - Dentro da minha ONG, os professores não falaram muita coisa no começo. Só falaram: Ah tem um carinho aí – modo de falar dele assim naquele tempo – que ta procurando jovens/adolescentes pra ta fazendo aula de dança. E ia ter uma mensalidade também nesse curso. Aí, a gente foi um certo dia, que eu não me lembro o dia certo assim, pro Belenzinho fazer esse teste. E daí ficaram a maioria dos participantes da ONG também.

P - No início qual era a sua relação com a dança, como você a via?

R - Eu a via como um mundo diferente, uma coisa assim, não tava explorada por mim ainda, tava buscando essa alegria, essa energia, essa vibração dentro de mim. Era uma coisa diferente, inexplicável.

P - E o que você acha da dança?

R - Eu acho que a dança envolve. Te muda totalmente, te faz sentir outra pessoa. E a dança é algo assim: surpreendente, que te faz evoluir como ser humano, como cidadão, que faz crescer cada vez mais é como pessoa, como ser no mundo de hoje.

P - Você vê a dança como obrigação?

R - Não, eu vejo como uma profissão. **(Só?)** Não, como uma profissão que eu pretendo seguir. Além de, não penso assim nesse modo de obrigação, é isso que eu quis buscar, é isso que eu pretendo seguir até o fim.

P - Você só vê a dança de maneira profissional?

R - Não, também vejo como um esporte, como um momento de lazer às vezes.

P - O que sua família achou da sua participação no Dança Comunidade?

R - Eles pensavam que não era uma coisa assim maior, algo assim muito importante. Eles pensavam que eu ia pra festa, era tudo assim, invenção minha, até eles assistirem a primeira vez o espetáculo e ver o resultado, o DVD, os livros. Aí foi que eles caíram na real, assim. Começaram a perceber que o meu trabalho era uma coisa mais importante na minha vida.

P - Eu gostaria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias atuais.

R - Eu era assim, uma menina muito moleca. Adorava assim, brincar de jogar bola – o esporte preferido que eu gostava muito era jogar bola – eu jogava em campo, society essas coisas assim. Adorava entrar em campeonato na escola e fora também, eu conhecia muita gente assim que eu cheguei em São Paulo. **(Você não era daqui?)** Não, eu era de Brasília. Aí cheguei aqui e comecei a treinar e comecei a jogar society, campo pequeno. E o que eu mais gostava além de jogar bola era estudar. Até hoje, gosto muito. E essa era a minha rotina, era o meu dia-a-dia, era sempre: saía da escola e ia jogar bola. Não ficava um dia sem jogar bola. E daí, eu comecei a fazer o curso na ONG Nossa Senhora Aparecida e daí então, mudou totalmente, porque eu adquiri mais responsabilidade. Foi, a gente ganha algumas coisas e perde outras. Não pude mais, não to podendo ta jogando, toda vez saí da escola ir jogar. Agora sempre to, tenho que ter outras responsabilidades para fazer

outras atividades, que é estudar muito além da escola, na ONG naquele tempo. E a escola do Ivaldo também porque além de estudar na ONG, que eu tinha que fazer curso de auxiliar de escritório, percussão e computação e além da escola, a gente tinha que arrumar um tempo pra estudar o método do Ivaldo. Aí depois que eu fiz o teste, que eu acabei tendo mais firmeza no que eu ia fazer agora.

P - Você pensou em desistir?

R - Em alguns momentos sim, porque às vezes, dá um desespero muita dor no corpo, muito cansaço, mais sempre vem um outro dia, outras idéias na mente, outra vontade de estar fazendo tudo de novo.

P - Você se sente privilegiada por estar aqui?

R - Um pouco. Só que esse resultado de estar aqui veio mais pelo meu esforço, por estar correndo atrás, por estar batalhando e não desistir na primeira. Me sinto privilegiada, pois eu tô sentindo o meu resultado, eu tô vendo o meu resultado, do meu esforço.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar que você acha importante?

R – Não.

Sujeito 09 – 21 anos – Sarambeque

P - Porque você se interessou em participar da ONG?

R - Na verdade eu comecei com dança de rua aos dezesseis anos. E comecei a fazer aulas no Centro Cultural Monte Azul, e lá eu conheci a diretora através de apresentações que o meu grupo fazia. Aí, eu comecei a me envolver com a ONG,

fazendo apresentações com o grupo Unidos do Monte Azul, que ela é diretora desse grupo, junto com a ONG tem o grupo Unidos do Monte Azul, foi a partir daí, que a gente foi criando elos e trabalhando junto.

P - Você continua na ONG. Você faz o que hoje lá?

R - Na Sarambeque, eu dou aulas como voluntário de Dança de Rua.

P - Como era antes a sua vida e depois que você começou a participar da ONG?

R - Antes, eu fui criado desde pequeno na ONG, eu já passei por creche (**Nessa ONG?**) Na ONG Monte Azul, do lado, antes de vir a Sarambeque. E cresci, e trabalhei como Office-boy na ONG – duração de dois anos. Após acabar os dois anos eu comecei/já tava fazendo dança de rua, eu fiquei pouco tempo desempregado. Aí teve a proposta do projeto, então eu tive um envolvimento, eu cresci, minhas tias trabalham, são mãe de creche, cuidam de jovens, minha mãe me matriculou na ONG, então eu fui crescendo é com trabalho social.

P - Quais são as oficinas oferecidas pela ONG?

R - Marcenaria, reciclagem de móveis, reciclagem de papel, computação, saúde, dança de rua, enfim.

P - Como foi a seleção do Ivaldo para o Dança Comunidade dentro da sua ONG?

R - O Ivaldo enviou o convite para a diretora da ONG, querendo jovens envolvidos com a arte/educação, e ele fez o teste no SESC Belenzinho. A gente fez o teste através da ONG, teve o convite da diretora e aí a partir daí começou o projeto.

P - No início qual era sua relação com a dança, como você a via?

R - Antes, quando eu comecei com a dança de rua, eu fui atrás do conhecimento dela por prazer né, de tão rica que ela é, bonita, interessante pra mim, pra minha pessoa né, jovem, homem que mexe tal. E não tinha conhecimento, fazia mais por prazer, por hobby. (**O que é hobby pra você?**) Hobby pra mim é diversão, fim de semana, sai de segunda a sexta do trabalho e esfriar sua cabeça, esquecer dos problemas, isso pra mim é um hobby. Aí você vai lá pra dança e fica a vontade,

esquece dos problemas. Aí, meu professor, começou a dar oficinas, a explicar da história da dança de rua, explicar a linguagem e começou a surgir o interesse maior pela dança. Começou a despertar e eu comecei a correr atrás, sobre a informação, sobre a dança de rua. Nesse tempo teve o convite do Ivaldo Bertazzo e a gente começou a trabalhar no SESC Belenzinho. Aí foi ampliando mais e mais o conhecimento.

P - E o que você acha da dança?

R - Dança pra mim é... dançar que ta relativo ao hobby, que é esquecer um pouco o que você é e o que você faz. Se deixar livre ao acontecer.

P - O que a sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - Num primeiro momento, teve dúvida da minha mãe, porque ela não sabia o que ia da né. Se ia da uma estabilidade no futuro pra mim, como formação. Ela muito preocupada, naquela fase de dezesseis a dezoito anos, pra inserir no mercado de trabalho, fazer faculdade, então ela tinha essa dúvida, expectativa do que eu ia ser. Mas, ela apoiou, sempre apoiou.

P - Eu gostaria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias atuais.

R - A dança me proporcionou muito conhecimento de... na questão eu falo de... Eu com dez anos, eu comecei a jogar bola, queria ser jogador profissional. A minha família apoiava, meu tio me levava aos clubes, eu era de escolinha o tempo todo, até os dezesseis anos. Só que, por condições financeiras, não deu pra continuar porque minha família é do interior de Minas Gerais, veio pra São Paulo e aqui em São Paulo os clubes aonde eu moro, Zona Sul, ficam muito distantes. **(Que bairro você mora?)** João Dias, Santo Amaro. Então, conforme a distancia, porque você tem que pagar condução e a minha mãe não tinha condições nessa época de sustentar a minha condução. E, eu tinha escola, tinha que estudar enfim. Aí eu conheci a dança aos dezesseis anos e eu já tava encerrando essa parte de ser jogador, desistindo né, por condições. Ai que começou a mudar a história porque não era uma coisa de escolha, porque foi meio escolha, você fechar num foco só, mas na verdade, quando você escolhe uma coisa, muitas vezes não é o que você

vai ser, ou o que você quer. Então, a dança a partir do momento que a dança entrou na minha vida, ela começou a ampliar esse campo de visão que eu não tinha, quando eu era mais jovem. Também né, eu acho que difícil e começou a ajudar bastante. E hoje em dia, eu tenho a consciência que eu posso ser um bailarino ou um professor, ou mais que isso, tenho opções né. E ela ampliou acho assim pra mim e foi fundamental assim na formação da minha pessoa.

P - Você se sente privilegiado por estar aqui?

R - Me sinto, porque é uma oportunidade que muitos não tem. E me sinto sim, porque o projeto além de tudo, o diretor é muito... não é muito, todos são na verdade, diretor de projeto são exigentes, mas por um lado profissional...

P - Você vê a dança como obrigação?

R - Sim, pra quem quer seguir é uma obrigação. Eu quero seguir nessa área, e eu me sinto na obrigação de estudar cada vez mais, pra ir atrás do que eu preciso.

P - Você pensou em desistir?

R - Já pensei sim. **(Porque?)** Por indecisões, não saber o que vai me auxiliar na formação profissional.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar que você acha importante?

R - Não.

Sujeito 10 – 21 anos – Gol de Letra

P - Porque você se interessou em participar dessa ong?

R - Na verdade eu fui convidado, eu fazia teatro na escola onde eu estudava e aí meu professor de teatro foi chamado pra dar uma oficina de teatro lá, da qual depois ele acabou um tempo dando aula. E ele convidou os meninos da escola que já

faziam teatro com ele, pra ta indo fazer uma aula lá também. E aí, nisso tinha uma seleção pra mediador de leitura que ia ser formado pela Fundação ABRINQUE, pra trabalhar mais ou menos como contador de história, só que usando o livro como ferramenta, e aí, eu fui uma das pessoas chamada pra fazer isso. E foi assim, que eu acabei entrando em toda essa área do terceiro setor.

P - Como era a sua vida antes e depois que você entrou na ong?

R - Antes eu fazia milhares de coisas, depois aumentou as milhares de coisas. **(Quais eram as milhares de coisas que você fazia antes?)** Eu era do Grêmio Estudantil, eu ajudava a organizar alguns eventos na escola, eu participava de grupos de dança, já organizado, eu e os meus amigos. E aí, quando eu entrei pra trabalhar na Fundação, eu só direcionei isso um pouco mais para o terceiro setor, pra ONG no caso, onde eu trabalhava. Então eu acabei assumindo outras posições como educador, como organizador de eventos e aí foi cada vez mais tomando o meu tempo, porque na época eu ainda estudava também.

P - Quais eram as oficinas oferecidas pela ONG?

R - A Gol de Letra, ela trabalha ainda hoje, com crianças de sete a catorze anos e nove meses, no Projeto Virando o Jogo, que é complementação escolar. Então, tem arte, tem dança, tem futebol, tem um monte de coisa. Daí tem um outro projeto que chama FAC, que trabalha com jovens de quinze a vinte e um anos, que aí é mais focado pra dança, musica, grafite, jornal – o impresso que tem o jornal da comunidade que eles fazem. Aí tem os monitores da biblioteca, ai tem os mediadores de leitura que agora também está nesse projeto, que eu me lembre é isso.

P - E no início qual era a sua relação com a dança, como você a via?

R - Pra mim, a dança assim como o teatro, sempre foi meio hobby. **(O que é hobby pra você?)** Fazer por curtição, a eu gostava levava jeito, tava dando certo, tamo fazendo. Era meio curtição, nunca pensei em levar a sério, tanto é, que dançava na escola, cheguei a dar umas aulas pras crianças na Gol de Letra também, mas só como curtição, nada muito a sério.

P - Como foi a seleção do Ivaldo para o Dança Comunidade dentro da sua ONG?

R - Ele convidou, ele já tava com o Projeto já estruturado, já tinha começado acho que já tinha um ou dois meses, mais ou menos. E aí, faltava alguns jovens e ele convidou a Gol de Letra pra mandar os jovens de dança, pra ta fazendo parte dessa seleção. Aí vieram vinte e cinco mais ou menos, no qual tiraram acho que dez, e aí desses dez acho que somos em oito, seis, oito aqui dentro mais ou menos.

P - E o que você acha da dança?

R - Hoje eu vejo como uma coisa mais profissional assim, mais ainda é um hobby porque, eu curto muito o que eu faço, eu me divirto muito. Mas, eu levo muito mais a sério hoje do que antes. Eu me identifico bastante, porque é como se fosse um falar sem precisar falar, é uma busca do corpo pra se identificar no espaço, pra escrever no espaço alguma coisa que você ta sentindo. Claro, que aqui dentro a gente tem um direcionamento das coreografias e tal, mas existe alguns momentos onde o meu corpo é livre, então, eu posso fazer coisas que ele ta a fim de fazer. Então, é uma coisa muito gratificante assim espiritualmente falando.

P - O que sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - Minha irmã achou que eu era louco, porque na verdade, no mesmo dia em que eu fui selecionado pra ta aqui trabalhando com o Bertazzo, eu tinha uma entrevista de emprego onde eu iria ganhar muito mais, eu tinha um plano de carreira, eu tava tudo muito mais estabilizado, e mais certo do que ta aqui dentro, que era um projeto que poderia ser finalizado, a qualquer momento. Daí, eu falei pra ela: Eu tenho essa opção, eu posso ir e fazer alguma coisa, trabalhar num escritório que é uma coisa que eu não gosto, que eu me sinto preso, eu me sinto incomodado de fazer, que é uma coisa certinha; ou eu posso me arriscar nesse lado artístico e de repente dar certo. E aí deu certo, to aqui.

P - Eu gostaria que você fizesse um relato da sua historia de vida – antes da dança até dos dias de hoje.

R - Eu comecei na área artística mais no teatro por acidente também. A minha vida é cheia de acidentes e que deram certo. Eu comecei a assistir alguns ensaios de teatro de um grupo que tinha lá, que o meu cunhado fazia parte, e aí, eu comecei a freqüentar porque gostava simplesmente de olhar. Aí, teve um dia que faltou um personagem, e aí pediram pra eu ficar lendo o texto. Só que eu já tinha decorado o texto de tanto assistir, e aí acabei sendo convidado pra ficar nesse grupo, que é onde começou a minha história com o lado artístico. Aí, eu fui parar na Gol de Letra por conta desse meu professor de teatro, que foi dar aula lá, fui convidado pra ser mediador de leitura formado pela Fundação ABRINQUE. Aí, comecei a trabalhar com crianças do Virando o Jogo na Gol de Letra, onde eu passei acho que três anos, depois eu comecei a capacitar jovens pela Fundação ABRINQUE para serem mediadores de leitura e ao mesmo tempo, comecei a trabalhar na Gol de Letra como agente articulador da área social onde organizava eventos, era responsável por representar a Gol de Letra em diversos espaços da comunidade, fazer diálogo diretamente com o pessoal da comunidade. E aí, teve esse convite pra ta dançando com o Bertazzo. Aí vim parar no Bertazzo, comecei a dançar com ele, aí virei assistente aqui na escola e agora só to dançando com ele na companhia mesmo.

P - Você se sente privilegiado por estar aqui?

R - Sem dúvida, sou privilegiado por estar vivo, por estar aqui sou privilegiado duas vezes. Eu acho que é um projeto bacana, que vale a pena. Mesmo assim, acho que teve grandes modificações nesse decorrer no processo mesmo de, claro que são sutis, a gente vai acrescentando a coisas que você já fazia, mas se você parar e conseguir fazer um feedback do passado, você vê que você evoluiu muito, e então, realmente eu acho que eu sou privilegiado por estar aqui.

P - Você já pensou em desistir?

R - Já, várias vezes. Acho que todo mundo aqui dentro pensou. **(Porque?)** Porque eu já participei de vários projetos sociais, tanto como monitor como assistenciado ou assistencializando e tudo mais. E aqui tem uma característica que eu acho bacana que é assim: é um projeto social, mas que busca uma qualidade então, ele te exige muito. Então, por muitas vezes você diz: Pó, já to de saco cheio, não agüento mais, não vou mais. Mais tem um sentido que faz você continuar, eu acho que é por isso que eu to aqui, acho que por conta desse trabalho que tem por trás exigência, mas

também de saber que é um trabalho social. Então, a gente pode colocar os dois juntos, porque o que eu não gosto no trabalho social é aquela coisa de: Ah é um trabalho social, tudo bem fazer uma apresentação de fim de ano onde eles estão errando, onde eles não estão nem aí. Quando na verdade você não está se transformando, você tá usando pra gastar dinheiro. Quando aqui dentro você tem uma transformação, porque busca mesmo isso, e aqui dentro muitas pessoas descobriram que não é essa área de dança que vai seguir. Alguns querem ser fisioterapeutas, outros psicólogos, outros querem ser professor de esporte, então, achei bacana isso dentro do projeto, essa coisa que teve e que não achei nos outros.

P - E você vê a dança como obrigação?

R - Não obrigação, porque obrigação é uma coisa que você tá fazendo forçado. Forçado a fazer uma coisa é obrigação. Eu vejo como um prazer, eu acho que eu vejo mais, ainda curto muito, ainda eu acho que é um hobby, mesmo sendo uma profissão eu acho que é um hobby.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar que você acha importante?

R – Não.

Sujeito 11 – 18 anos – Gol de Letra

P - Porque você se interessou em participar da ONG?

R - É que lá tem o projeto que é Formação de Agentes Comunitários, que é só para jovens. Então tem várias oficinas: tem dança, tem a capoeira, tem teatro, tem essas

várias arte mesmo da cultura. E então, eu resolvi fazer uma dança por causa de uma amiga minha, que ela que me convidou. Eu queria ver só pra experimentar mesmo, se eu gostasse no primeiro dia, eu ia continuando nos outros dias, até que eu gostei era dança contemporânea que a gente começou a fazer. Aí fiquei um ano, um ano e meio lá, até entrar no projeto.

P - Como era antes a sua vida e depois que você entrou na ONG?

R - Na ONG, antes acho que o interesse mesmo pela cultura, pela arte da dança mesmo, porque antes só ficava em casa, assistindo T.V., dando de doméstica digamos assim. E lá eu encontrei um outro caminho né, que eu pude me especificar, ter mais visão do mundo, do bairro onde eu vivo. **(Onde você mora?)** Eu moro na Vila Albertina, Zona Norte de São Paulo. É ter mais conhecimento do meu bairro, dos problemas que acontecem, que na verdade, não só era dança, a gente tinha uma visibilidade, davam essa visibilidade pra gente né, de ta compartilhando também com a nossa comunidade.

P - E quais eram as oficinas oferecidas pela ONG?

R - Oficina de dança, teatro, artes plásticas, capoeira, música, jornalismo/jornal, acho que é isso.

P - No início qual era sua relação com a dança – como você a via?

R - No modo de me expressar, o modo de se expressar tem vários jeitos né. É o modo de me ver mais livre, mais integrada ao grupo, é sentir o grupo, é sentir a mim mesma dentro de mim, fazendo os movimentos tendo mais liberdade, dentro de mim. Me sentir mais em liberdade, dentro de um espaço.

P - Como foi a seleção do Ivaldo dentro da sua ONG para o Dança Comunidade?

R - É que foi o seguinte: a gente chegou depois de dois meses de trabalho que ele já tinha começado aqui. Então, ele convidou a nossa ONG a Fundação Gol de Letra, aí fez o teste e tinha dezoito bailarinos da nossa ONG e só tinha dez vagas. A gente

pegou fez o teste com todos os bailarinos. Aí, ele deu uma coreografia, na verdade foi a assistente dele que deu uma coreografia, aí tinha que um por um passar lá, e aí eles viam quem era legal, quem não era. Aí que foi feita a seleção. Mas a gente entrou depois de dois meses de trabalho que já tava com o outro pessoal.

P - O que você acha da dança?

R - Da dança? Ela é bom porque te faz sentir outra pessoa. É, ela é muito visível assim, na minha vida, é uma coisa que eu gosto muito, que me deu muitos olhares assim, diferentes das coisas, que acho que mudou, acrescentou mais na minha vida, no meus conhecimentos, no meu corpo, tenho mais visibilidade de tudo. Acho que faz abrir nossos olhos assim, é uma coisa que eu me encontrei mesmo, assim, eu gosto até hoje, não me arrependo de ter entrado. Desde a minha ONG, foi uma coisa muito boa que aconteceu mesmo comigo.

P - O que sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - A minha família, foi muito presente assim na minha vida, é sempre apoiaram, acho que nunca teve: Ah você não pode fazer isso, eu não quero que você faça isso. Sempre, eles me apoiaram muito porque, é uma coisa que eu gostava e é uma coisa que eu queria seguir. E eles, sempre deixaram que isso acontecesse por minha conta né, sem que eles interferissem. Então, sempre deu certo, eles me apoiaram, sempre tava junto de mim quando eu precisei, quando eu preciso mesmo, né. Dos momentos difíceis que tem aqui dentro, que a gente passa aqui dentro, então é sempre bom, eles sempre estiveram no meu lado.

P - Você pensou em desistir?

R - É que tem algumas situações aqui dentro, que às vezes a gente para pra pensar, que é muito difícil. Acho que cada um aqui teve o seu momento mesmo né. Eu já tive, mas acho que foi um momento mesmo né, e que eu guardei isso pra mim, e eu não queria contar isso pra ninguém, que eu achei que era um momento mesmo né, que acho que ia se resolver com o tempo. Acho que desistir, desistir por causa das conseqüências, dos problemas que tem aqui dentro né, mas pra mim foi uma... só um momento mesmo passageiro. Acho que importante, porque é difícil muito ta aqui dentro.

P - Eu gostaria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança até os dias atuais.

R - Bom, eu vou começar pela minha entrada na ONG, que eu comecei lá com onze anos, que era o programa Virando o Jogo, que era pras crianças. Então, eu entrei lá desde pequena, aí que eu fui tendo conhecimento de todas as artes que é possível e que eles deram pra mim. Entrei lá com onze anos, eu participei de várias atividades lá, fui indo, fiquei quatro anos nesse processo do Virando o Jogo, aí eu saí com catorze anos de lá – desse projeto né – digamos pré-adolescente. Aí, depois que eu fui pro FAC que é Formação de Agentes Comunitários, que deu essa oportunidade de ta aqui dentro, fiquei um ano e meio tendo todo conhecimento da dança contemporânea, com a minha professora Luciana, que eu admiro claro até hoje. Aí depois eu entrei aqui, entrei com quinze anos. No começo foi super difícil tal, porque era uma coisa totalmente diferente na minha vida, que a gente ficava meio perdido. O que é que a gente ta fazendo aqui dentro? Porque? Mas daí o que foi, foi passando o tempo, a gente foi adquirindo mais conhecimento, mais força mesmo, mais vontade que eu senti que é isso mesmo que eu quero pra minha vida, que eu quero continuar seguindo isso. Acho até onde der, até onde eu conseguir mesmo. É com a dança eu quero continuar mesmo e se der passar toda essa idéia do lvaldo de ta passando pra outras pessoas, que se der pra ser professora, acho que é o que eu quero mais pra frente, mas é sempre ta dançando, é sempre ta com a dança dentro de mim. Isso não vai sair nunca, mais eu quero ta dançando, acho que é esse o processo.

P - Você se sente privilegiada por estar aqui?

R - Acho que sim né, porque acho, eu sempre lembro desde o primeiro dia que eu fiz o teste, que foram escolhidos os dez, e a décima pessoa fui eu a ser escolhida, então tinha um fiozinho ali, sabe. Acho que hoje eu sei que foi um privilegio ta aqui, porque teve digamos a oportunidade, porque eles sempre chamavam algumas pessoas que não tavam muito bem, às vezes eles dispensavam as pessoas né. Às vezes, eu ficava com medo, com um frio na barriga. Será que ele vai despedir a gente agora? Será que ele vai mandar a gente embora? Será que ele não ta gostando da gente? Eu acho um privilegio mesmo, acho que foi isso que eu aprendi mesmo.

P - Você vê a dança como obrigação?

R - Não, eu vejo como uma vontade mesmo, porque obrigação acho que ninguém tá aqui. Acho que pelo menos eu tô aqui porque eu gosto, porque eu quero, porque eu aprendi a gostar disso. Obrigação não, por mais que tem o salário, tem a carteira tal, mas como desde o começo eu tô aqui por vontade, é porque eu gosto, é porque é isso que eu quero pra mim.

P - Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar que você acha importante?

R – Não.

Sujeito 12 - 21 anos – Gol de Letra

P - Porque você se interessou em participar da ONG?

R - É porque desde o começo eu tô lá né. Desde quando fundou a instituição, porque eu moro do lado né. **(Onde você mora?)** Na Vila Albertina, Parque Ramo de

Freitas, é do lado da Fundação. Então, porque era uma escola que foi desativada, então, não tinha muita coisa de cultura dentro da própria comunidade. Então, quando surgiu isso foi uma oportunidade pra todos se envolverem. Quem conseguiu, conseguiu, quem não conseguiu ficou à espera né. E antes de fundarem a Fundação, ele já tinha a idéia que seria algo envolvido com a cultura, com aprendizado, com a educação. Então, logo me interessei porque já tinha terminado a escola né, o ensino médio. E como tinha essa proposta de trabalhar com adolescentes e multiplicadores da própria comunidade, eu acabei fazendo cursos lá dentro da Fundação, que eram cursos complementares né, de escolar e depois fui pro FAC que era Formação de Agentes Comunitários. Aí, onde foi que eu fiz a oficina de grafite e a oficina de dança com a Luciana, que era dança contemporânea, junto com o Sidney.

P - Como era antes a sua vida e depois que você passou a frequentar a ONG?

R - Antes da ONG, o tempo que eu tinha disponível, eu ficava com os meus colegas e só jogava bola. Só estudava e jogava bola, porque era isso que a gente tinha. Um tempo disponível pra isso né, ou desenhava, porque a gente desenha já há bastante tempo. E depois da ONG, a gente começou a ter ensinamentos da própria cultura, até da própria arte que a gente começou a ter: artes visuais, artes plásticas, não somente o grafite que é uma linguagem urbana, a gente começou a ter uma linguagem mais clássica sobre a arte assim.

P - Quais eram as oficinas que a ONG oferecia?

R - Nossa eram bastante, e foi aumentando com o passar do tempo. Começou com o Virando o Jogo, que era de sete a catorze anos que era complementação escolar. Depois dos catorze anos você entrava no programa FAC, que era a Formação de Agentes Comunitários que atendia na área do teatro, música, dança, grafite, fotografia, e jornal, e com o passar do tempo foram tendo outras complementares a isso, que teve artes visuais em cima das artes plásticas, teve musica e começou a ter outras em cima.

P - Como foi a seleção do Ivaldo para o Dança Comunidade dentro da sua ONG?

R - Bom, a gente ficou sabendo, eu nem sabia quem era o Ivaldo na verdade né, nem tinha idéia e porque era pouco tempo que eu tava fazendo dança, tinha cinco meses antes da audição do Ivaldo. E aí, a ONG foi convidada pra fazer a audição aqui no SESC Pompéia, não, foi no SESC Belenzinho e aí a gente fez a audição lá e sabíamos que só ia ficar uma porcentagem do grupo, não iam ser todos que iriam passar, porque a gente entrou depois de dois meses que já tinha o grupo formado né, já tava com a idéia do grupo formado do Ivaldo. Então, a gente chegou depois que eles já tinham passado por uma audição pessoal do grupo hoje em dia e foi muito diferente assim, porque a gente não sabia a linguagem que ele ia aplicar e a professora também, a Luciana ela deixou meio assim abstrato o que que seria, até mesmo ela não sabia o que era.

P - E no início qual foi a sua relação com a dança, como você a via?

R - Bom, eu vou ser sincero, eu só via pra esse lado da arte, mais pra estética, pra rumo das artes plásticas. Quando eu comecei a fazer dança, eu só me interessei por causa das meninas, aí eu fui fazer dança porque tinha menina pra caramba lá na ONG, eu falei: Eu vou deixar essa oportunidade nada. E aí a professora me convidou pra dançar, porque faltava homem, porque faltava homem pra dançar e aí eu e o Sidney fomos convidados pela professora da ONG, pra ta dançando. Mas, eu nunca tive um preconceito forte assim sobre o homem ta dançando ou a mulher e tudo mais. Mas era diferente, era uma linguagem que eu não conhecia e não dominava, hoje em dia eu tenho outra visão.

P - E o que você acha da dança?

R - Bom, é engraçado porque a minha comunidade ela é um pouco meio careta, assim né, em relação ao homem ta aplicando esse tipo de atividade. E aí logo no começo, que eu comecei a fazer dança, olha o Wanderley, ta virando a casaca, ta virando viadinho e tudo mais, o cara que colava com a gente e pa a maior pinta de machão e agora ta rebolando né, os moleques falavam. E com o passar do tempo eu fui quebrando esse próprio tabu, dentro da própria comunidade né, que via que não era somente rebolar no sentido mais bizarro né da coisa, tinha toda uma proposta, tinha todo um fundamento por cima do corpo e, com o passar do tempo eu fui percebendo que o dançar realmente, a gente sempre dançou né. Desde a partir do momento que a gente se mexe, quando a gente se movimenta a gente tem

uma liberdade de expressão com o corpo, se comunicar e tudo mais. É, só que a gente esquece disso com o passar dos tempos, a gente chega na fase da adolescência e a gente esquece isso, a gente não dá a mínima pra questão corporal, deixa, ta muito na questão da própria identidade, do próprio relacionamento né, ta constituindo uma família e tudo mais né, a partir dessa época da sua vida, e é isso.

P - E o que a sua família achou num primeiro momento da sua participação no Dança Comunidade?

R - Bom a minha mãe nem sabia que eu ia fazer o teste, que eu fiz a audição. Ela ficou sabendo só depois que eu passei, porque eu não queria, ela nem na própria Fundação, ela ficou sabendo que eu logo entrei na dança, ela só viu na apresentação que eu fiz. E ela ficou surpresa, assim né, porque como que eu saio de uma linguagem, saio de um contexto totalmente diferente, entro nessa linguagem da dança e consigo me envolver tão fortemente né. E aí foi muito prazeroso de ela ta vendo o meu trabalho sendo exposto assim logo no primeiro dia do espetáculo né, que daí ela ficou emocionada e tudo mais.

P - Eu gostaria que você fizesse um relato da sua história de vida – antes da dança, até os dias atuais.

R - Meu Deus, antes da dança? Bom, antes da dança, eu tinha um pouco mais de tempo e tinha uma outra visão sobre arte né. E com o passar do tempo, eu fui enriquecendo mais ainda esse conhecimento, e consegui mesclar essas duas visões né, tanto da arte cênica, quanto de arte visual com o passar do tempo. E hoje eu percebo, que sou enriquecido de conhecimentos e posso ta passando isso pras outras pessoas, que eu tenho um outro ensinamento, que é das artes visuais. E o que mais meu Deus, eu tenho que ser breve porque a minha vida é longa. E foi dentro da dança que eu conheci vários tipos de culturas né, e afetividades que eu só me localizava dentro da Zona Norte, nunca saí muito pra essa questão de centro, nem outras regiões a não ser que era alguma exposição, alguma coisa assim. E foi aqui dentro do Projeto que eu comecei a ver que existiam outros vários tipos de cultura, dentro da mesma várias outras pessoas, vários outros tipos de linguagem dentro da mesma cultura. E a amizade que eu fiz aqui dentro, eu acho que foi um dos principais ensinamentos, e como lidar em grupo né, como é que você vai lidar

com um grupo de quarenta pessoas, que você nem conhece, nem sabe realmente o que é que eles querem, porque não é o mesmo propósito de vida. Não quero continuar somente com essa coisa, são vários outros ideais, e como você vai se colocar perante essas pessoas né, você tem que respeitar o espaço do outro, você tem que, eu acho que esse foi um dos principais ensinamentos que deveria ter na vida de todo mundo, como lidar em grupo na sociedade que vive.

P - Você se sente privilegiado por estar aqui?

R - Eu me sinto privilegiado, mas também, eu acho gratificante por uma conquista que eu tive né. Que foram três anos de ensinamento, de esforço, por minha parte né. Que tinha que abrir mão de algo pra ta aqui dentro, então, acabei abrindo mão de varias outras coisas da minha comunidade, pra ta aprendendo o método do Ivaldo. E não me arrependo e pretendo continuar junto com ele.

P - Você pensou em desistir em algum momento?

R - Logo no começo do projeto, quando a gente fez a audição era muito complicado, porque a gente não tinha essa pureza do linguajar do Ivaldo, da técnica do Ivaldo, que era a técnica indiana de reeducação. Então, eu fiquei desesperado pra pegar, a gente entrou depois de dois meses, e ainda uma coisa nova, e tinha que apresentar logo em seguida, que foi o CONAR, antes de apresentar o Samwaad né no Belenzinho. Então, eu fiquei louco assim pra meu como é que eu vou pegar isso? Como que o corpo não tava acostumado precisou de um tempo pra ta respondendo, não era somente a mente que tava querendo, era o corpo que tava precisando de um tempo pra se adaptar naquele gesto. Mas depois que eu consegui passar por esse momento difícil que era tão, entendendo aquela linguagem, eu acho que hoje em dia tudo é mais fácil assim de entendimento.

P - Você vê a dança como obrigação?

R - Não como obrigação, mas sim como responsabilidade que você tem. A partir do momento que você entra nessa vida, é igual a qualquer outra profissão. Se você tem um emprego, que você tem que entregar um relatório naquele dia é seu dever

entregar naquele dia, porque isso faz parte do seu trabalho e a dança é o mesmo, você tem que cuidar, já que você usa o seu corpo pra isso, você tem que abrir mão de algo, às vezes do futebol – jogava futebol direto, já to diminuindo um pouco pra não causar nenhuma lesão, vai que de repente aparece algum espetáculo para mim fazer e eu to machucado. Então, se tem que começar abrir mão de algo pra privilegiar o outro lado. **(Mas você só vê a dança nesse sentido?)** Não, acho que no começo, quando eu não tava fazendo só dança contemporânea, lá na Fundação, é no começo sim, eu fui só interessado pelas meninas, mas com o passar do tempo, eu fui percebendo que era como uma expressão, uma forma de você se comunicar, uma forma de você se expressar né, que às vezes você fica muito aprisionado e no país hoje que a gente vive a gente quase não consegue mais expor nossas idéias né, porque são muitas coisas, muitas informações, muitos outdoors querendo falar isso, muita televisão querendo falar aquilo e é um mundo contraditório, que acaba falando cada um fala uma coisa que quer e acaba fazendo aquilo que eles falam ao contrário. Eu acho que o corpo pode expressar de uma maneira mais pura e mais direta o que você realmente você sente, o que realmente você acha.

P - Você gostaria de estar falando alguma coisa a mais que eu não te perguntei, mas que você acha importante estar relatando?

R - Eu acho que a gente só vive em comunidade hoje em dia, devido a mesmo forma de se falar né, devido à mesma linguagem e quando você abre portas, abre a mente e abre o ego pra ta recebendo essas outras informações. Eu acho que aí sim começa a ter uma percepção do outro melhor e uma comunicação igual.